

CÁSSIA DANIELLE MONTEIRO DIAS LIMA

**ENSINO E FORMAÇÃO: “OS MAIS MODERNOS CONCEITOS E MÉTODOS”  
EM CIRCULAÇÃO NAS JORNADAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
(BELO HORIZONTE, 1957 -1962)**

**BELO HORIZONTE  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
2012**

CÁSSIA DANIELLE MONTEIRO DIAS LIMA

**ENSINO E FORMAÇÃO: “OS MAIS MODERNOS CONCEITOS E MÉTODOS”  
EM CIRCULAÇÃO NAS JORNADAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
(BELO HORIZONTE, 1957 -1962)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:  
Profa. Dra. Meily Assbú Linhales

**BELO HORIZONTE  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
2012**

**Universidade Federal de Minas Gerais**

**Faculdade de Educação**

**Programa de Pós-Graduação**

Dissertação intitulada “*Ensino e Formação: ‘os mais modernos conceitos e métodos’ em circulação nas Jornadas Internacionais de Educação Física (Belo Horizonte, 1957 -1962)*”, de autoria da mestranda Cássia Danielle Monteiro Dias Lima, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profa. Dra. Meily Assbú Linhales – Orientadora

---

Prof. Dra. Maria do Carmo Xavier – PUC-Minas

---

Profa. Dra. Thaís Nivia de Lima e Fonseca – FAE/UFMG

---

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago – EEFFTO/FAE/UFMG (suplente)

---

Prof. Dra. Eustáquia Salvadora de Souza – PUC-Minas (suplente)

Belo Horizonte, 24 de maio de 2012

Dedico este trabalho a minha amada vovó,  
Juraci Valentina de Lima.

“Minha mãe achava estudo  
A coisa mais fina do mundo.  
Não é.  
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.”

(Adélia Prado)

## AGRADECIMENTOS

Nós todos sabemos que a história é um saber cumulativo, no qual nunca partimos do zero, é que devemos muito aos historiadores que nos precederam (DOMINIQUE JULIÁ, 2002, p. 36).

Embora este trabalho seja tratado como individual, o considero como “feito a muitas mãos” e, deste modo, é preciso reconhecer a colaboração de diversas pessoas. Assim, minha sincera gratidão a todos que de alguma forma participaram desse processo...

A Deus por estar ao meu lado e me proporcionar oportunidades maravilhosas como essa.

À professora Dra. Meily Assbú Linhales pela orientação consciente e competente. Pelas trocas e partilhas, pela compreensão, respeito, carinho e cuidado. Sou muito feliz por termos construído, ao longo desses anos, uma relação que comporta tanto o acadêmico quanto o afetivo! Agradeço pela vibração sincera nas conquistas, pelo apoio e consolo nos momentos difíceis.

Ao professor Dr. Tarcísio Mauro Vago pelo exemplo, carinho e atenção. Por me encantar com seu entusiasmo e dedicação pela Educação Física, e pela vida. Sua alegria me contagia! Ainda, pelo apoio, disponibilidade e interesse de contribuir com esta pesquisa desde o momento da elaboração do projeto inicial.

À professora Dra. Thaís Nivia de Lima e Fonseca pelas contribuições valiosas e generosas, desde a submissão de meu projeto de mestrado até este momento. À professora Dra. Maria do Carmo Xavier pelas conversas orientadoras nos Colóquios do GEPHE em Lavras Novas e por ter aceitado ler e tecer contribuições para este estudo. À professora Dra. Eustáquia Salvadora de Souza por ter aceitado o convite de ler este trabalho e oferecer suas contribuições.

Aos professores, coordenadores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social e do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE). Um carinho especial ao professor Dr. Luciano Mendes de Faria Filho pelos momentos compartilhados em sala de aula e em outros espaços de convivência. A todos que fazem parte do Grupo de Estudos e Pesquisas do CEMEF. Especialmente à professora Dra. Andrea Moreno pela orientação no trabalho com a Coleção Iconográfica, que proporcionou meu primeiro

contato com algumas fontes sobre as Jornadas, ainda sou grata pela partilha de momentos de alegria. À professora Dra. Ana Carolina Vimieiro Gomes pela disponibilidade em auxiliar em várias etapas desta pesquisa e por outros momentos. Ainda meu carinho especial ao professor Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira.

Aos professores Fernando Campos Furtado, José Atayde Lacerda e Owalder Rolim, protagonistas de algumas narrativas históricas que se inscrevem nesta dissertação, pela disponibilidade em compartilhar lembranças, permitindo que “viajasse no tempo” com eles.

Ainda agradeço as contribuições a minha prática docente dos professores, coordenadores e funcionários do Colégio Sagrado Coração de Maria e do Colégio Santa Maria. De forma especial à professora Dênia pelo carinho, disponibilidade, compreensão e companheirismo. Pelo seu exemplo de compromisso e dedicação à docência, admiro-te muito! Ao professor Adriano pela confiança e apoio. As minhas queridas alunas e ao Gabriel pelo carinho e respeito.

À minha mãe pelo carinho cotidiano, pela dedicação, pela atenção aos pequenos detalhes e pela compreensão. Ao meu pai pelo apoio, pela confiança, pelo sustento e pela proteção. Aos dois pelo amor incondicional.

Às minhas queridas irmãs, companheiras, conselheiras e amigas. Vocês são essenciais em minha vida e tornam os dias melhores e mais leves. Ao meu irmão pelo carinho, apoio e respeito. Em especial à Júnia pela leitura atenciosa deste trabalho. Aos meus cunhados pelo apoio, proteção e carinho. Especialmente ao Gilvanny Bicalho por cuidar de mim com amor de irmão. Aos meus tios, primos e sobrinhos pela confiança, pelo carinho e pelo amor demonstrado. Vínia e Tati pela amizade e cumplicidade “de primas”! À Letícia e à Larissa pela alegria com que vivem e me deixam participar de suas vidas. Sou grata pela presença constante em minha vida. Meninas da titia, obrigada por me fazer uma pessoa melhor. Ao Rafael pela alegria de sua chegada!

Aos meus amigos queridos, àqueles que já faziam parte da minha vida e àqueles que passaram a fazer neste processo. Especialmente à minha amada amiga Leandra pelas trocas e partilhas, pelas risadas e pelos choros, pelas viagens e por tudo... À Dani Guimarães por me ouvir com atenção, pela companhia nas “baladas”, por cuidar de mim. Obrigada, amiga, por me auxiliar a conciliar tantas tarefas. À Angélica pela companhia, pela paciência e cuidado demonstrados nos pequenos detalhes do dia-a-dia. À Flavia pelos conselhos e reflexões lucidas e

carinhosas. À Renatinha pela atenção e apoio. A Aline Dias, Aline Horta, Laura, Cris e Fernanda pelos vários momentos de alegria que compartilhamos. Ao Patrick, ao Biff, ao Junior, ao Pedro, ao Matheus Carneiro e ao Maranhão. À Adriana e à Odiliane, amigas de sempre! Aos amigos e companheiros de pesquisas: à Gabi meu carinho especial por ser tão generosa, prestativa e paciente; à Gyna pelo apoio tanto nos momentos bons quanto nos difíceis; à Lili e à Anna Luiza companheira de outros estudos e tantos momentos. Sem vocês as sextas à tarde não seriam as mesmas. Sou grata também aos meus colegas da Pós-Graduação por compartilhar os avanços, os medos, as ansiedades e as angústias, em especial à Maria Clara, Juliana, Lucas Pereira, Éder, Daniela e Leonardo. A todos os meus amigos por me mostrarem que o “essencial é invisível aos olhos”!

Ao Gladiston, meu querido Ga, pelo carinho, cuidado, atenção, incentivo, respeito, interesse. Embora tenha chegado quase no fim deste processo sua presença tornou-se essencial!

Agradeço especialmente aquela que não poderá ler estas linhas, mas que foi fundamental para o início e conclusão deste caminho. Sei que sua presença é constante dentro do meu coração e em muito do que sou. A minha amada vovó Juraci Valentina de Lima, por fazer-me acreditar que possuía “asas grandes para voar”! Com o seu apoio foi-me possível alçar voos mais altos!

[...] o presente vem modificar permanentemente as questões dos historiadores, obrigando-os a um procedimento retrospectivo que os leva do conhecido para o desconhecido, que os faz descobrirem mudanças e continuidades... Essa curiosidade renovada nunca é gratuita: o fato é que a compreensão exigente é inseparável do conhecimento passado.

(PIERRE VILAR, 1998, p. 272).

## RESUMO

Este estudo aborda o conjunto de cursos de aperfeiçoamento técnico e pedagógico denominado “Jornada Internacional de Educação Física”, realizado pela Diretoria de Esportes (DEMG), pela Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEF-MG) e pela Associação de Ex-alunos da EEF-MG, em Belo Horizonte, no final da década de 1950 e início da década de 1960. Ao todo foram cinco edições – a primeira no ano de 1957 e a última em 1962. Nosso objetivo foi o de conhecer e escrever a história das Jornadas em seus detalhes. No exercício de mobilização de fontes dois acervos se tornaram fundamentais: o Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer (CEMEF) e a Hemeroteca Pública Luiz de Bessa, ambos na cidade de Belo Horizonte. Realizamos, ainda, três entrevistas com pessoas que participaram de alguma forma desses cursos. O *corpus* documental foi, então, constituído de fontes de natureza variada como jornais, fotografias, depoimentos orais, caderno de planejamento, anais, entre outras. Interessou-nos, nesse movimento, conhecer as entidades promotoras desses cursos, as trajetórias dos sujeitos que estiveram a frente das mesmas e participaram da organização e realização das Jornadas, assim como os conteúdos em circulação nos tempos/espços do “conclave”. Por meio da análise das fontes foi-nos possível reconhecer que a Educação Física em Belo Horizonte, no período em estudo, esteve atrelada aos preceitos morais católicos, como também possuía forte vínculo com a instituição militar. No âmbito das Jornadas, podemos indicar a presença de freiras, padres e militares, tanto participando como alunos das aulas quanto organizando ou ministrando palestras. A defesa de uma Educação Física aliada aos preceitos morais e religiosos foi recorrente nos discursos de alguns participantes do “certame”. Professores e alunos da EEF-MG assim como professores de renome internacional, marcaram presença nesses encontros, proferindo palestras, aulas e cursos. Os alunos vinham de várias regiões de Minas Gerais, de outros estados brasileiros e até mesmo de outros países. As ginásticas e as danças estiveram presentes em todas as edições e percebemos, também, que os esportes foram paulatinamente ganhando espaço nesses encontros. Ainda, foi-nos possível identificar uma ênfase nos conteúdos relacionados à atuação pedagógica da Educação Física, assim como nas partes práticas dos conhecimentos que englobam tal disciplina. Procuramos entender como se deu a construção de representações sobre esse campo pedagógico no âmbito das Jornadas Internacionais de Educação Física e podemos, assim, apontar que esse conjunto de cursos auxiliou na constituição de um imaginário sobre a Educação Física, em Belo Horizonte, no final da década de 1950 e início da década de 1960.

## ABSTRACT

This paper broach the complex of courses of technical improvement and pedagogical called “Physical Education International Journey”, realized by Directory of Sports (DEMG), by Physical Education School of Minas Gerais (EEF-MG) and by the Ex-students Associate of EEF-MG, in Belo Horizonte, at the end of 1950’s and the beginner of 1960’s. Altogether were five editions –the first in the year of 1957 and the last in 1962. Our aim was understand and write a history of the Journey and its details. In the movement to find sources of research two collections had became fundamental: the Memory Center of Physical Education, sport and leisure (CEMEF) and the Public Hemerotheca Luiz Bessa, both in Belo Horizonte. We also realized three interviews with some people who, in their ways, participated of those courses. The *corpus* documentary was composed of various kinds of sources such as newspapers, photographs, oral testimonial, planning notebook, annais and others. In this movement, know the institutions that promote those courses, the trajectories of the subjects who were ahead of them and were involved in the planning and execution of the “Journeys”, were interested to us. As well the subjects in circulation in time/space of “conclave”. Analyzing the sources was possible recognize the Physical Education in Belo Horizonte, on the study period, was linked to the moral Catholics precepts, as well they had a strong link with the military institution. In the Journeys, we can indicate the presence of nuns, priests and military, participating as students, as well as organizing or lecturing. Some participants of the Journey, in their speeches, were recurrent the defense of a physical education linked to the moral and religious precepts. Teachers and students of EEF-MG, as well as teachers of international well-know, attended those meetings giving lectures, classes and courses. The students came from various regions of Minas Gerais, from other states and even other countries. The gymnastics and dancing were present in all editions and we realized that sports were gradually gaining space in these meetings. Although, we were able to identify an emphasis on the subjects related to the pedagogical performance of teaching physical education, as well as in the practice parts of knowledge that involve this discipline. We tried to understand how was the construction of representations of this educational field in the Physical Education International Journey and we can point that those set of courses helped to the constitution of an imaginary on Physical Education in Belo Horizonte, in the late of 1950’s and early 1960’s.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rua de Recreio realizada na cidade de Pará de Minas .....	67
Figura 2 – Demonstração de Ginástica no campo do América Futebol Clube .....	67
Figura 3 – Reportagem do Jornal Diário de Minas sobre a DEMG .....	70
Figura 4 – Curso realizado na III Jornada Internacional de Educação Física .....	86
Figura 5 – Aula de Natação da V Jornada Internacional de Educação Física .....	89
Figura 6 – Aula prática da I Jornada Internacional de Educação Física .....	92
Figura 7 – Reportagem sobre o Curso de Recreação Orientada .....	97
Figura 8 – Salto sobre o plinto do professor Fernando Campos Furtado .....	104
Figura 9 – Reportagem do Jornal Educação Física sobre o curso de Ginástica Feminina Moderna .....	109
Figura 10 – Aula do professor Gerhard Shimidt na III Jornada Internacional de Educação Física .....	113
Figura 11 – Professor Gerhard Shimidt durante III Jornada Internacional de Educação Física .....	113
Figura 12 – Aula prática da IV Jornada Internacional de Educação Física .....	119
Figura 13 – Reportagem do Jornal Diário da Tarde sobre IV Jornada Internacional de Educação Física .....	127
Figura 14 – Salto do professor Hanns Prochowinck durante homenagem ao governador José Francisco Bias Fortes .....	155
Figura 15 – Caderno de Planejamento do curso “Atividades Físicas Generalizadas” do professor Auguste Listello .....	160
Figura 16 – Caderno de Planejamento dos cursos “Basquetebol” e “Ginástica Feminina” dos professores Moacyr Daiuto e Guiomar Meirelles Becker .....	160
Figura 17 – Planejamento do curso “Iniciação Esportiva em Voleibol” do professor Lincoln Raso.....	161
Figura 18 – Capa do Anais da V Jornada Internacional de Educação Física.....	162

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Diretores da EEF-MG de 1952 a 1970 .....	60
---	----

## LISTA DE SIGLAS

<b>ACM</b>	Associação Cristã de Moços
<b>ABE</b>	Associação Brasileira de Educação
<b>APEF</b>	Associação de Professores de Educação Física de São Paulo
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CEFET/MG</b>	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
<b>CEMEF</b>	Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer
<b>CEMEF-PM</b>	Centro Militar de Educação Física da Polícia Militar de Minas Gerais
<b>CEMIE-MG</b>	Centro de Memória e Informação do Esporte do Estado de Minas Gerais
<b>CPDOC/FGV</b>	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas
<b>CPOR</b>	Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
<b>CRAV</b>	Centro de Referência Áudio Visual
<b>DEMG</b>	Diretoria de Esportes de Minas Gerais
<b>DI-PMMG</b>	Departamento de Instrução da Polícia Militar de Minas Gerais
<b>EEF-MG</b>	Escola de Educação Física de Minas Gerais
<b>EEFFTO</b>	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
<b>FAPEMIG</b>	Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
<b>FIEP</b>	Federation Internationale d'Education Physique
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>ME</b>	Ministério do Esporte
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>MTC</b>	Minas Tênis Clube
<b>REDE CEDES</b>	Rede de Centros de Desenvolvimento do Esporte, Recreação e do Lazer
<b>SESI</b>	Serviço Social da Indústria
<b>SEPH</b>	Seção de Educação Física e Hygiene
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	16
Conhecendo as Jornadas Internacionais de Educação Física .....	18
A Educação Física em Belo Horizonte: alguns antecedentes.....	24
"Escovando ossos" - O encontro com as fontes .....	28
Apresentando os entrevistados .....	34
Um possível cenário: pistas de Belo Horizonte nos anos de 1957-1962.....	37
Sujeitos e saberes em circulação: maneiras de fazer e pensar a prática.....	41
CAPÍTULO I – As instituições organizadoras das Jornadas Internacionais de Educação Física.....	47
A Escola de Educação Física de Minas Gerais.....	48
A Diretoria de Esportes de Minas Gerais.....	60
A Associação de Ex-alunos da EEF-MG.....	72
CAPÍTULO II – Os sujeitos envolvidos com as Jornadas: organizadores, professores, convidados e alunos .....	77
Os organizadores.....	78
Outros professores da EEF-MG .....	105
Os professores convidados .....	110
Os alunos .....	116
CAPÍTULO III – Os conteúdos e saberes em circulação nos tempos e espaços do "certame" .....	122
Uma educação moral e religiosa.....	125
O cientificismo na Educação Física .....	137

Técnicas e métodos de ensino.....	141
A sistematização do ensino: a didática da Educação Física.....	145
Jogos, recreação e infância .....	149
Os espaços, os tempos e a "cultura material" .....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS: OUTRAS JORNADAS.....	164
REFERÊNCIAS .....	170
FONTES.....	177
APÊNDICES .....	179

## INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda as Jornadas Internacionais de Educação Física que se constituíram como um conjunto de cursos de aperfeiçoamento técnico e pedagógico realizado pela Diretoria de Esportes (DEMG), pela Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEF-MG) e pela Associação de Ex-alunos da EEF-MG. O principal objetivo dessa iniciativa era o de trazer “os mais modernos conceitos e métodos”<sup>1</sup> produzidos na Educação Física, com o fim de atualizar os conhecimentos dos professores e especialistas da área. O curso obteve grande repercussão em Minas Gerais e interessou-nos compreender de que forma a circulação de saberes e práticas, nele realizadas, participaram da construção do ensino e da formação docente em Educação Física na cidade de Belo Horizonte, no final da década de 1950 e início de 1960.

Comecei a trilhar este caminho de pesquisas na área da Educação Física no início da minha graduação, quando tive a oportunidade de participar, durante o período de dez/2005 a dez/2007, de uma pesquisa sobre a Educação Física, o Esporte e o Lazer na cidade de Belo Horizonte.<sup>2</sup> Estavam inseridos nesse estudo pesquisadores de diversas linhas temáticas tais como infância, cidade e educação, políticas públicas, memória da Educação Física, entre outras. Participei do grupo que pesquisou as políticas públicas de esporte e lazer elaboradas e implementadas na Grande-BH<sup>3</sup>, no qual analisamos alguns dados e discutimos a produção científica sobre esse assunto. Observamos, nesses momentos, que sempre surgiam temáticas que nos permitiam fazer conexões entre o que era exposto e determinados fatos históricos da Educação Física brasileira. Esses debates suscitaram uma curiosidade sobre o processo histórico de constituição dessa disciplina, principalmente no que dizia respeito à história da Educação Física Escolar no Brasil e da formação de seus professores.

---

<sup>1</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>2</sup> Pesquisa pertencente ao convênio firmado entre a UFMG e o Ministério de Esporte que originou a Rede CEDES (Rede de Centros de Desenvolvimento do Esporte, Recreação e do Lazer).

<sup>3</sup> Veja-se LINHALES, M. BRETAS, T. LAGE. L., LIMA, C. PEREIRA, T. Esporte e Lazer na Grande-BH: Por onde caminham as gestões públicas. In: ISAYAMA, Helder. LINHALES, Meily. (orgs) *Avaliação de políticas e políticas de avaliação: questões para o Esporte e o Lazer*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2008.

Em 2008, tive a oportunidade de participar de outro projeto de pesquisa denominado: *A “Secção de Educação Physica e Hygiene” da Associação Brasileira de Educação e a construção de uma mentalidade médico-pedagógica para a Educação Física.*<sup>4</sup> Percebi, no decorrer da pesquisa, que havia possibilidades de alguns desdobramentos e decidi, então, estudar o perfil dos sujeitos que circulavam na SEPH e na ABE, assim como, a recorrência de alguns assuntos em seus encontros. Esse estudo gerou meu trabalho de conclusão de curso intitulado: *A “Secção de Educação Physica e Hygiene” da ABE: construindo um perfil de seus frequentadores e dos projetos educacionais por eles discutidos (1926-1937).* Considero ter sido essa monografia minha primeira ação de pesquisa em História da Educação Física.

A partir dos interesses de pesquisa suscitados, inseri-me no grupo de pesquisa do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) da UFMG. Meu primeiro vínculo foi por meio da participação voluntária na organização do acervo, sendo posteriormente selecionada como bolsista de extensão para trabalhar diretamente com a Coleção Iconográfica do CEMEF, por meio do projeto *“Garimpando, organizando e divulgando a memória no CEMEF”*, em desenvolvimento desde 2007.<sup>5</sup>

Foi durante essa experiência de organização do Acervo do CEMEF que ocorreu meu primeiro encontro com as fontes relativas às Jornadas Internacionais de Educação Física. Primeiramente por meio da Coleção Iconográfica, em duas de suas Séries – na que leva o nome do evento Jornadas e na série Eventos que possui alguns registros desses encontros. Várias etapas constituíram o trabalho com as fotografias e contamos com a colaboração de ex-professores da EEF-MG para identificarmos nas fotografias os lugares, as pessoas, os contextos. Esses encontros foram permeados pela emoção do lembrar e, por meio dessa experiência, pude reconhecer a fotografia como fonte para a pesquisa histórica, assim como compreender as potencialidades e fragilidades dos testemunhos orais como versões de uma história.

---

<sup>4</sup> Projeto de pesquisa da professora Meily Assbú Linhales aprovado pela PRPQ/UFMG no edital recém-doutor para o período de 2008/2009.

<sup>5</sup> Projeto de extensão coordenado pela professora Dra. Andrea Moreno, desde 2007.

Na continuidade de minha formação acadêmica, iniciei em 2010 o mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o conjunto de cursos de aperfeiçoamento técnico e pedagógico de professores, denominado Jornadas Internacionais de Educação Física. Essa pesquisa esteve vinculada a um projeto maior do CEMEF, denominado: *Circularidade de modelos pedagógicos e formação de professores de Educação Física em Belo Horizonte: vestígios de práticas no acervo do CEMEF/UFMG (1950-1980)*.<sup>6</sup> Como um eixo de investigação desse projeto, priorizamos investigar de que forma as Jornadas foram inseridas no conjunto de ações/cursos desenvolvido pela Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEF-MG).

Esse estudo baseou-se no arcabouço teórico e metodológico da pesquisa histórica. Com o propósito de conhecer conteúdos e saberes em circulação, sujeitos envolvidos e suas práticas, espaços, tempos e elementos da cultura material, tomamos como referência alguns parâmetros e noções que organizam o campo da História Cultural e da *Microstoria* em algumas de suas vertentes. Roger Chartier, Bronislaw Bazcko, Michel de Certeau, Giovanni Levi, Jacques Revel foram alguns dos historiadores chamados a dialogar com as fontes e indagações desse estudo. Ainda dialogamos com alguns pesquisadores brasileiros que operam em suas pesquisas com alguns pressupostos desses campos, como Marta M. Carvalho, Diana Vidal, Tarcísio Mauro Vago, Thaís Nivia de Lima e Fonseca, Luciano Mendes Faria Filho, entre outros.

## **CONHECENDO AS JORNADAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Entre os anos de 1957 e 1962, foram realizadas cinco edições das Jornadas Internacionais de Educação Física, sendo que a primeira aconteceu em 1957 e a última em 1962. Esses encontros objetivavam principalmente aperfeiçoar e atualizar os conhecimentos dos professores que estavam atuando nesse campo pedagógico. Em sua primeira edição, o curso foi

---

<sup>6</sup> O mesmo foi aprovado no Edital FAPEMIG 07/2009 - Programa de Apoio a Grupos Emergentes de Pesquisa, sob a coordenação do professor Dr. Tarcísio Mauro Vago, contando com a efetiva participação de vários pesquisadores vinculados ao CEMEF.

denominado de “Jornada de Estudos de Educação Física”, recebendo posteriormente a designação de “Jornadas Internacionais de Educação Física”, que permanecera até a última edição.

Os encontros foram realizados anualmente de forma regular entre os anos de 1957 e 1960, todavia no ano de 1961 não foi organizado. Já em 1962, temos uma Jornada distinta das quatro anteriores, o que podemos chamar de uma versão mais “caseira”. Todas as edições foram realizadas nos meses de julho e/ou agosto. Professores e alunos da EEF-MG assim como professores de renome internacional, marcaram presença nesses encontros, proferindo palestras, aulas e cursos. As Jornadas foram anunciadas, na época, pelos jornais locais, com muita euforia e foram apresentadas como uma “iniciativa arrojada”, sendo os conteúdos ministrados considerados os mais modernos e inovadores.<sup>7</sup>

As Jornadas, assim como a EEF-MG no final da década de 1950 obtiveram incentivo e apoio do Governador Bias Fortes, que participou de algumas das solenidades do “conclave”. Outra forte característica desse conjunto de cursos foi a “numerosa assistência” de professores (instrutores/especialistas) oriundos do interior do Estado.

O Boletim de Educação Física, informativo da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação Física, de dezembro de 1957, indica uma relação entre os cursos de aperfeiçoamento técnico e pedagógico para instrutores e professores de Educação Física realizados em diversos estados brasileiros, durante as décadas de 1950 e 1960. Nele encontramos, no “Noticiário da Divisão de Educação Física”, a descrição de diversos cursos oferecidos para os professores “não diplomados” dos estados de Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Norte. E “no setor especializado exclusivo para professores diplomados”, destacou-se o 1º Estágio Internacional de Educação Física, realizado na capital nacional, de 16 a 31 de julho de 1957. Esse Estágio foi originado pela Portaria Ministerial nº 209, de 14 de junho de 1957, que também determinou quem ficaria a cargo da realização do mesmo. Entre esses professores temos Alfredo Colombo, que

---

<sup>7</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

era o Diretor da Divisão de Educação Física. Enfatizou-se a participação de alguns professores,

figuras das mais destacadas no âmbito internacional, sem contudo desprezarmos o que há de melhor no nosso meio. Tivemos, pois:

1. Prof. Auguste Listelo, vindo da França.
2. Prof. Gerhard Schmidt, vindo da Áustria.
3. Cássio Rothier do Amaral.
4. Erica Saur.
5. Germano Bauer.
6. Pabst de Sá Earp.<sup>8</sup>

Destacamos que os professores estrangeiros mencionados, assim como, a professora Erica Saur e o professor Germano Bauer estiveram presentes nas Jornadas mineiras.

O Boletim de Educação Física, ao discorrer sobre as atribuições da Seção de Estudos e Aperfeiçoamento, trouxe as seguintes prescrições:

d) aprovar programas e instruções para o V Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico realizado na Cidade de Santos, Estado de São Paulo, à vista de proposta formulada pela Associação de Professores de Educação Física e Departamento de Educação Física e Esportes desse Estado;

e) aprovar programas e instruções para a I Jornada de Estudos de Educação Física realizada na capital do Estado de Minas Gerais, à vista de proposta da Escola de Educação Física, da Diretoria de Esportes e da Associação de ex-alunos dessa Escola, entidades daquele Estado.

Inferimos, dessa forma, que pelo menos em sua primeira edição a Jornada teve estrita relação com políticas nacionais de Educação Física para esse período.

As cinco edições das Jornadas possuem semelhanças e particularidades. É notável certo movimento, nada linear, entre as edições. Podemos perceber que da I a IV aumenta-se o número de professores estrangeiros convidados para ministrar os cursos, assim como a procedência dos mesmos se torna mais variada. Isso também acontece com os alunos, ou

---

<sup>8</sup> Acervo do CEMEF. Arquivos Pessoais. Coleção Nella Testa Taranto. Boletim de Educação Física. Comemorativo do 20º Aniversário da DEF. Ano VI, nº 15, dez – 1957. Agradeço à mestrandia Gabriela Vilela Arantes, que com muito cuidado e generosidade me mostrou esse documento.

“estagiários” como referenciam algumas fontes, que na IV edição vieram de vários estados brasileiros e de outros países da América do Sul e do México. Há, ainda, um aumento no número de religiosos participantes. Esses três pontos são sempre ressaltados pelos jornais. Os primeiros com o intuito de mostrar sua abrangência, qualidade e originalidade, já o último enfatizando que o mesmo zelava pela moral e pelo aperfeiçoamento do espírito.

Atividades de recreação e interação social também tinham seu lugar durante os cursos. Foram noticiadas diversas atividades como homenagens, visitas a outras cidades, noites de confraternização, bailes e organização de Ruas de Recreio no encerramento dos trabalhos dos cursos. Esses momentos eram considerados propícios para que os alunos colocassem em prática o que haviam aprendido nos cursos e aulas. Aqui evidenciamos variadas estratégias de ensino e formação docente.

Apesar das fontes apontarem as Jornadas como um curso de aperfeiçoamento, existem elementos que nos permitem apontá-las como uma atividade pedagógica que englobava uma diversidade de ações acadêmicas que ultrapassam o que se esperava de um curso, o que nos fez indagar sobre o caráter restritivo dessa denominação. Contudo, optamos por continuar utilizando o termo “curso de aperfeiçoamento”, mesmo reconhecendo nas análises a dimensão alargada e abrangente dessas atividades de formação.

Apurando o olhar sobre os sujeitos participantes, identificamos três grupos distintos: militares, civis e religiosos. Oriundos de diferentes lugares e formação, parecem, por vezes, representar identidades profissionais e dinâmicas institucionais próprias. Todavia, ressaltamos que o pertencimento dos sujeitos aos grupos citados não se caracteriza como algo cristalizado, pois identificamos também certa fluidez nos deslocamentos desses sujeitos e de suas ideias. Nas Jornadas, embora o pertencimento a estes grupos seja salientado, todos estes sujeitos assumiram o papel de professores.

Já no primeiro contato com as fontes foi possível perceber uma ênfase em atribuir aos cursos um cunho moral e religioso. Muitos vestígios nas atividades, nas vestes dos participantes e nos discursos de professores e de alunos indiciavam pleno acordo com a fé e a moral cristã católica.

Apuramos a circulação dos modelos pedagógicos e a construção das representações sobre a Educação Física, levando-se em consideração a confluência desses três grupos, aliada a vinda de professores estrangeiros e de outros estados brasileiros. Percebemos nas descrições das ações e nos discursos desses sujeitos uma clara intenção de disseminar o que estava sendo produzido durante as Jornadas. Indagamos, então, se poderíamos apontar para a construção de representações sobre a Educação Física ancoradas na particularidade de cada grupo: os militares, os civis e os religiosos. E se o encontro dessas diversas representações possibilitou a constituição de um “imaginário” sobre esse componente curricular em Belo Horizonte, no final da década de 1950 e início de 1960.

Baseada em algumas recomendações de Ana M. Galvão e Eliane Lopes (2001, p. 81), nos empenhamos em seguir “o[s] sujeito[s] da produção” desse evento, buscando traçar um perfil dos mesmos, que abarque a formação acadêmica, a atuação profissional e a inserção política. Assim como “as injunções na produção”, seus objetivos e motivações, “as intervenções” que nos permitiram entender quais foram e como se deram “as modificações sofridas” na Educação Física, como componente curricular, desvendando “o destino e destinatários” dessas práticas de formação.

Do ponto de vista de uma ambiência política e cultural, vale destacar que desde sua primeira edição até a quarta as Jornadas foram apoiadas e patrocinadas pelo Governo de Joaquim Francisco Bias Fortes. É interessante o fato de algumas fontes mencionarem a pessoa do governador e não o Estado. Ele não somente disponibilizava recursos financeiros, como também participava de algumas solenidades e em seus discursos destinava elogios ao “conclave” e a seus organizadores. Entretanto, em 1961, o curso não foi realizado. Questionamos, então, se isso se deu pela mudança de governo.

Em 1962, foi organizada a última edição do encontro, já com um formato bem distinto das anteriores. Um dos fatores que pode guardar relação com o fim desse empreendimento foi a “crise” enfrentada pela Escola de Educação Física, em meados do ano de 1961. Essa instituição experimentou sérios problemas políticos e financeiros que fizeram com que cogitassem, até mesmo, a hipótese de seu fechamento. Algumas fontes apontam que isso

ocorreu em função da redução drástica do financiamento do Estado. Suas atividades foram se extinguindo e, provavelmente, devido a isso a Escola deixou de publicar o *Jornal Educação Física* e não mais promoveu as Jornadas Internacionais.

No âmbito da DEMG parecia haver uma “crise” de outra natureza. As fontes indiciam um cenário de confrontos internos que fizeram com que certas ações fossem encaradas com desconfiança. Nesse sentido, nosso olhar se guiou pelo entendimento de que uma dada organização constitui-se em meio às tramas estabelecidas entre os sujeitos, e que neste convívio se estabelecem jogos de poder e lutas de representações (BACZKO, 1985). Foi-nos possível perceber certo jogo presente naquele contexto e, em diálogo com Roger Chartier (1991), compreendemos que essas tensões são também partes constituintes da identidade e perfil de um determinado grupo.

Tornou-se importante entender ao que se referiam quando relacionavam a realização das Jornadas com a introdução de “modernos conceitos e métodos” e “novos modelos” na Educação Física mineira.<sup>9</sup> Percebemos que o termo modelo foi utilizado nesse contexto para prescrever atividades, regras e normas de conduta para os professores e não no sentido de modelar, dar forma aos indivíduos. Já o termo moderno foi utilizado na perspectiva de oposição ao antigo, uma ruptura com o passado com o intuito de promover o presente (LE GOFF, 1991). Essas afirmativas, recorrentes nos anúncios jornalísticos e nos discursos dos professores, aproximam-se de discussões presentes no campo educacional brasileiro na década de 1950. Segundo Josildeth Consorte (1997):

É dessa época a percepção do país como dois Brasis, um arcaico, tradicional, e outro moderno e a crença em que o desenvolvimento de sua porção moderna levaria à superação de suas contradições, fazendo-o, finalmente, dar o tão esperado salto para o futuro, ingressando no rol dos países reitores, para usar uma expressão de Darcy Ribeiro.

---

<sup>9</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

A comparação entre a Educação Física realizada no Brasil e aquela em curso nos países da Europa foi também evidenciada. Sendo atribuído ao nosso país o *status* de atrasado e aos países europeus foi creditado o avanço. O desejo de ensinar os “modernos métodos” também esteve atrelado ao de tornar a Educação Física no Brasil tão desenvolvida como em outros países. Isso não era uma novidade da década de 1950, pois esse discurso esteve presente no âmbito educacional desde o início da República (CARVALHO, 2003).

### **A Educação Física em Belo Horizonte: alguns antecedentes...**

É importante ressaltar a escassez de estudos relativos à História da Educação Física no período de 1950 e 1960. Acreditamos que isso não se deve a inexistência de fontes, mas sim por terem sido priorizadas, até então, outras temáticas e outros recortes temporais. Tomando como tema a formação de professores de Educação Física e tendo Belo Horizonte como referência, podemos destacar alguns estudos.

Eustáquia Salvadora de Souza (1994), em seu doutoramento, elegeu por categoria central de análise as relações de gênero, buscando compreendê-las na prática do ensino da Educação Física em Belo Horizonte no período de 1897 a 1994. Para tanto, voltou seu olhar para oito instituições de ensino: quatro escolas públicas; três escolas particulares e uma escola de ensino superior de Educação Física. Mobilizou fontes de naturezas diversificadas, dentre elas depoimentos de docentes e ex-alunas das escolas pesquisadas, trazendo por meio dessas e de outras fontes escritas e iconográficas, apontamentos importantes sobre a história da Escola de Educação Física de Minas Gerais e da própria Educação Física nesse estado. Eustáquia S. de Souza optou por um recorte temporal alargado por entender que as relações de gênero seriam melhor compreendidas em um estudo histórico de longa duração.

Tarcísio Mauro Vago (2002) tomou o período compreendido entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX como referência para entender o processo de constituição da Educação Física como disciplina escolar em Minas Gerais. Nesse estudo, envidou esforços a fim de

apurar os vestígios do movimento de produção de “uma nova cultura escolar em Minas Gerais, particularmente em Belo Horizonte, que leva à constituição da *gymnastica* como disciplina” (VAGO, 2010, p. 16).

Posteriormente, esse pesquisador iniciou um processo de produção e orientação de pesquisas que se norteiam por duas coordenadas de investigação: 1) “examinar as motivações (culturais, políticas, econômicas, sociais) que levaram ao aparecimento, ao enraizamento e à afirmação do ensino de educação física em escolas”; 2) “problematizar noções ou conceitos sobre a educação física produzidos e postos em circulação” em documentos de natureza diversificada (Idem, p. 8). Essas coordenadas estão presentes no que o autor chama de um programa de pesquisas relativas à produção da Educação Física como disciplina escolar. Tais estudos apontam um processo de constituição de conhecimentos específicos e mecanismos de formação de professores para ministrar a disciplina Educação Física. Antes da década de 1920 o cuidado com a educação do corpo estava presente em todas as disciplinas ministradas, o que foi, paulatinamente, sendo atribuído a um saber específico.

Os estudos de Souza e Vago iniciaram o desvelamento do processo de “escolarização” da Educação Física em Minas Gerais e apontaram para novos temas e objetivos de pesquisa: a infância como tempo privilegiado de intervenção; a circulação de assuntos relativos a essa prática pedagógica na Revista do Ensino; elaboração de políticas e planos de governo; vários protagonistas dessa trama; o papel das instituições, dentre elas a Inspetoria de Educação Física de Minas Gerais (VAGO, 2010).

Essa Inspetoria foi o objeto de investigação de Giovanna Camila da Silva que, em sua pesquisa de mestrado, buscou apurar qual o papel da Inspetoria no processo de “escolarização” da Educação Física em Minas Gerais, entre 1927 e 1937. Essa pesquisadora trouxe elementos que permitiram apontar essa instituição como “produtora de novas configurações” para essa disciplina escolar em Minas Gerais (SILVA, 2009, p. 11). Mobilizou fontes de naturezas variadas, sendo que o Jornal Minas Gerais se tornou uma fonte privilegiada. Ancorada na noção de “escolarização”, conforme estabelecida por Luciano Mendes Faria Filho, se dedicou a perceber o diálogo

existente entre as estratégias de formação de professores da Inspeção e os elementos que compõem o fenômeno educativo, que são: os tempos, os espaços, os conteúdos, as práticas e os sujeitos. O estudo de Giovanna C. da Silva (2009) tornou-se referência para situar os processos de formação de professores de Educação Física que organizados em Minas Gerais antes da criação de uma instituição de ensino superior. Como também, possibilitou uma compreensão mais alargada das relações políticas que foram se consolidando em torno dessa prática pedagógica no estado mineiro.

A educação dos corpos, dos sentidos e das sensibilidades na Escola Normal Modelo da Capital tem sido o objeto de estudos de Andrea Moreno e seu grupo de pesquisa. Tendo delimitado o período de estudo entre os anos de 1906 e 1920, esse grupo investiga a constituição, enraizamento e afirmação da disciplina Educação Física nessa Instituição, em um processo que comporta permanências e mudanças “de concepções, práticas e sujeitos” (MORENO; CAMPOS, 2011, p. 1). Por meio de dois projetos de pesquisas, um iniciado em 2008 e outro no ano de 2010, indicam que a presença dos “exercícios físicos” na cadeira *Gymnastica* na Escola Normal estava mais comprometido com a produção da feminilidade dessas professoras do que com o ensino de conteúdos para posterior transmissão aos alunos do ensino primário. O programa de ensino dessa instituição evidenciou a necessidade de apropriação de saberes e práticas que seriam exigidos na prática profissional, mas também outros saberes que seriam exigidos na vida do lar, como mãe e esposa. O estudo indica que a *gymnastica* “vai se alterando ao longo do tempo, ajustando-se às novas concepções pedagógicas e também a mudanças mais amplas, já imersa num projeto cultural abrangente que reclame transformações” (MORENO; CAMPOS, 2011, p. 12). Os estudos coordenados por Andrea Moreno colaboram no desvelamento do que seria se formar professora de Educação Física no início do século XX, em Minas Gerais, mais especificamente na sua capital.

Já o estudo de Marcos Antônio Almeida Campos (2007) possui recorte temporal que engloba o período abordado nessa dissertação. Todavia, esse pesquisador focou seu olhar na presença da dança e sua prática na formação de professores de Educação Física, entre os anos de 1952 e 1977. Almeida

Campos (2007, p. 16) buscou compreender como se deu o processo de passagem de uma “ausência aparente para a presença evidente” da dança, no âmbito da Escola de Educação Física de Minas Gerais.

Esse autor construiu uma narrativa sobre a história da EEFMG, assim como Roberto M. Kanitz Junior (2003) que, em seu estudo monográfico, inclui entrevista cedida pelo professor Sylvio J. Raso, apontando os embates, as negociações e tensões presentes naquele contexto. Assim, podemos apontar a tese de Eustáquia S. de Souza (1994), a monografia de Roberto Kanitz (2003) e a dissertação de Almeida Campos (2007) como as primeiras iniciativas de compreensão mais apurada da história da EEF-MG.

Atualmente no CEMEF outros pesquisadores têm se ocupado da temática da formação de professores de Educação Física na interface com a própria história dessa Escola. Aqui vale ressaltar o potencial analítico do acervo desse Centro, que guardam vestígios da história dos sujeitos, de suas práticas, dos materiais didáticos utilizados, etc. Hoje no CEMEF essa temática pode ser identificada em três frentes de trabalho: a primeira busca organizar no Acervo do Centro os documentos que guardam a história desta instituição, preservando sua organicidade e respeitando sua proveniência<sup>10</sup>; a segunda prioriza os indícios da circulação de modelos pedagógicos que balizaram a formação de professores nas décadas de 1950 a 1980<sup>11</sup> e a terceira tem o propósito de verticalizar alguns estudos sobre os modelos pedagógicos que, presentes na formação docente e nas práticas escolares, orientaram o processo de legitimação da Educação Física como disciplina escolar na cidade de Belo Horizonte, no período compreendido entre 1947 e 1977.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Projeto finalizado no segundo semestre de 2011, intitulado “O CEMEF/UFMG como lugar de memória e pesquisa da história do esporte em Minas Gerais: organização e conservação de acervos”, coordenado pela professora Dra. Meily Assbú Linhales.

<sup>11</sup> Projeto de pesquisa finalizado no primeiro semestre de 2012, intitulado “Circularidade de modelos pedagógicos e a formação de professores de Educação Física em Belo Horizonte: vestígios de práticas no acervo do CEMEF/UFMG (1950-1980)”, coordenado pelo professor Dr. Tarcísio Mauro Vago.

<sup>12</sup> Projeto de pesquisa iniciado no primeiro semestre de 2012, intitulado “Modelos pedagógicos, formação docente e práticas escolares: o ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1947-1977)”, coordenado pela professora Dra. Meily Assbú Linhales.

## “ESCOVANDO OSSOS” – O ENCONTRO COM AS FONTES TEXTUAIS E ICONOGRÁFICAS

No processo de mobilização de fontes para essa pesquisa dois lugares se constituíram como fundamentais: o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) e a Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. A partir desses acervos o *corpus* documental foi se constituindo com fontes de naturezas variadas: fotografias, jornais, documentos institucionais, discursos, anais, etc. Por certo, tais documentos foram anteriormente selecionados “pelos que conservaram ou que deixaram rastros de uma destruição [...] por aqueles que o organizaram em acervos e pelo próprio tempo” (LOPES e GALVÃO, 2001 p. 81).

A fim de escrever uma narrativa histórica plausível para o tempo e contexto estudado buscamos cruzar as fontes. Durante o levantamento documental nos surpreendemos com a quantidade e diversidade existente. Primeiramente pesquisamos no acervo do CEMEF o Acervo Pessoal e o Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969).

O Acervo Pessoal abarca Fundos e Coleções Pessoais de alguns ex-professores da EEF-MG. O Fundo Herbert de Almeida Dutra é constituído por livros de variadas temáticas, pastas contendo programas de aulas, recortes de jornais que versam sobre assuntos relativos à Educação Física, cartas, convites e certificados. Essas pastas foram denominadas pelo próprio professor Herbert de “dossiês”. Sobre as Jornadas encontramos muitos recortes de jornais e percebemos que a maioria deles era oriunda de dois jornais mineiros: o *Folha de Minas* e o *Diário de Minas*. Assim, demarcamos que seria necessário e esclarecedor ter acesso a esses periódicos na íntegra.

O Fundo Odilon Barbosa, também contém documentos de natureza diversificada e, alguns deles, dizem respeito aos cursos ministrados por esse professor no interior de Minas Gerais e em outros estados. Sobre as Jornadas encontramos certificados de participação como professor de algumas edições e planos de cursos ministrados por professores convidados. Alguns dos cursos que o professor Odilon Barbosa (também conhecido como Barbosinha) ministrava em outras cidades eram também chamados de Jornadas. Fato que

gerou várias indagações sobre a natureza desses eventos com nomenclatura similar a do curso que estudamos, um deles foi realizado em Januária/MG – 1958 e outro em Sorocaba/SP (sem informação sobre a data). Outro fator instigante é a realização de um curso de nome com correspondência em espanhol, *Jornadas Internacionales de Educacion Fisica*, na Argentina, durante as décadas de 1960 e 1970 com a presença de boa parte dos professores que estiveram presentes nos cursos ocorridos em Belo Horizonte, em 1950 e 1960, dentre eles o professor Odilon Barbosa. Indagamos, então: Que relação há entre o conjunto de curso que estudamos e as outras Jornadas? As ministradas pelo professor Barbosinha e as que aconteceram na Argentina? Havia o intuito de fazer circular os conteúdos por diversos lugares? O acesso a diversas reportagens e a realização de entrevistas auxiliou na construção de respostas para alguns desses questionamentos.

A Coleção Fernando Campos Furtado contém livros de temas variados – muitos de sua autoria, alguns de publicação recente, sendo que um deles relata a trajetória do também professor Sylvio José Raso.<sup>13</sup> Sobre o conjunto de cursos aqui investigado foram encontrados alguns certificados; oito cadernos de planejamento da primeira edição do curso e os *Anais* da quinta edição.

No Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969) há documentos de diversas ordens (correspondências, fichas de alunos, provas, exames de provimento de cadeira, eventos realizados, recibos de pagamentos de funcionários e serviços, propostas curriculares etc.) que constituem vestígios da história dessa instituição. Desse fundo analisamos quatro edições do *Jornal Educação Física*, periódico produzido pela própria EEFMG. Apesar de termos notícias das Jornadas nas três primeiras edições, percebemos que a primeira edição gerou maior repercussão nesse *Jornal*, uma vez que, é citada em vários discursos presentes nos números posteriores.

O jornal é uma fonte documental extremamente rica, pode versar sobre vários assuntos e ainda servir de suporte para outras fontes como, por exemplo, as iconografias. É preciso educar o olhar para análise desse documento, ponderando sobre a sua origem. Tornou-se necessário buscar

---

<sup>13</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Série: Livros. FURTADO, Fernando Campos. Sylvio José Raso: Perfil de um dos pioneiros da Educação Física em Minas Gerais. Belo Horizonte: s/d.

informações sobre a edição do jornal, observar a disposição dos assuntos no mesmo, suas diferenças internas: o editorial, as colunas, as propagandas.<sup>14</sup> Márcia H. Dias (1999, p. 22) pondera que devemos considerar o jornal como uma produção cultural, elaborada “por sujeitos históricos determinados e inseridos em um contexto histórico também determinado”. Assim, é preciso considerar o fato do *Jornal Educação Física* ter sido criado e editado pelos sujeitos responsáveis pela EEF-MG. Dessa forma, é provável a tendência em ressaltar o caráter positivo das Jornadas. Apesar disso, acreditamos ser uma fonte importante para entender qual era o lugar desse conjunto de cursos na EEF-MG e qual era, por sua vez, o lugar dessa Instituição na cidade de Belo Horizonte. Compreendendo, por meio dessas pistas, em que contexto e por qual dinâmica essa trama se desenrolou.

A organização desse *Jornal* é um pouco distinta, suas matérias são fragmentadas e interrompidas bruscamente, às vezes no meio de uma palavra. Como exemplo, trazemos a matéria “Síntese evolutiva dos Conceitos de Educação Física e Exercícios Físicos” que é iniciada na página 10 retomada na página 11 e finalizada na página 9. Isso exige um pouco mais de atenção à leitura. A linguagem utilizada é muito rebuscada e laudatória, sempre ressaltando os benefícios trazidos à cidade de Belo Horizonte com a criação da EEF-MG.

O *Jornal Educação Física* foi uma das várias ações desenvolvidas que objetivavam tornar a instituição e suas atividades conhecidas pelos mineiros. O comitê editorial iniciou-se composto pelo Prof. Dr. Pedro ad-Vincula Veado Filho (Diretor), por Carmem Gomes (Secretária) e por Owalder Rolim e José Alberto de Assumpção (Reportagem e Administração). Em 1958 Owalder Rolim se desliga dessa comissão. Já na quarta edição, em 1959, consta como responsáveis pelo periódico o Prof. Dr. Pedro ad-Vincula Veado Filho (Diretor) e Jomar Cunha Malafaya, na secretaria. Ao todo foram encontradas no acervo do CEMEF quatro edições: a 1ª de outubro de 1957, a 2ª de janeiro de 1958; a 3ª de novembro de 1958 e a 4ª de outubro de 1959. Marcos A. Almeida

---

<sup>14</sup> Apesar dos esforços envidados não foi possível encontrar informações sobre a circulação desse *Jornal*: o número de impressos, localidades que fora enviado, meios de acesso etc. Os dados que obtivemos dizem respeito ao que seus idealizadores pretendiam alcançar por meio da produção desse periódico.

Campos (2007. p.77) descreve o periódico como o “órgão responsável pela divulgação de informações relativas à vida da Escola, contendo preciosas fontes sobre assuntos diversos”. Em uma coluna do *Jornal* intitulada “Nossos Propósitos”, encontramos a afirmação de que esse periódico era o que faltava à Escola para levar “a todos os recantos do Estado e da Pátria” a voz “e o pensamento da instituição que aqui vem desenvolvendo esse entusiástico e intenso trabalho em prol da difusão dos processos de atividade física racional”.<sup>15</sup>

No Acervo do CEMEF consultamos também a Coleção Iconográfica, mais especificamente as Séries denominadas Jornadas e Eventos. As trinta e duas fotografias pertencentes à Série Jornadas são em preto e branco e nelas podemos detectar a presença de religiosos, como freiras e padres, o que reforça ainda mais o vínculo da Igreja com os assuntos ligados à Educação Física nessa época, o que é recorrente também em outras fontes. Nessas imagens estão registradas as participações de muitos professores e alunos da EEFMG, sobretudo os professores Odilon Barbosa, Sylvio Raso, Herbert de Almeida Dutra, Lincoln Raso e os professores convidados Gerhard Schimidt e Hanns Prochowinck.

Notamos que grande parte dos registros fotográficos do curso foi realizada no Departamento de Instrução (DI) da Polícia Militar, localizado no bairro Prado, em Belo Horizonte. Outro aspecto relevante é a quantidade de registros de atividades de recreação e danças em pares.

Já na Série Eventos, composta por 163 fotografias foi possível identificar alguns registros do professor Herbert de Almeida Dutra ministrando aulas de natação, outros de aulas de ginástica e de atividades recreativas. Existem também fotos da homenagem feita ao Governador Bias Fortes por ocasião da I Jornada.

Acreditamos que o uso dessas fotografias como fonte tornou-se pertinente, uma vez que, “toda fotografia tem atrás de si uma história [...] é um resíduo do passado” (KOSSOY, 2001, p. 45). Entendemos, ainda, que a imagem constitui-se como ferramenta de conhecimento e compreensão dessa

---

<sup>15</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

história, pela sua própria natureza, possibilita uma percepção do mundo diferente daquela oferecida por outros suportes, dá acesso a informações que dificilmente poderiam ser obtidas por outros meios. Boris Kossoy (2001, p. 47) atribui à fotografia dupla função a de representar “o testemunho de uma criação”, mas, também representar “a criação de um testemunho”.

A visita a Hemeroteca foi essencial para o desenrolar desta trama. Além dos jornais mencionados (*Folha de Minas* e *Diário de Minas*) pesquisamos o *Diário da Tarde* por orientação do funcionário dessa instituição, que afirmou que este veículo tinha uma ótima cobertura dos eventos esportivos mineiros.<sup>16</sup> Esse Jornal teve seu primeiro número publicado em 14 de fevereiro de 1931, sob direção do Sr. Newton Prates posteriormente passou a ser administrado pelos diretores do *Jornal Estado de Minas*, sendo considerado um “desdobramento lógico, uma projeção” do mesmo (LINHARES & CASTRO, 1995, p. 289). Representado como um jornal moderno que possuía um vasto noticiário e desenvolvida reportagem, além disso, o *Diário da Tarde* trazia notícias dos últimos acontecimentos do dia, tanto locais como do resto do país e do exterior. Como foi orientado pelo funcionário da Hemeroteca, de fato encontramos algumas reportagens sobre as Jornadas, mas os dois jornais supramencionados trazem mais detalhes sobre os cursos. Não foi possível acessar todos os exemplares do período em estudo, pois os do ano de 1959 não estavam disponíveis. Encontramos notícias da II, da IV e da V edição. Sendo que, esse foi o único periódico pesquisado na Hemeroteca que mencionou a V Jornada.

O *Folha de Minas* teve sua primeira publicação em 14 de outubro de 1934, de propriedade da Sociedade Anônima Folha de Minas e sob direção inicial do Dr. Afonso Arinos de Mello Franco. Foram redatores principais nesse período os Srs. Luís de Bessa e Newton Prates. Posteriormente assumiu a direção o Dr. Gualter G. Maciel e após a década de 1940 o Sr. Geraldo Alvim. Em sua criação foi apresentado como periódico que não se submeteria a

---

<sup>16</sup> No movimento de conhecer um pouco mais sobre a “origem” da fonte consultada, recorremos ao Itinerário da imprensa de Belo Horizonte. Veja-se: LINHARES, Joaquim Nabuco; CASTRO, Maria Ceres Pimenta S. Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954/Joaquim Nabuco Linhares; estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro. BH: Fundação João Pinheiro, Centros de Estudos Históricos e Culturais, 1995. 612p. (Coleção Centenário).

serviço de ninguém e nem a partido político, mas “apenas (...) ideias altas, de causas justas, de interesses puros” (LINHARES & CASTRO, 1995, p. 320). Possuía grande circulação por todo território mineiro e era considerado um jornal moderno e que versava sobre assuntos sociais, esportivos, religiosos, etc. Um periódico ligado ao pensamento religioso católico, o que nos permite indiciar sua tendência em vincular as ideias oriundas desse meio. Aline Choucair Vaz (2012, p.123) afirma que o *Folha de Minas* “apoiava abertamente o governo Vargas, baseando-se em um discurso cristão e atacava aqueles considerados inimigos da Igreja Católica”. Sobre as relações estabelecidas entre religião-política e Igreja-Estado, destacamos que esse periódico mineiro veiculava com regularidade preceitos morais católicos que, de certa forma, podem ter participado do que Giovanni Levi (2008, p.3) denominou de “interiorização da coerção externa” dos sujeitos.

No *Jornal Folha de Minas* encontramos um caderno especial da Diretoria de Esportes chamado “Desportos de Minas”. No qual temos a cobertura da Terceira Jornada, realizada no ano de 1959. São duas edições desse caderno, a primeira em 25 de julho e a segunda em 1º de agosto, das vinte páginas do *Jornal* sete são destinadas ao caderno especial da Diretoria. Esse caderno contém matérias sobre várias aulas, entrevistas e muitas fotografias. Sobre as outras edições das Jornadas só localizamos algumas notícias da quarta, que ocorreu no ano de 1960, dentre elas uma reportagem de capa.

Em 14 de julho de 1949 foi publicada a primeira edição do *Diário de Minas*, segundo jornal com esse nome em Belo Horizonte, sendo que o primeiro foi fundado e dirigido por Mendes Pimentel. De propriedade da Artes Gráficas Minas Gerais S.A., possuía uma ligação com as correntes políticas. Assumiu a diretoria em 1954 o Sr. Arsênio Garzon. Versava sobre literatura, história, esportes, cinema, assuntos econômicos etc. (LINHARES & CASTRO, 1995, p. 473). O *Diário de Minas* trouxe notícias das quatro primeiras edições das Jornadas. Aqui cabe ressaltar o fato isolado da I Jornada ter sido divulgada dez dias antes de ocorrer. Nesse periódico, a terceira e a quarta edição possuíram maior cobertura.

Para melhor análise das fontes textuais e iconográficas realizamos algumas entrevistas, entre maio e junho, de 2011, com os professores: Fernando Campos Furtado, José Atayde Lacerda e Owalder Rolim. Essas conversas “jogaram luz” em alguns pontos ainda velados.<sup>17</sup>

## **APRESENTANDO OS ENTREVISTADOS**

Consideramos importante ouvir os relatos daqueles que de alguma forma participaram das Jornadas, dando visibilidade às interpretações singulares que, do presente, elaboraram sobre a experiência vivida. Optamos por realizar três entrevistas, sendo elas com um professor organizador, com um aluno participante e colaborador e com um aluno participante. A escolha desses sujeitos se deu posteriormente a análise de outras fontes, já referenciadas, que os apontavam como protagonistas dessa história.

Entendemos a História Oral como metodologia, como uma forma do historiador produzir fontes de acordo com seu objeto de estudo, como defende Danièle Voldman (2002, p. 256), uma “tentativa lógica de invenção da fonte”. Pontuamos, também, que essa metodologia é baseada na memória dos indivíduos e que essa é construída e pode ser considerada como a representação de um passado. Para Paul Thompson (1992) a História Oral constitui-se como uma maneira de interpretação da história, da sociedade e da cultura, escrita através do recurso da escuta das pessoas e registros de suas lembranças e experiências.

No processo de lembrar, os sujeitos exploram os significados subjetivos da experiência vivida por eles, ou seja, tais depoimentos tratam daquilo que os professores e alunos rememoraram que faziam; o que traduz um ponto de vista particular e não o que efetivamente foi realizado. Estamos cientes que mesmo sendo personagens dessa história os sujeitos estão propensos a esquecer e reconstruir fatos, assumindo, assim, as possibilidades e limitações inerentes a História Oral.

---

<sup>17</sup> Todas as entrevistas foram cedidas à pesquisadora Cássia Danielle Monteiro Dias Lima e realizadas nas residências dos entrevistados, na cidade de Belo Horizonte. Quando citadas as informações sobre essas fontes orais virão sempre em nota de rodapé, trazendo o nome do entrevistado e o dia em que foi realizada a entrevista.

O conjunto de fotografias encontrados no acervo do CEMEF foi utilizado como auxílio de memória. Escolhemos doze fotografias de momentos variados e convidamos os entrevistados a apontar sujeitos, lugares e ocasiões de acordo com suas lembranças. Esse procedimento ocorreu sempre após concluirmos os pontos do roteiro de entrevista.<sup>18</sup> Ao contrário de nossas expectativas, não obtivemos por meio desse processo maiores detalhamentos sobre as aulas e cursos das Jornadas, já sobre os sujeitos e lugares vários dados foram revelados. Essas entrevistas foram gravadas digitalmente, com a devida autorização dos entrevistados e, posteriormente, transcritas.

Ouvir esses depoentes foi importante para perceber de que forma esse curso perpassou a formação acadêmica de cada um. Como ressalta Eclèa Bosi (2003, p.15), “a memória de velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado”. Credenciamos esses depoimentos como uma versão verossímil de alguns fatos vividos.

O primeiro entrevistado foi o professor Fernando Campos Furtado que gentilmente nos cedeu um DVD, contendo a cronologia de sua trajetória, e o planejamento de uma Rua de Recreio realizada no encerramento da III Jornada, em 1959. Fernando C. Furtado nasceu em Descoberto, Minas Gerais, em 1927. Devido à profissão do seu pai, juiz de direito, entre 1930 a 1949, residiu em diversas cidades de Minas Gerais como, São João Nepomuceno, Bom Sucesso, Pará de Minas. Nessa última cidade iniciou seu contato com os esportes, sendo goleiro de futebol dos times locais e praticando também basquete, tênis e voleibol. Em 1950 se mudou para a cidade do Rio de Janeiro para cursar o ensino superior em Educação Física da Escola Nacional de Educação Física e Desportos do Rio de Janeiro, se formando em dezembro de 1952. Assim que concluiu o curso retornou para Minas Gerais se instalando em Belo Horizonte com o objetivo de ser professor e técnico, iniciando a docência no Colégio Santo Antônio. Ingressou na EEF-MG a convite do professor Sylvio Raso para ser seu assistente. Além disso, trabalhou na Diretoria de Esportes,

---

<sup>18</sup> Conforme solicitação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), elaboramos o Termo de Consentimento Livre Esclarecido com todos os dados da pesquisa, dados dos responsáveis, telefones e endereços de contato dos pesquisadores e do COEP. Assim, resguardamos aos nossos depoentes todos os seus direitos como colaboradores desse estudo. Construímos dois roteiros de questões que nortearão as entrevistas semidirigidas, um para a entrevista com o professor/organizador e outro para os alunos participantes (Apêndices I, II e III).

fazendo parte da equipe constituída por Sylvio Raso. Além de participar de todas as edições da Jornada, foi organizador da quinta, edição na qual ministrou aulas de Ginástica Masculina.

José Atayde Lacerda foi o segundo entrevistado. Nascido em Caratinga, no interior de Minas Gerais, mudou-se para Belo Horizonte com o propósito de cursar o ensino superior em Educação Física, se formou pela EEF-MG em 1960. Depois de formado, praticou a docência em algumas instituições de ensino de Belo Horizonte como: Estadual Milton Campos, Colégio Sagrada Família e Colégio Técnico (Coltec). Nesse último estabelecimento, vivenciou alguns intercâmbios culturais que, segundo ele, eram também chamados de jornadas. O professor José Atayde participou de todas as edições das Jornadas Internacionais como ouvinte. Ele relatou que possuía todos os materiais didáticos distribuídos nas cinco edições do curso. Contudo, infelizmente, sua casa foi assaltada e levaram a mala na qual José Atayde guardava essas e outras lembranças do seu tempo de estudante. Esse professor foi, ainda, membro da equipe de técnicos do Serviço de Recreação Física do SESI-MG, mais especificamente na regional localizada na região da Cidade Industrial, sendo que atua, ainda hoje, como voluntário nesse espaço. Esse Serviço de Recreação Física do SESI-MG é apontado pelos entrevistados como uma criação do professor Sylvio Raso. Segundo Gabriela V. Arantes (2010), José Atayde Lacerda foi técnico da Seleção Mineira de Handebol e é considerado atualmente como uma das maiores referências desse esporte em Belo Horizonte.

Nosso terceiro e último entrevistado foi o professor Owalder Rolim. Natural do Sul de Minas, mudou-se com três anos de idade para Belo Horizonte. Foi aluno da primeira turma da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerias. Atuou ativamente na União Nacional de Estudantes (UNE), no Diretório Central de Estudantes (DCE) e, segundo ele, foi criador do Diretório Acadêmico (DA) da EEF-MG. Formou-se no curso Superior em Educação Física e também no curso de Técnica Desportiva; o primeiro em 1956 e o último em 1957. Nessa ocasião, Owalder Rolim foi um dos oradores e em seu discurso enaltece a iniciativa da EEF-MG em promover a I Jornada de Estudos de Educação Física, “dando prova cabal de sua orientação

progressista”.<sup>19</sup> Esse professor relatou que era muito participativo e nos mostrou os certificados dos cursos que compareceu quando estudante. Temos, entre eles, as cinco edições das Jornadas e o Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico de Santos dos anos de 1952, 57 e 61, dentre vários outros. Oswalder Rolim relatou que sua participação em todas as edições das Jornadas se deu como colaborador, auxiliando na parte administrativa. Fez parte da primeira diretoria do *Jornal Educação Física*, da equipe instituída por Sylvio Raso na Diretoria de Esportes, assim como, do Serviço de Recreação Física do SESI-MG e do Conselho Regional de Esportes, onde trabalhou com o professor General Olavo Amaro da Silveira.

A escuta do passado pela voz desses sujeitos despertou nosso interesse em conhecer um pouco da Belo Horizonte do final da década de 1950.

### **UM POSSÍVEL CENÁRIO: PISTAS DE BELO HORIZONTE NOS ANOS DE 1957 – 1962.**

O período no qual esse estudo se insere é caracterizado como de preocupação com o desenvolvimento do país e de conseqüente investimento na educação. Josildeth Consorte (1997, p. 2) afirma que o Brasil viveu, na década de 1950, dois processos fundamentais, ambos com grande repercussão sobre o encaminhamento das questões educacionais: “um processo de redemocratização, com o fim da ditadura Vargas, e um processo de desenvolvimento comandado pela chamada segunda industrialização”.

Maria do Carmo Xavier (2007, p. 9) situou a década de 1950 como um período de profunda preocupação política com o desenvolvimento do país. Sendo que muitas intervenções foram pensadas com o objetivo de elevar o nível do Brasil “ao patamar das nações desenvolvidas” por meio da educação. A autora, ainda, afirma que a década de 1950 foi um período de disseminação de discursos e de projetos políticos que visavam à modernização do Brasil.

---

<sup>19</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº II, jan. 1958).

Apesar dos autores desses projetos possuírem variadas compreensões do “problema nacional”, eles visavam um objetivo comum: “romper com o passado de atraso e afirmar a autonomia do País mediante a aceleração do processo de industrialização” (Idem, p. 16-17). Xavier ainda ressalva que essa crença na educação como um meio de impulsionar a nação brasileira não se caracterizou como novidade da década de 1950, mas sim foi a retomada de alguns ideais já disseminados por alguns intelectuais na década de 1920 no Brasil.

De acordo com alguns estudos relativos à educação na primeira metade do século XX, podemos dizer que havia, de modo geral, uma insatisfação política por parte dos intelectuais brasileiros que se ancorava na busca pelo novo na esfera educacional. Segundo Marta Carvalho (1998), os anos 20 e 30 foram marcados pela luta do *velho X novo*, dos *tradicionalistas X renovadores*. Esse movimento educacional da década de 20 foi considerado como a “marcha ascensionada pelo novo”, que tinha por objetivo revolucionar a educação brasileira. Podemos apontar que, persistindo os problemas, há uma retomada destes ideais na década de 1950.

Os anos de 1950 a 1980, em Belo Horizonte, são apresentados por João A. de Paula e Roberto L. M. Monte-Mór como “A força da economia” (2004). Esses autores fazem um contraponto entre essa temporalidade e os anos iniciais da existência da cidade, dizendo que as primeiras décadas foram marcadas pela presença do Estado e, os anos de 50 a 80 do século XX, pela atuação do capital. Foi nesse período, segundo os autores, que se concluiu a implantação da cidade “determinou os grandes vetores do desenvolvimento da cidade: as grandes estruturas viárias, os equipamentos coletivos estruturantes, as grandes obras de infraestrutura, etc.”. A capital mineira acompanhou a fase de desenvolvimento nacional em busca da modernização.

Todavia, essa busca pelo moderno marca Belo Horizonte desde o desejo de sua criação. Por algum tempo foi considerada a síntese do pensamento moderno, até mesmo o “símbolo maior da modernidade do início da República” (Pimentel, 1997, p. 61). Uma oposição entre o antigo e o novo é nítida no discurso do Governador Bias Forte, em ocasião da comemoração dos 60 anos da cidade (1957):

Não se suponha, porém, que essa inquietação renovadora da moderna Capital tenha tocado raízes de nossa formação espiritual. Permanecemos fiéis às virtudes que plasmaram o caráter das velhas gerações. A importância dos arranha-céus que se erguem no centro de Belo Horizonte está envolvida de uma mesma atmosfera moral que impregnou a vida das cidades fundadas pelos primeiros povoadores. O espírito de modernidade da nova metrópole não entrou em conflito com as forças permanentes das nossas tradições... Graças a Deus não mudamos...<sup>20</sup>

Podemos observar claramente a “copresença” de “dois sistemas normativos não coerentes”, o Estado e a Igreja, no âmbito político mineiro nesse período (LEVI, 2008, p. 8). Essa relação, que se constituiu na política do Estado, esteve também presente na Escola de Educação Física (EEF-MG) e, portanto, nas suas atividades e ações. Conservação e mudança, o antigo e o moderno, coexistiram nesse contexto e balizaram culturalmente a Educação Física mineira.

Essa metrópole engajada e bem sucedida recebe reclamações de seus moderadores sobre falta de água, de luz, de calçamento e por causa da má qualidade de serviços de saúde. Em nossas visitas a Hemeroteca, chamou nossa atenção uma coluna intitulada “Reclamações da cidade”, no *Jornal Diário de Minas*, com muitas matérias e fotografias dos lugares de origem das denúncias da falta desses serviços básicos.

Outro acontecimento curioso na capital mineira era uma prática de estudantes, denominada “fila boba”. Ela foi relatada por Owalder Rolim e também encontrada em uma notícia do *Jornal Diário de Minas*. O entrevistado relatou que, quando era estudante, ele e seus amigos ficavam na fila do Cine Brasil aguardando a vez de ser atendido. Já no guichê, perguntavam o preço do ingresso para todos os filmes em cartaz e depois retornavam para a fila, atrasando o atendimento, o que ocasionava a perda do horário da sessão por alguns interessados. Esse movimento se dava em resposta aos aumentos dos ingressos e a negação de alguns estabelecimentos em conceder a “meia-

---

<sup>20</sup> Discurso do Governo Bias Fortes presente no texto de Thaís Pimentel, 1997.

entrada”. Na reportagem do Jornal a “fila boba”, conseguiu retirar um filme de cartaz devido ao seu alto preço.<sup>21</sup>

A “velha” Belo Horizonte, anterior ao processo de intenso desenvolvimento dos anos de 1940 e 1950, deixou saudades. Sentimento externado pelo poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, no poema “Triste Horizonte”, do qual transcrevemos um trecho em que relembra, com melancolia, um lugar de calma, hospitalidade, originalidade e, também, contrapõem Belo Horizonte a outras metrópoles do sudeste brasileiro:

E eu respondo, carrancudo: Não.  
 Não voltarei para ver o que não merece ser visto,  
 o que merece ser esquecido, se revogado não pode ser.  
 Passado cor-de-cores fantásticas,  
 Belo Horizonte sorrindo púbere núbil sensual sem malícia,  
 lugar de ler os clássicos e amar as artes novas,  
 lugar muito especial pela graça do clima  
 e pelo gosto, que não tem preço,  
 de falar mal do Governo no lendário Bar do Ponto.  
 Cidade aberta aos estudantes do mundo inteiro, inclusive Alagoas,  
 "maravilha de milhares de brilhos vidrilhos"  
 mariodeandrademente celebrada.  
 Não, Mário, Belo Horizonte não era uma tolice como as outras.  
 Era uma provinciana saudável, de carnes leves pesseguíneas.  
 Era um remanso, era um remanso  
 para fugir às partes agitadas do Brasil  
 sorrindo do Rio de Janeiro e de São Paulo: tão prafentrex, as duas!  
 e nós lá: macio-amesendados  
 na calma e na verde brisa irônica [...]  
 Sossega minha saudade. Não me cicies outra vez o impróprio  
 Convite. Não quero mais, não quero ver-te, meu Triste Horizonte e  
 Destrocado amor.

Mas é essa Belo Horizonte da década de 1950 que abriga a criação de duas Escolas de Educação Física, uma do Estado e outra das Faculdades Católicas. Ambas realizavam suas atividades no Minas Tênis Clube, em horários alternados. Entretanto, um conjunto de motivos fez com que seus coordenadores optassem pela fusão das mesmas, ato ocorrido em 15 de novembro de 1953 (SOUZA, 1994; KANITZ, 2003; ALMEIDA CAMPOS,

---

<sup>21</sup> O filme “Caldeira do Diabo” foi retirado, o valor do ingresso teve um aumento de 18 para 27 cruzeiros. Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas* de 15 de julho de 1958.

2007).<sup>22</sup> Em 13 de abril de 1955, essa “nova” instituição recebe seu reconhecimento Federal, pelo decreto 37.161 (GOMES, 1968, p. 17).

Os exercícios físicos e os esportes já eram uma realidade na cidade do “*footing*” da Avenida Afonso Pena e da Rua da Bahia.<sup>23</sup> Tanto que a preparação de profissionais para orientar essas práticas nas Praças de Esportes e em outros lugares educativos foi reclamada por professores formados no Rio de Janeiro ao governador de Minas Gerais, Milton Campos, em 1947.

Owalder Rolim pontuou que algumas pessoas receberam com estranheza sua decisão de se tornar professor de Educação Física em 1952, e sempre o indagavam se ele pertencia a Instituição Militar. Ele afirmou que isso se dava porque eram os militares responsáveis pelo ensino de jogos nas Praças de Esportes, por todo território mineiro. Segundo ele houve “uma lutazinha” entre os militares e os professores formados nas escolas superiores de Educação Física pela legitimidade do exercício dessa profissão.<sup>24</sup>

Acomodando o velho e o novo, o moderno e o tradicional, temos uma Belo Horizonte que comportava negociações de interesses e sentidos culturais.

## **SUJEITOS E SABERES EM CIRCULAÇÃO: MANEIRAS DE FAZER E PENSAR A PRÁTICA**

O grande número de professores e a diversidade de procedência dos mesmos, assim como dos temas das aulas e cursos são indícios da riqueza de conteúdo das Jornadas Internacionais. Apontam-nas como um tempo e um lugar de circulação de pessoas e ideias, como troca de experiências. Uma possibilidade de conhecer os “modos de fazer” de outros países e de outros estados brasileiros, maneiras de diversificar a prática, de atualizar os conhecimentos.

---

<sup>22</sup> Em depoimento cedido pelo professor Sylvio Raso ao pesquisador Roberto Kanitz Junior (2003) o mesmo afirmou que três motivos desencadearam a fusão destas duas instituições, são eles: o pequeno número de candidatos aos vestibulares destas Instituições; alguns problemas de ordem financeira e brigas internas.

<sup>23</sup> *Footing* era uma atividade social que apareceu regularmente nas matérias dos jornais pesquisados e nos relatos dos entrevistados.

<sup>24</sup> ROLIM, Owalder. Entrevista em 06 de junho de 2011.

As fontes mostram que essa diversidade não se detinha aos professores ministrantes, vindos de países da Europa, da América do Sul, América do Norte e da Ásia, mas se estendia aos alunos das Jornadas, que vieram de diversos países – Argentina, México, Japão, Uruguai, Paraguai, Equador, etc. – de outros estados brasileiros São Paulo, Rio de Janeiro, Pará, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, etc. – e de variadas cidades do interior de Minas Gerais.<sup>25</sup>

Há várias reportagens, nos jornais pesquisados, nas quais os professores de outros países e de outros estados brasileiros ressaltaram a relevância desse curso de aperfeiçoamento e declararam o empenho em promover a vinda de mais professores em outras edições. Eles também convidavam os professores mineiros para visitarem seu país ou estado levando os conhecimentos que produziram. Assim, podemos apontar as Jornadas Internacionais de Educação Física como um importante tempo e lugar de circulação de sujeitos e saberes sobre essa disciplina no período em estudo.

Nas entrevistas, esse tema também aparece recorrentemente. Para José Atayde Lacerda o mais importante legado deixado pelo curso foi a troca de informações:

Eu acho importante essa troca de informações [...] Ah! Era muito grande, muito boa. Era a troca de informações, não era isso. Os próprios professores vinham com as coisas novas para nós, então o pessoal de São Paulo, outros que vieram do exterior, era excelente.<sup>26</sup>

Owalder Rolim apontou vários indícios de uma apropriação desses saberes em sua prática docente. Falou sobre a diversificação nos conteúdos, do conhecimento de novos materiais didáticos e de seu uso posterior ao curso:

---

<sup>25</sup> Na segunda edição do Jornal Educação Física (ano II, nº II, jan. 1958) há uma nota chamada “Tôda Minas participou da Jornada” na qual é descrita a participação de professores e/ou técnicos na primeira Jornada das seguintes cidades mineiras: Nova Lima, Montes Claros, Itaúna, Rio Pomba, Divinópolis, Pará de Minas, Formiga, Pitangui, Carangola, Uberlândia, Uberaba, Itapeçerica, Araguari, Juiz de Fora, Governador Valadares, Santa Rita do Sapucaí, Monte Carmelo, Curvelo, Sete Lagoas, Serro, Campo Belo, Rio Novo, Guanhães, Cataguases, Bocaiuva, Araxá, São Gotardo, Ouro Preto, Patrocínio, Ubá, São João Nepomuceno, Lagoa da Prata, Itabira e Prata.

<sup>26</sup> LACERDA, José Atayde. Entrevista em 13 de maio de 2011.

No início da Escola, o início da coisa... todo mundo só sabia fazer ginástica de 1, 2, 3, 4... [...] Regulamento número 7. Era marcha pra cá... [...] Então, com a Escola de Educação Física nós começamos a ver outros tipos. Vieram esses professores da Alemanha, da Áustria, da Suécia e que ensinavam para a gente outras coisas completamente diferentes. Esse negócio de banco sueco, nunca sabia... Nós começamos... Eu mesmo utilizei muito banco sueco, depois levei para o SESI, nós fizemos, compramos, mandamos fazer. E fizemos muita atividade com banco sueco. E o SESI nós pegamos também, eu não sei se foi... [breve pausa] Acho que foi nessas Jornadas que vieram com o Combinado Alemão. Foi um desses professores que eu não me lembro... eu acho que foi o Gerhard Schimidt que trouxe [o combinado alemão]. Acho que foi ele, porque nós começamos a chamar de combinado alemão. Eles é que traziam essas novidades.<sup>27</sup>

Fernando Campos Furtado também lembrou várias vezes as aulas ministradas pelo austríaco Gerhard Schimidt e pelo francês Auguste Listello, afirmando que utilizou durante sua carreira os jogos aprendidos nessa ocasião pois, segundo ele, o curso oferecia “processos pedagógicos que ficavam”.<sup>28</sup>

Chamou nossa atenção investigativa o fato de muitos dos professores convidados de outras instituições e países, assim como os catedráticos da EEF-MG, terem escrito textos referentes a temas ministrados durante as Jornadas. Alguns desses textos foram veiculados em revistas que abordavam a temática. Seria apressado afirmar que isso potencializou a circulação dos conteúdos, uma vez que não pesquisamos como se deu a circulação desses periódicos no país naquele período, assim como, se de fato os professores e alunos dessa disciplina se interessaram pelos conteúdos e se apropriaram deles.

Achamos, porém, importante citar alguns exemplos.<sup>29</sup> Na Revista da APEF (Associação de Professores de Educação Física de São Paulo) ano IV, n. 5, maio 1957 foram publicados os textos: Exercícios em espaldares e bancos suecos (Alfonz Renez); Educação Física Esportiva Generalizada (Auguste Listello); Ginástica Educacional Moderna (Erica Saur); Ensino da bola ao cesto

<sup>27</sup> ROLIM, Owalder. Entrevista em 06 de junho 2011.

<sup>28</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>29</sup> Pelo catálogo do Proteoria só tivemos acesso ao título, ano de publicação e autor. Para ter acesso ao conteúdo seria preciso realizar uma viagem a São Paulo para visitar o acervo da USP e da APEF. O que não foi possível fazer em decorrência dos prazos desse estudo. Veja-se: NETO, Amarílio Ferreira (coord.); SCHNEIDER, O.; AROEIRA, K.; BOSI, F.; SANTOS, W. Catálogo de periódicos de Educação Física e Esporte (1930-2000). Disponível online: <http://www.proteoria.net>.

(Moacyr Daiuto); Folclore gauchesco (João Carlos Paixão Côrtes). No Boletim de Educação Física, ano VI, n. 16, dez. 1958, encontramos: Minhas impressões no Brasil (Gerhard Schmidt); Danças folclóricas Iugoslávias (Ivã Vargas); Metodologia do Treinamento Desportivo - aprendizagem econômica (Geraldo Pinto Souza).

As práticas dos professores Sylvio José Raso e Odilon Ferraz Barbosa nos instigam a pensá-los como sujeitos fundamentais na circulação dos conhecimentos produzidos na EEF-MG e dos aprendidos em outros lugares. Verificamos que eles não somente participavam de vários cursos de formação como também circularam por diversas localidades ministrando esses aprendizados. O professor Sylvio Raso é apontado como o idealizador das Jornadas e o precursor das Ruas de Recreio e de outras atividades acadêmicas, que visavam à afirmação da Educação Física como prática pedagógica e social (NOGUEIRA; SILVA; FERNANDES, 2011).

Pensar em circulação de ideias e pessoas implica considerar a dinâmica que a envolve. Lembrando que os modelos pedagógicos podem ser reinterpretados por aqueles que os recebem, de acordo com seus interesses, demandas, necessidades e circunstâncias. Ainda é importante ressaltar que essa circulação é desencadeada por pessoas e dessa forma estão impregnadas pelos signos que esses sujeitos construíram para si (CHARTIER, 1991; FONSECA, 2008). Por isso, pontuamos a relevância de conhecer os sujeitos que participaram da organização e realização desse conjunto de cursos de aperfeiçoamento. Apuramos quais eram os grupos sociais dos quais faziam parte, assim como os lugares e espaços pelos quais circularam e que podem guardar relação com o conteúdo escolhido para o aperfeiçoamento dos professores e técnicos de Educação Física no final da década de 1950 e início dos anos 60.

Nas Jornadas a participação desses sujeitos é efetiva. Fernando Campos Furtado diz que os professores estrangeiros eram convidados por Sylvio Raso: “Ele convidava por que sabia que esse professor iria trazer

benefício para a gente. [...] Inclusive o Sylvio fez curso na Suécia, a chamada Lingiada. [...] Ele participou na África, participou de cursos na África”.<sup>30</sup>

Nessa perspectiva, tornou-se importante interrogar o trânsito de sujeitos e de modelos pedagógicos que balizaram a formação de professores de Educação Física em Belo Horizonte, por meio das Jornadas Internacionais. Embora o enfoque desse estudo esteja nas prescrições presentes nos discursos e nas práticas, parece-nos necessário não perder de vista pistas e indícios que revelam processos de apropriação.

Nessa dinâmica podemos, ainda, indicar um duplo movimento: a vinda de professores estrangeiros para a capital mineira, a fim de ministrar os métodos desenvolvidos em outros lugares, e o movimento inverso, a ida de vários professores mineiros para outros países em busca de qualificação profissional.

Algumas perguntas orientaram a escrita dessa dissertação: O que os professores estrangeiros ministraram nas Jornadas? Como a Educação Física foi apresentada por eles? O que os professores mineiros buscavam em outros países? Que relações estabeleceram com seus pares? O que se desejava ensinar aos professores por meio desse conjunto de cursos? De que forma pensaram a sistematização do ensino dessa disciplina e da formação de seus docentes?

Perseguindo essas questões, partimos para o diálogo com as fontes e estabelecemos eixos norteadores para essa pesquisa que se tornaram, posteriormente, os três capítulos que compõem esta narrativa.

No primeiro, denominado “As instituições promotoras das Jornadas”, descrevemos a trajetória dessas instituições, problematizando as injunções políticas e acadêmicas que as caracterizaram. Buscamos apurar de que forma estavam ligadas e se comunicavam com o objetivo de compreender como essas relações se fizeram presentes na organização e consolidação das Jornadas.

No segundo capítulo, “Os sujeitos envolvidos com as Jornadas: organizadores, professores, convidados e alunos”, buscamos recuperar a trajetória de alguns sujeitos responsáveis pelo funcionamento das instituições

---

<sup>30</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

promotoras desse conjunto de cursos. Não foi nosso propósito alcançar essas trajetórias em suas totalidades, mas compreender, pelas diferentes experiências vividas, pelos lugares que circularam, pelas funções que exerciam e pelas relações estabelecidas com outros sujeitos, como se deu a atuação dos mesmos no decorrer das cinco edições do curso.

“Os conteúdos e saberes em circulação nos tempos e nos espaços do ‘certame’” é o título do terceiro capítulo, nele indagamos o porquê de algumas escolhas, a relevância dada a algumas práticas. Discutimos, em diálogo com estudos realizados sobre a história da Educação Física no início do século XX, a presença de algumas novidades e outras permanências, sobre as características desejáveis à Educação Física, ao professor e ao aluno dessa disciplina. Ainda, abordamos os tempos e espaços destinados ao “conclave”, as várias atividades que foram utilizadas como possibilidade de formação dos docentes, assim como discorreremos sobre a “cultura material” que circulou nesses encontros.

## I – As instituições promotoras das Jornadas

Conhecer [...] determinado momento e espaço implica obrigatoriamente conhecer esta dimensão organizacional, que não é aleatória aos significados contidos em uma dada interpretação da realidade social (ÂNGELA DE CASTRO GOMES, 1993, p. 64).

As Jornadas Internacionais foram uma iniciativa da Diretoria de Esporte de Minas Gerais (DEMG), dirigida na época pelo professor Sylvio José Raso, mas também colaboraram de maneira efetiva para a realização das mesmas a Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEF-MG) e a Associação de Ex-alunos desta última instituição. Outras entidades também são mencionadas de maneira esporádica, em uma ou outra edição, como é o caso da Associação Mineira de Cronistas Esportivos.

Neste capítulo, buscamos recuperar elementos das trajetórias dessas três instituições, com o intuito de entender o contexto no qual estavam inseridas, as relações estabelecidas com outros órgãos do governo e com outras instituições, lembrando que essas relações não aconteceram desvinculadas das lutas de poder e de representações. Tendo em vista que “as identidades coletivas se constituem e se deformam” (REVEL, 1998, p.26), foi necessário também considerar a plasticidade dessas ligações institucionais, admitindo suas mudanças e reacomodações.

Entendemos que as relações estabelecidas entre essas instituições possibilitaram o debate, a negociação, a disputa de interesses e objetivos, e que para lograr êxito os interesses e objetivos divergentes tiveram que ser adequados e conformados. Assim, buscamos conhecer as dinâmicas próprias de cada uma dessas três instituições, focando o olhar nas escolhas feitas no interior de cada uma e na possível interferência disso na organização das Jornadas.

## *A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS*

Na década de 1950, em Belo Horizonte, foram criadas duas Escolas de Educação Física, uma do Estado e outra das Faculdades Católicas. A primeira iniciou suas atividades em 8 de fevereiro de 1952 e foi “criada, orientada e mantida pelo então Governador Juscelino Kubitschek de Oliveira”.<sup>31</sup> Pouco tempo depois, o Arcebispo Dom Antônio dos Santos Cabral reuniu outro grupo com o propósito de fundar o curso de Educação Física das Faculdades Católicas, mantidas pela Sociedade Mineira de Cultura. Dom Cabral também era o presidente desta última instituição. As dependências do Minas Tênis Clube (MTC) foram utilizadas por ambas para realização de suas “atividades didáticas”, em horários alternados. A Escola do Estado também utilizou alguns espaços do Departamento de Instrução (DI) da Polícia Militar de Minas Gerais.<sup>32</sup>

A primeira direção dessa Escola foi composta pelos professores: Dr. Antônio Ubaldo Pena (diretor), Francisco Veloso Meymberg, Carlos de Campos Sobrinho e Carlos Alberto de Magalhães Turner. Eram oferecidos quatro cursos: Superior de Educação Física, Educação Física Infantil, Medicina Especializada e Massagem Especializada. O primeiro “concurso de habilitação” recebeu 131 inscrições, a maioria dos candidatos objetivava o Superior de Educação Física.

Já a Escola das Faculdades Católicas teve como membros de sua primeira diretoria os professores: Sylvio José Raso (diretor), José Guerra de Pinto Coelho, Coronel Olavo Amaro da Silveira e Ciro Marinho de Paula Motta. Os cursos propostos eram os de Educação Física Infantil e o Superior de Educação Física.

Ao abordar o tema, Eustáquia Salvadora de Souza relata a criação de duas comissões de professores para a criação dessas duas instituições. Uma engajada no propósito de constituir a Escola de Educação Física do Estado, composta por médicos e militares sendo que “alguns deles mantinham estreitas

---

<sup>31</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957). Reportagem: “Escola de Educação Física: velho sonho dos Educadores Mineiros”.

<sup>32</sup> Idem.

relações de amizade com JK [Juscelino Kubistchek]” (1994, p. 118). E a outra criada por Dom Cabral, também constituída de médicos e militares, que objetivava criar uma Escola para “preparar professores e técnicos inspirados nos princípios eternos do Evangelho” (SOUZA, 1994, p. 121). Sylvio José Raso, que fez parte da comissão criada por Dom Cabral, afirmou:

O negócio é o seguinte. Ele [Dom Cabral] precisava [do curso de Educação Física] para fazer a Universidade Católica. Ele tinha a Escola de Direito funcionando, tinha a Escola de filosofia, precisava de mais uma [...] Ele precisava de uma terceira, então ele catou a Educação Física, e falou: - “A Educação Física resolve meu problema” (KANITZ JUNIOR, 2003).

Na continuidade de seu relato, o professor Sylvio J. Raso ainda enfatiza que o interesse de Dom Cabral estava na possibilidade da criação da Universidade Católica e não necessariamente no curso de Educação Física. Já para Eustáquia S. de Souza (1994, p.125), a criação de duas escolas em Minas Gerais, no mesmo ano, não ocorreu por acaso. Tanto o governo mineiro quanto a Igreja Católica possuíam motivos específicos para tal ensejo: “ao governo interessava formar uma juventude forte e ordeira” e à Igreja “competia resgatar, através da Educação Física e dos esportes, os valores cristãos dos quais o Estado e os jovens haviam se distanciando nas últimas décadas” (Idem).

Segundo Eustáquia S. de Souza (1994, p.121), o Arcebispo “deixava explícito que a criação da Escola de Educação Física inspirava-se no grande movimento católico, que se instalava na Itália e na França, repetidas vezes, enaltecido pelo Papa Pio XII”. O incentivo da Igreja Católica às práticas esportivas é anterior à acessão do Papa Pio XII, alguns de seus predecessores já defendiam a prática esportiva como possibilidade de educar o espírito e a moral.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Arrisson de Souza Ferraz (s/d, p. 151) afirma que já em 1425 o Papa Eugênio IV incentivava a “educação física”, relata que o Pontífice recebeu o cidadão de Feltre, Vitório de Rambaldoni, para congratulá-lo pela criação da “Gioconda da Mântova” um lugar provido “de todas as dependências para o ensino de classe e circundada de parques arborizados, caramanchões e campos de jogo”. Todavia, é preciso relativizar o que Ferraz chamou de “educação física”, possivelmente a leitura que o mesmo fez da descrição da “Gioconda da Mântova” e das práticas ali realizadas guardou relação com uma compreensão contemporânea de algumas práticas corporais e exercícios físicos que compõem a disciplina Educação Física. Esse mesmo autor continua seu argumento trazendo exemplos de outros Papas que defenderam as práticas corporais e esportivas, atribuindo codinomes a alguns desses como, ao Papa Pio X (Pontífice

Nas fontes mobilizadas para este estudo não foram poucas as vezes que professores, jornalistas e religiosos se apoiaram nas palavras do Papa Pio XII para legitimar a Educação Física. Esse Pontífice proferiu alguns discursos atribuindo aos esportes um importante papel na educação da juventude, o que profere em Roma, em maio de 1945, aos esportistas italianos, é sempre referenciado nas fontes. Nessa ocasião defendeu:

Longe está da verdade aquêle que acusa a Igreja de não cuidar do corpo e da cultura física, como aquêle que pretenda restringir sua competência às cousas puramente religiosas, exclusivamente espirituais, como se o corpo, criado por Deus juntamente com a alma à qual está unido, não devesse ter a sua parte nas homenagens que se rendem ao Criador [...] Afinal o que é o esporte senão uma das formas de educação do corpo? Ora, essa educação está em estreita relação com a moral. Como poderia, pois, a Igreja desinteressar-se dela? (PIO XII apud FERRAZ, p. 167).<sup>34</sup>

Em 15 de setembro de 1953, essas duas instituições se fundem, levando consigo a “copresença” da instituição militar e da Igreja (LEVI, 2008, p. 8). Em um recorte de jornal, encontramos a seguinte declaração sobre a situação dessas duas Escolas antes da fusão: “duas entidades cumprindo as suas finalidades, mas sentindo, logicamente, as influências da dispersão de esforços”.<sup>35</sup> Esse argumento pode ser referir não só a pequena demanda de estudantes, mas também ao dispêndio financeiro para o pagamento dos professores. Ao ser entrevistado por Roberto Kanitz, o professor Sylvio J. Raso declarou: “porque [Dom Cabral] achou que a Escola, com as outras duas Escolas [Direito e Filosofia], resolvia e fazia a Universidade. Mas viu que gastava muito dinheiro, muito complicado, uma estrutura muito difícil” (KANITZ JUNIOR, 2003, p. 73).

---

de 1903 a 1914) chamado de “amigo da mocidade e dos esportes”, ao Papa Pio XI (Pontífice de 1922 a 1939) considerado o “Papa Alpinista” e finalmente ao Papa Pio XII (Pontífice de 1939 a 1958), apresentado como o “Papa amigo dos esportes e dos esportistas” (Idem, p. 155 - 157).

<sup>34</sup> Vale comentar que o pronunciamento do Papa aconteceu imerso ao contexto final da Segunda Guerra Mundial, embora Arrisson de Souza Ferraz não mencione o fato.

<sup>35</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Fundo Herbert de Almeida Dutra. Dossiês Recortes de Jornais. Reportagem intitulada “Também o esporte aproxima o homem de Deus: a sólida base moral e espiritual da Escola de Educação Física de Minas, fruto da fusão de duas iniciativas generosas e progressistas”.

O convênio de fusão das Escolas foi firmado entre o Governador Juscelino Kubitschek e Dom Cabral. Em 13 de abril de 1955 a Instituição recebe seu reconhecimento Federal, pelo Decreto 37.161 (GOMES, 1968 p. 17). Como o espaço próprio para a construção da sede da Escola só foi disponibilizado em 1958, por meio da cessão de um terreno pelo Governador Bias Fortes, a Escola utilizou as dependências de outras entidades como, o já citado MTC, o Colégio Marconi e o Departamento de Instrução (DI) da Polícia Militar de Minas Gerais.<sup>36</sup>

Segundo reportagem de jornal, com a fusão, a Escola passaria a funcionar no prédio do Colégio Marconi, que permitiria “a centralização das atividades letivas” que seriam desenvolvidas “no mesmo ambiente, seja com relação às matérias teóricas, seja nos setores da prática”.<sup>37</sup> Todavia, se considerarmos as informações contidas na manchete da terceira edição do *Jornal Educação Física*, as aulas práticas e teóricas só passaram a se realizar no mesmo local no final da década de 1950,

encontrando-se, entretanto, meios de colocar a Escola em pleno funcionamento, dentro das exigências legais do ensino da Educação Física, graças a colaboração de entidades, que se prontificaram em ceder suas dependências. No Minas e no Departamento de Instrução [D.I.] da Polícia Militar, depois no Colégio Marconi, e finalmente, agora, no D.I., funcionaram normalmente as aulas teóricas e práticas.<sup>38</sup>

Owalder Rolim também relatou a existência da divisão de aulas teóricas e práticas por espaços distintos pois

a Escola começou funcionando dois ou três dias no Minas e no DI. Depois ela passou a funcionar acho que um dia no DI por causa da praça de atletismo e no Marconi, que tinha uma praça de esportes e uma piscina e também dava algumas aulas no Minas.<sup>39</sup>

<sup>36</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº III, nov. 1958).

<sup>37</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Fundo Herbert de Almeida Dutra. Dossiês Recortes de Jornais. Reportagem intitulada “Também o esporte aproxima o homem de Deus: a sólida base moral e espiritual da Escola de Educação Física de Minas, fruto da fusão de duas iniciativas generosas e progressistas”.

<sup>38</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº III, nov. 1958).

<sup>39</sup> ROLIM, Owalder. Entrevista em 06 de junho de 2011.

A utilização das “magníficas instalações” das praças de esportes e de atletismo do DI, se dava em virtude do pagamento de uma contribuição mensal de vinte mil cruzeiros pela Escola à referida entidade. Nas palavras do *Jornal Educação Física*, “importância sem dúvida inferior ao valor da cessão que nos faz o Comando da milícia mineira”.<sup>40</sup>

A construção da sede da EEF-MG contou com o apoio do Governo mineiro e também com auxílio do Governo Federal, que por meio do Ministério da Educação e Cultura, destinou verba específica para construção de um “Centro de Recreação Física apêndice à Escola”.<sup>41</sup>

Em outra reportagem da terceira edição do *Jornal*, intitulada “Missão útil à coletividade”, foi pontuado o fato de ser pequeno o número de diplomados pela Escola a ocuparem a função de treinadores nos clubes esportivos. Chamados de “punhado de pioneiros”, a reportagem segue argumentando que os mesmos estavam atuando mais no setor educacional. Essa atuação foi considerada “mais ampla” e, ainda, “muito mais útil à coletividade”. Podemos indagar se aqui não há vestígios dos objetivos dessa instituição; se não há apontamentos para as características do professor que ela desejava formar. Esteve a EEF-MG, nesse momento, mais preocupada com o ensino da Educação Física nas escolas do que com o treinamento de equipes esportivas? A continuidade desse argumento exposto no *Jornal* nos permite supor que sim:

A mocidade de Minas está recebendo os ensinamentos que aqui ministramos e já se encara hoje, de modo bem diverso, o trato que se deve proporcionar ao corpo, par a par com a educação do intelecto e do espírito. O povo vê a necessidade dessa educação integral e não só aplaude as iniciativas, como chega a apoiar e a participar do trabalho que, intensamente, se realiza visando o maior desenvolvimento da Educação Física no Estado...<sup>42</sup>

De 1953 até a federalização em 1969, momento no qual a EEF-MG passou a pertencer a Universidade Federal de Minas Gerais, a Escola funcionou sob o regimento pedagógico das Universidades Católicas e com

---

<sup>40</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº III, nov. 1958).

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano III, nº IV, out. 1959).

investimento financeiro do Estado, através do repasse monetário da Loteria, o que conferiu um caráter híbrido à Instituição.

Carmem Gomes, coordenadora de ensino da EEF-MG, em texto publicado na Revista da Escola de Educação Física de Minas Gerais, em 1968, afirma que a criação dessa Instituição foi tardia: “Somente no final da primeira metade do século XX é que Minas Gerais partiu para uma conscientização mais objetiva da imprescindível necessidade de se criar uma Escola de Educação Física de nível superior...”. Gomes relata que, em 1947, foi entregue ao Dr. Milton Soares Campos, então Governador do Estado, um manifesto no qual alguns sujeitos ligados à Educação Física e aos esportes solicitavam a criação de uma instituição de ensino que formasse profissionais para atuar nessa área do conhecimento (GOMES, 1968 p. 17).

Esse documento, de 10 de junho de 1947, foi denominado “Necessidade da criação da Escola de Educação Física e Desportos de Minas Gerais”.<sup>43</sup> Foi elaborado por sete professores diplomados pela Escola de Educação Física do Exército ou pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos, ambas sediadas no Rio de Janeiro – RJ. São eles: Sylvio José Raso, Theodomiro Marcelos, Antônio Macedo, Antenor Francisco Vasconcelos Horta, Ayerton José de Araújo, Maria Yedda Vecchio Maurício, Herbert de Almeida Dutra e Gabriel Godoi. Esses professores ressaltaram as dificuldades encontradas para a formação de professores de Educação Física para atuar no Estado, uma vez que teriam que se mudar para outro estado, mais comumente para o Rio de Janeiro. Ressaltaram que Minas Gerais já possuía demanda por técnicos suficiente para criar uma escola superior para a formação dos mesmos e, para salientar esse argumento, trouxeram exemplos de outros estados brasileiros que embora tivessem “menor projeção no cenário desportivo nacional”, já possuíam suas Escolas de Educação Física e Desportos como São Paulo, Espírito Santo, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Sul, etc.

Os professores demonstraram nesse documento que não estavam somente preocupados com as necessidades materiais inerentes a esse

---

<sup>43</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Documento: “Necessidade da criação da Escola de Educação Física e Desportos de Minas Gerais” (10 de junho de 1947).

empreendimento, mas também ao pessoal preparado para assumir as tarefas dessa nova instituição. Argumentam que a preocupação com a formação de professores de Educação Física não era um debate novo, sendo que desde o início do século XX essa questão era discutida.

Owalder Rolim relatou que, antes da criação da EEF-MG, a Educação Física em Minas Gerais ficava a cargo dos militares, que recebiam uma “gratificação” para ensinar nas Praças de Esportes do estado mineiro.<sup>44</sup> Sobre a presença dos militares no ensino da Educação Física destacamos, entre outros, o estudo de José Silveiro Baía Horta (1994) quando afirma que se fortaleceu durante o governo de Getúlio Vargas e se manifestou mais especificamente por duas iniciativas: pela instrução pré-militar e pelo ensino da Educação Física.

Em Minas Gerais, desde a reforma do ensino primário de 1906, conhecida também como Reforma João Pinheiro, foi prevista a possibilidade de instrutores e monitores militares serem convidados a atuar nos grupos escolares ministrando evoluções militares para meninos (VAGO, 2010). Em sua dissertação de mestrado, a professora Margareth de Paula Ambrósio (2008) aponta o instrutor militar Theodomiro Marcellos como o primeiro professor de Educação Física do Colégio Santo Agostinho de Belo Horizonte, tendo iniciado a docência na década de 1930.

A opção por militares pode guardar relação com a existência de um curso de preparação em Educação Física para sargentos da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. Esse curso foi criado para as necessidades relacionadas à capacitação física do próprio contingente, mas em decorrência da ausência de uma instituição civil de formação de professores no estado mineiro, atendia também a algumas necessidades civis (AMBROSIO, 2008).

Percebemos que militares, civis e religiosos estiveram engajados na consolidação, não somente da EEF-MG, como também da Educação Física em Belo Horizonte e em Minas Gerais.

As ações da EEF-MG repercutiram na imprensa mineira nos finais da década de 1950. Na página 9, da primeira edição do *Jornal Educação Física*, é apresentada a crônica, publicada anteriormente no *Jornal Folha de Minas*, na

---

<sup>44</sup> ROLIM, Owalder. Entrevista em 06 de junho de 2011.

qual o Jornalista Fortunato Pinto Junior exalta a EFF-MG e suas atividades.<sup>45</sup> Encontramos, nesse texto, afirmativas como: “se há obra de que pode orgulhar-se o Estado é essa Escola de Educação Física”, “não percam tempo os mineiros e vão conhecer imediatamente a Escola de Educação Física” e, ainda enfatiza, “é visita que falará bem ao nosso mineirismo e à nossa tradicional ufanía de homens de espírito”. Sempre em tom laudatório, discorre sobre o ambiente de dúvida e descrença no qual a Escola foi criada, “em Minas, a Escola de Educação Física pareceu inicialmente devaneio de utópicos, pois o temperamento mineiro não seria aparentemente o mais indicado a dar vida a iniciativas de tal gênero”. Fortunato não esclarece o porquê desse Estado não ser considerado um bom berço para uma instituição dessa natureza.

Em outra reportagem intitulada: “Também o esporte aproxima o homem de Deus: a sólida base moral e espiritual da Escola de Educação Física de Minas, fruto da fusão de duas iniciativas generosas e progressistas”, o jornalista (não identificado) corrobora com o argumento acima.<sup>46</sup> Segundo ele, a criação das Escolas foi pioneira e surpreendeu a muitos, gerando “incredulidade e ceticismo”. Descreve a cidade de Belo Horizonte como lugar considerado impróprio:

Não era possível que Belo Horizonte, recatada e austera, desse o exemplo de vanguarda, levando aos campos de esporte, até bem pouco encarados com hostilidade e preconceitos de toda ordem, a assistência e o estímulo da Igreja. Era uma obra de pioneirismo e, como tal, teria de encontrar obstáculos sem contar, a incompreensão.

Atribuiu a Dom Cabral a iniciativa de assumir os riscos e investir nesse empreendimento, que o jornalista chamou de “campanha de esclarecimento, de combate e sobretudo, de orientação”. Ainda afirmou que Dom Cabral estimulou a orientação da Educação Física, combatendo-lhe os efeitos “maléficos das doutrinas nocivas” e buscou direcionamento no respeito e na moral. Esses argumentos vão ao encontro dos defendidos por Eustáquia S. de Souza, que afirmou que a Igreja se interessava pela Educação Física por entender que por

---

<sup>45</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957.

<sup>46</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Fundo Herbert de Almeida Dutra. Dossiês Recortes de Jornais.

meio do esporte poderia “impregnar valores morais tidos como essenciais para o mundo do trabalho, para a estruturação da família nos moldes cristãos...” (SOUZA, 1994, p. 126).

O mesmo jornalista, não identificado, recorre também ao discurso do Papa Pio XII, proferido na Itália em 1952<sup>47</sup>, no qual incentiva a prática do esporte e da ginástica orientados, para legitimar a presença da EEF-MG no território mineiro e para consolidar as ações da mesma:

A Escola de Educação Física das Faculdades Católicas tornou-se uma realidade. Trazia consigo a missão de dar à educação física em Minas o alto sentido indicado pelas eloqüentes palavras da Sua Santidade. Simultaneamente, o Governador do Estado, reconhecendo a alta relevância de se consubstanciar o apoio dos poderes públicos à prática do desporto através de um órgão de orientação técnica, transformava em realidade uma das mais antigas reivindicações dos desportistas mineiros. Organizava-se a Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais.<sup>48</sup>

Entretanto, o professor de Metodologia do Treinamento Desportivo da EEF-MG, Major Geraldo Pinto de Souza apesar de também ter declarado que a criação da instituição foi tardia, pontuou que se tinha desde antes todos os “meios favoráveis” e que vários “devotados pioneiros” da Educação Física já haviam demonstrado a necessidade e importância dessa prática pedagógica. Ressaltou o nome de Renato Eloy de Andrade, “antigo diretor da Inspeção de Educação Física do Estado, no Governo Antônio Carlos, e grande educador que viveu e muito realizou”; o nome do professor Caetano Evangelista, “o eficiente, o enérgico e correto professor”; o nome do Tenente-Coronel Eurípedes de Oliveira Dias, “o dinâmico militar-pedagogo, apaixonado pelos problemas da ginástica e dos desportos”; e finaliza citando o professor Antônio Pereira da Silva, “o saudoso e sempre lembrado chefe de escoteiros de Belo Horizonte e eficiente professor de Educação Física do antigo Ginásio Mineiro”. Sobre esses sujeitos, Geraldo Pinto de Souza acrescenta que foram eles que

---

<sup>47</sup> Discorso di Sua Santità Pio XII ai partecipanti al Congresso Scientifico Nazionale Italiano dedicato alle Attività Ginnico-sportive. Sabato, 8 novembre 1952. Disponível em: [http://212.77.1.246/holy\\_father/pius\\_xii/speeches/index\\_po.htm](http://212.77.1.246/holy_father/pius_xii/speeches/index_po.htm) (Italiano). Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>48</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Fundo Herbert de Almeida Dutra. Dossiês Recortes de Jornais.

“sonharam, idealizaram e chegaram mesmo a realizar os primeiros passos para a consumação de uma obra, até então fadada a existir apenas na imaginação ou no mundo da fantasia”.<sup>49</sup>

O autor relatou que, quando professores de outros estados vinham visitar Minas Gerais, questionavam o fato de não terem ainda uma escola superior de Educação Física e ressaltavam que se tinha o ambiente propício. Geraldo Pinto de Souza descreveu algumas afirmativas como: “você mineiros que possuem ótimo celeiro de jogadores para o futebol nacional”, “que contam com integral apoio do Estado e da Igreja”, “que possuem mais de uma dezena de praças de esportes”, entre várias outras que precedem a interrogação “ainda não possuem uma Escola de Educação Física?”.

Sobre a recepção mineira à Escola, Owalder Rolim também trouxe seus argumentos. Ele afirmou ter ocorrido certa resistência por partes dos militares à criação de uma Escola Superior de Educação Física civil. Owalder Rolim também relatou a luta política enfrentada para tornar o curso de Educação Física reconhecido como de nível superior:

Então, foi certa “lutazinha” assim de coisa com o pessoal militar. Porque os militares achavam que fazendo uma escola civil, nós íamos tomar os lugares dos Sargentos que estavam nas quadras, nas Praças de Esportes. As Praças de Esportes foram criadas no governo de Benedito Valadares. Mas, não tinha razão, eu acho. Porque nem na época nem após, porque ninguém sabia. Quando eu falava que era professor de Educação Física, o pessoal perguntava: “Você é militar?” Ou você era do exército ou era da polícia. Aqui a maioria era da polícia militar, mas foi uma luta assim devagarzinho para colocar, assim, por exemplo, a Educação Física como Escola Superior. Ninguém acreditava. Eu trabalhei muito nessa parte como presidente do nosso Diretório Acadêmico e fui brigar com o pessoal da coisa aí para mostrar que era a Escola de Educação Física [...] era de acordo com Decretos, aquele negócio todo e ninguém conhecia. Então, havia... Porque naquela época o DCE, tanto o da coisa quanto da Universidade Católica eles só reconhecia... quer dizer eles só sabiam que era Escola Superior os cursos de Direito, de Medicina, quatro ou cinco só. Esses mais antigos e mais famosos.<sup>50</sup>

Assim, ao abordar esse tema, foi preciso considerar as disputas, as tensões, as negociações, as renúncias, os diálogos e os debates em defesa de

<sup>49</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>50</sup> ROLIM, Owalder. Entrevista em 06 de junho de 2011.

interesses distintos. Mais uma vez, se fez necessário atentar para as lutas de poder e representação que orientaram a formação de um “imaginário” sobre a Educação Física mineira (BACZKO, 1985). Temos argumentos em negociação sobre a recepção mineira à EEF-MG e aos professores ali formados: um que defende Minas Gerais como lugar propício e acolhedor e outro como lugar de desconfianças e austeridade. Todavia, sabemos que tais afirmações sobre esse assunto não são desprovidas de interesses, nem no momento de sua constituição, nem no de sua circulação.

Com o propósito de evidenciar a importância da EEF-MG para os mineiros, os jornalistas citados utilizaram, ainda, a comparação com uma instituição congênere e descrevem a atuação dos professores formados pela Escola. Assim, o jornalista Fortunato Pinto Júnior enfatizou que pelo êxito alcançado em suas ações a EEF-MG, mesmo com poucos anos de existência, quebrou as expectativas de fracasso e já havia superado a Escola Nacional: “fundada e funcionando há tantos anos, ainda não conseguiu firmar conceito à altura do papel que se lhe reserva no conjunto das instituições destinadas a servir o desporto brasileiro”.<sup>51</sup>

Fortunato considerava que não havia “tarefa mais ingrata e difícil, quando não suspeita de inoperante e sem importância, do que a de formar professores e técnicos de educação física”. Enfatizou quão benéfica e imersa de alteridade é uma instituição que se propõe a essa tarefa, uma vez que, não veria de pronto a aceitação e o reconhecimento da sociedade. O jornalista apontou, também, o sucesso do trabalho dos ex-alunos da EEF-MG, tomando a atuação dos mesmos como exemplo da eficácia dessa instituição:

[...] os técnicos e professores que a Escola já diplomou podem ser encontrados nas praças de esportes de todo o Estado, nos colégios e clubes, nas empresas industriais e no SESI, prestigiados e conceituados pela solidez de seus conhecimentos e pela segurança dos métodos que aplicam.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>52</sup> Idem.

Endossa esse argumento o trecho de outra reportagem do *Jornal Educação Física* que versou sobre as atividades educacionais dos ex-alunos da Escola:

Seis anos de funcionamento regular e ininterrupto permitiram à nossa Escola entregar ao ensino e à aplicação da Educação Física um apreciável número de professores, médicos e técnicos que vêm cumprindo eficientemente em setores os mais variados a louvável missão em que se empenharam ao receber seu diploma especializado.<sup>53</sup>

Percebemos que, além de mostrar os variados setores assumidos pelos professores formados na Escola, esses jornalistas enfatizaram os conhecimentos adquiridos nessa instituição, ressaltando a capacidade que possuíam de ensinar e seus domínios pedagógicos e técnicos.

O jornalista Fortunato Pinto Júnior parece, ainda, afirmar em sua crônica que a Escola havia mudado a dinâmica da cidade, conferindo-lhe novas rotinas e práticas. Também ressaltou que, com o advento dessa instituição, a disciplina passa a ser ministrada por especialistas no assunto, como observamos nesse trecho: “há uma mentalidade e um espírito novos influenciando e animando as práticas esportivas e a educação física vai deixando de ser matéria confiada a curiosos leigos”.<sup>54</sup>

A EEF-MG oferecia bolsas de estudos para estudantes vindos do interior de Minas Gerais e esse benefício era anunciado no periódico da Escola com frequência. Nas demais reportagens do *Jornal Educação Física* e por meio de outras fontes, primárias e secundárias, compreendemos que esta instituição lançou mão de algumas iniciativas para se tornar conhecida e difundir saberes e práticas organizadas em seu interior. Dentre essas ações podemos citar, para além das Jornadas Internacionais, as Ruas de Recreio, as Jornadas Interioranas, os Jogos da Primavera, como também a produção de um periódico próprio, o *Jornal Educação Física*.

Na Tabela 1 são apresentados os nomes dos diretores da EEF-MG, desde sua fundação até o momento em que passa a pertencer a Universidade

---

<sup>53</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>54</sup> Idem.

Federal de Minas Gerais. Negociando identidades, se revezaram na direção dessa instituição muitos médicos, outros professores; que acumulavam outras funções tais como a de médico, a de militar ou a de advogado. Possivelmente todos católicos.

Tabela 1. Diretores da Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952 a 1970)

<b>Nome</b>	<b>Formação</b>	<b>Período no Cargo</b>
Antônio Ubaldo Moreira dos Santos Penna	Médico	1952 – 1953 (EEF das Faculdades Católicas)
Sylvio José Raso	Professor de Educação Física e Médico	1952 – 1953 (EEF do Estado de Minas Gerais)
Antônio Ubaldo Moreira dos Santos Penna	Médico	1953 – 1956
José Guerra Pinto Coelho	Médico	1956 – 1959
Olavo Amaro da Silveira	Professor de Educação Física e General do Exército	1959 – 1963
Jacy Roiz Pereira	Professor de Educação Física e Médico	1963
Herbert de Almeida Dutra	Professor de Educação Física e Advogado	1963 – 1970

### *A DIRETORIA DE ESPORTES DE MINAS GERAIS*

A Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG) era um órgão do Governo Estadual que recebia recursos financeiros provenientes da Loteria Mineira para realizar ações que visassem a Educação Física e os esportes.

Owalder Rolim relatou que esse órgão foi criado para administrar as Praças de Esportes, concedendo profissionais para ali atuar, realizando reformas na infraestrutura, fornecendo materiais esportivos e de apoio, oferecendo cursos de aperfeiçoamento, dentre outras ações. As Praças de Esportes são apontadas pelos entrevistados Owalder Rolim e Fernando

Furtado como uma criação do governador Benedito Valadares<sup>55</sup> nas décadas de 1930 e 1940.<sup>56</sup> Luciano do Carmo, em artigo publicado no *Jornal Diário de Minas*, também atribuiu a Benedito Valadares o lançamento de um “programa de larga envergadura de construção e operação de ‘praças de esportes’ no Estado” que permitiu a Minas Gerais “alcançar destaque irremovível no ambiente desportivo nacional”.<sup>57</sup>

Giovanna C. da Silva (2009, p. 46) ao investigar os projetos de formação de professores realizados pela Inspeção de Educação Física de Minas Gerais, entre 1927 e 1937, indica que uma das finalidades dessa instituição era a de estabelecer na capital e nas cidades do interior “praças de exercícios físicos convenientemente localizadas para que possam concorrer a ellas todos os alunos das escolas públicas, devendo cada praça ser dirigida por um dos auxiliares designados pelo inspetor”. O exposto nos indica que o desejo de construção de espaços destinados às práticas esportivas é anterior à acessão de Benedito Valladares ao governo do estado. O inspetor Renato Eloy de Andrade pode ser indicado como idealizador desses espaços educativos.<sup>58</sup> Assim, indícios levaram a referida autora a apontar que a efetiva construção das Praças, pela Inspeção, ocorreu no ano de 1933 “com a abertura de editais

---

<sup>55</sup> Benedito Valadares sucedeu o governador Olegário Maciel. Foi nomeado pelo presidente Getúlio Vargas em 1933 permanecendo no cargo até o ano de 1945. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias>. Acesso em: 20 de julho de 2011.

<sup>56</sup> ROLIM, Owalder. Entrevista em 06 de junho de 2011 e FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>57</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 16 de julho de 1960. Artigo denominado “Desporto em Minas: 4 anos de realizações e desenvolvimento”, autoria de Luciano do Carmo.

<sup>58</sup> Na capital federal desde meados da década de 1920 esses espaços são cogitados por intelectuais da Associação Brasileira de Educação (ABE) em estreito diálogo com a Associação Cristã de Moços (ACM) (LINHALES, 2006). Na Seção de Educação Física e Higiene (SEPH) pertencente ao departamento carioca da ABE, o Sr. H. J. Sims é um fervoroso defensor desta ideia e envidou esforços para que as “autoridades” liberassem um terreno no centro da cidade do Rio de Janeiro para que o *Rotary Club* instalasse um *play ground* (LIMA, 2009). O Sr. H. J. Sims foi técnico de basquetebol do time em que Renato Eloy de Andrade, o inspetor de Educação Física de Minas Gerais nas décadas de 20 e 30, jogou no Rio de Janeiro. Giovanna C. da Silva (2009, p. 70) afirma que ele “cultivava grande estima por Renato” e que devido a isso o Sr. Sims conseguiu que Renato Eloy de Andrade fosse estudar nos Estados Unidos. Assim, como na cidade do Rio de Janeiro, outras cidades brasileiras também envidaram esforços a fim de construir esses espaços, por exemplo, temos as praças de esportes de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A primeira foi construída em 1926 na área central da cidade e chamada de “Jardim de Recreio” (FEIX, 2003, p. 26). Este projeto, segundo Eneida Feix (2003, p. 11) foi idealizado e efetivado pelo professor Frederico Guilherme Gaelzer, no governo do Dr. Octávio Rocha, e tinha por objetivos a “prevenção da delinquência” e “qualificar a sociedade”.

e a construção de um parque de esportes” (p. 51). Apesar do ano da construção desse parque de esportes coincidir com o ano em que Benedito Valadares assumiu o governo mineiro, podemos afirmar que essa ação havia sido projetada anteriormente.

O estudo de Giovanna C. da Silva (2009, p. 57) indica ainda que no governo de Benedito Valadares houve uma diminuição dos recursos destinados à construção de Praças de Esportes. Segundo ela, o investimento do estado passou de “40:000\$000 (quarenta contos de réis) para 15:000\$000 (quinze contos de réis)”. Houve redução em tudo o que se referiu a Educação Física, atingindo o percentual de 50% a menos em relação à gestão do governador Olegário Maciel.

Esses espaços não se limitaram a capital, mas se expandiram gradativamente por todo território mineiro. Chamadas de Praças de Esportes Minas Gerais poderiam ser construídas pela prefeitura ou pelo estado. Para gerenciar esses espaços, o governador Benedito Valadares criou, no ano de 1943, a Diretoria Geral das Praças de Esportes Minas Gerais (SILVA, 2009). Uma nota na segunda edição do *Jornal Educação Física* afirmou que os benefícios advindos da instalação das Praças de Esportes eram do conhecimento de todos e, ainda, que esses espaços estavam “espalhados pelo interior, nos quais os moços encontram ambiente propício à prática sadia do exercício físico”.<sup>59</sup> O relato do entrevistado Fernando Furtado corrobora com a afirmativa anterior quando argumenta que

foi fundada lá em Pará de Minas a Praça de Esportes Pará de Minas Tênis Clube. E ele [Daniel Barbosa, instrutor militar] começou a me ensinar vôlei, basquete, natação e tênis [...] O Getúlio Vargas era Presidente da República e Benedito Valadares governador do Estado. E o prestígio de Benedito era tão grande que levou o Getúlio Vargas para inaugurar essa Praça de Esportes em Pará de Minas...<sup>60</sup>

Todavia, percebemos certa contradição nas informações dadas pelos entrevistados e nas acessadas no estudo de Giovanna C. da Silva. Tanto Fernando Furtado quanto Owalder Rolim se referem ao período de governança

<sup>59</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº II, jan. 1958).

<sup>60</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

de Benedito Valladares como o de criação das Praças de Esportes e de construção desses espaços em várias cidades do interior de Minas Gerais. Assim, questionamos, se com Benedito Valadares os recursos financeiros destinados a esses espaços diminuiriam, como explicar sua expansão justamente nesse período?<sup>61</sup>

No ano de 1946, por meio do Decreto nº 1.765, a Diretoria Geral das Praças de Esportes passa a se chamar Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG).<sup>62</sup> Durante o período do governo de Juscelino Kubitschek (1950 a 1954) esses espaços destinados à prática de exercícios físicos foram ampliados, sendo construídas trinta e sete novas Praças no estado.<sup>63</sup>

Owalder Rolim e Fernando Furtado consideravam a DEMG como o “caminho natural” dos recém-formados pela Escola. Para eles, essa Instituição era o lugar de colocar em prática o conhecimento adquirido durante o curso superior. Como nos indica o discurso pronunciado por Owalder Rolim na ocasião de sua formatura no curso de Técnica Desportiva pela EEF-MG, quando versou sobre o fato de muitos formados estarem atuando no Serviço de Recreação Física do SESI:

Não seria mais lógico e racional que o verdadeiro ‘laboratório de pesquisa’ fôsse [sic] a Diretoria de Esportes de Minas Gerais? E que aquela instituição constituísse o campo propício ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento dos licenciados? Sendo a Diretoria de Esportes o órgão subvencionado pelo Governo do Estado encarregado da orientação do esporte especializado, para a própria consecução desses objetivos em bases seguras, deveria estar em íntima ligação com a Escola formadora de professores e técnicos desportivos, que o

---

<sup>61</sup> Além da praça de esportes de Pará de Minas, mencionada no depoimento de Fernando Furtado, temos a implantação das Praças de Esportes: do Grupo escolar Barão de Macaúbas, em 1933; do Colégio Arnaldo, em 1937; e, ainda, a criação do Minas Tênis Clube em Belo Horizonte, no ano de 1935 (SILVA, 2009, p. 186 e SOUZA, 1994, p. 101). Desvelar mais minuciosamente a trajetória da DEMG e das Praças de Esportes é de suma importância para compreender os objetivos e motivações de tal iniciativa, como também as práticas de educação do corpo que ali tiveram lugar. Essas questões são de grande relevância para a história da Educação Física em Minas Gerais e devem ser aprofundadas, contudo no momento dedicado ao levantamento de fontes o acervo do Centro de Memória e Informação do Esporte do Estado de Minas Gerais (CEMIE-MG) estava em tratamento. O que impossibilitou o acesso a outras fontes sobre a criação e as ações desenvolvidas pela DEMG.

<sup>62</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 16 de julho de 1960. Artigo denominado “Desporto em Minas: 4 anos de realizações e desenvolvimento”, autoria de Luciano do Carmo.

<sup>63</sup> Disponível em: <http://www.memorialjk.com.br/>. Acesso em: 04 de outubro de 2011.

Estado também mantém funcionando em estreita ligação com ela de maneira que uma completasse a atividade da outra.<sup>64</sup>

O professor Owalder Rolim pareceu reclamar uma ação mais conjunta entre as duas entidades do governo mineiro. Acreditamos que ele não era contrário a atuação dos professores e técnicos no referido órgão do SESI, uma vez que o mesmo fez parte do seu corpo de funcionários. Mas a questão está no fato de não haver uma política que integrasse a EEF-MG e a DEMG visando o aperfeiçoamento dos professores formados na primeira instituição.

Aparentemente o professor Owalder Rolim não era o único a se preocupar com uma maior associação entre a DEMG e a EEF-MG. Nessa mesma edição do *Jornal*, há uma nota intitulada “Contribuição Valiosa” que discorre sobre a importância para a Educação Física do Decreto Estadual nº 5.349, assinado pelo governador Bias Fortes, em 5 de novembro de 1957. Esse Decreto estabeleceu novas normas para a DEMG, estipulando uma maior aproximação da mesma com a EEF-MG. O *Jornal* afirma que o Decreto determina a promoção conjunta de cursos, congressos, jornadas e certames; o periódico ainda enfatiza, “embora já houvesse entre a Diretoria de Esportes e a nossa Escola um pleno entendimento para efetivação de medidas de largo alcance, e, por exemplo, bastaria citarmos a I Jornada de Estudos de Educação Física...”. Esse Decreto foi anunciado novamente na terceira edição do *Jornal Educação Física*, dessa vez a letra *d* e a letra *e* do artigo primeiro, referentes ao estabelecimento de objetivos comuns entre essas instituições, são transcritas no periódico:

Realizar e propiciar, mediante acordo com a Escola de Educação de Minas Gerais, conferências, estudos e pesquisas que visem ao aperfeiçoamento e à difusão prática racional da Educação Física ou dos desportos.

Promover, mediante autorização expressa do chefe do Executivo, planos de cooperação com a EEF-MG para a realização de cursos

---

<sup>64</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº II, jan. 1958).

ordinários e extraordinários de Educação Física, Desportos e Recreação, inclusive instituindo bolsas de estudos.<sup>65</sup>

Ainda sobre o Decreto de 1957, o artigo nº 21 subscreve que a DEMG deveria estabelecer convênio com o Serviço de Controle Médico Desportivo da Secretária de Saúde e Assistência visando melhorar ainda mais seus investimentos no “aprimoramento racial e na melhoria das condições físicas de nosso povo”.<sup>66</sup> Assim, temos a DEMG como uma instituição engajada com outros órgãos estaduais buscando melhorar sua atuação junto à sociedade mineira.

O *Jornal Folha de Minas* considerou esse Decreto como uma ampliação “[d]a área de atuação da Diretoria de forma a enquadrar-se mais perfeitamente à moderna concepção de educação física integrada e abrangente” e ainda pontuou que esse órgão passaria a atuar por três unidades de trabalho que foram: “promoção e divulgação desportivo educacional”; “atividades ginásticas, desportivas e recreativas” e “atendimento às entidades esportivas”.<sup>67</sup> A realização das Jornadas se inseriu nas ações da primeira unidade de trabalho da DEMG.

Essa instituição também era procurada por agremiações esportivas para financiamento de obras de infraestrutura e apoio a viagens e campeonatos. No *Jornal Diário de Minas*, do dia 15 de agosto de 1957, a reportagem que versou sobre a inauguração do novo departamento de esportes especializados do Atlético (no caso citam o basquetebol, vôlei e a natação) menciona o apoio financeiro da DEMG. Já no mesmo periódico do dia 24 de julho de 1960, há o anúncio da solicitação de verbas da Federação Mineira de Voleibol para que a equipe mineira dessa modalidade pudesse participar do “certame nacional”, no Estado da Guanabara, e, também, para a realização do Campeonato do Interior do estado mineiro.

Percebemos, então, que a DEMG foi um órgão preocupado com as questões pedagógicas, promovendo ações como cursos de aperfeiçoamento

---

<sup>65</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº III, nov. 1958).

<sup>66</sup> Idem.

<sup>67</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 17 de julho de 1960. Artigo denominado “Atualidade da Diretoria de Esportes”, autoria de Luciano do Carmo.

de professores, estágios para discentes e, também, comprometido com questões relativas aos esportes e ao treinamento esportivo.

O professor Sylvio José Raso foi apontado por Fernando Furtado e Owalder Rolim como o diretor que modificou a política interna desse órgão. Segundo eles, antes de Sylvio assumir a presidência da DEMG, em 1956, esse órgão ocupava-se apenas em oferecer jogos de camisa aos times de futebol da cidade. Owalder Rolim ressaltou: “[...] entramos com outra mentalidade. Inclusive o Sylvio Raso foi o primeiro, entrou trazendo pessoal de fora, essas coisas que teve as Jornadas, essas coisas todas. Eles achavam que aquilo era novidade para a Diretoria de Esportes”.<sup>68</sup>

Segundo nos apontam as fontes, orais e escritas, Sylvio Raso formou uma equipe de professores e técnicos para trabalhar com ele na DEMG, essa mesma equipe atuava, nesse período, na EEF-MG e posteriormente em outras entidades como o SESI. Esses sujeitos promoveram diversas atividades relativas à Educação Física e aos esportes, tais como: Ruas de Recreio; Ginástica Feminina da Primavera; Demonstração Coletiva de Ginástica, no estádio do América Futebol Clube; Curso de Recreação no Ginásio Paissandu; entre outras. Na realização de algumas dessas ações, como mencionamos anteriormente, podemos perceber a ligação existente entre a DEMG e a EEF-MG.

---

<sup>68</sup> ROLIM, Owalder. Entrevista em 06 de junho de 2011.



Figura 1. Rua de Recreio em cidade do interior de MG. CEMEF. Coleção Iconográfica (Ruas de Recreio).



Figura 2. Demonstração de ginástica no Campo do América Futebol Clube. Acervo CEMEF. Coleção Iconográfica (Ginásticas).

No já referido artigo, de autoria de Luciano do Carmo, encontramos argumentações que corroboram com o que foi apontado por nossos entrevistados sobre as mudanças ocorridas na DEMG a partir de 1956:

Em 1957, atendendo a que em Minas o progresso da educação física e desportos vinha exigindo uma atualização de diretrizes e conseqüente reformulação da estrutura em que se mantinha, desde longa data, a Diretoria de Esporte, o atual Governo regulamentou finalmente a ação dessa entidade, de características *sui generis* no quadro administrativo estadual, permitindo-lhe amplitude invulgar, mesmo quando comparada com a entidade congênere da mais desenvolvida unidade da Federação – o estado de São Paulo [...] De mera construtora ou financiadora de ‘equipamentos esportivos’ (praças de esportes, ginásios, campos, piscinas, etc.), de mera fornecedora de material desportivo (imperfeita e deficientemente distribuído), passou a compenetrar-se das suas reais finalidades de entidade que deve incrementar a educação através do esporte...<sup>69</sup>

Luciano do Carmo relatou, ainda, que foi criado um setor especializado para arregimentar técnicos “devidamente habilitados, com o que ficou expresso seu interesse manifesto de valorização de técnico em educação física e apontando o lugar que ele precisa ocupar”. Ainda, segundo esse autor, o cuidado que a DEMG tinha pela formação de seus técnicos foi traduzido com a realização da III Jornada Internacional de Educação Física “forma aprimorada dos dois certames anteriores”. Considerou a iniciativa um “exaustivo e profícuo trabalho de catalisação da técnica desportivo-educacional, já que logrou congregar, em Belo Horizonte, cerca de 20 dos mais conceituados especialistas mundiais em educação física”. Finaliza dizendo que estiveram presentes nesse curso “mais de 400 participantes de todo o país e, mesmo da América do Sul, pois dele participaram, inclusive, representantes da Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai”.<sup>70</sup>

Em outra reportagem do *Jornal Folha de Minas*, há informações sobre o quadro de pessoal da DEMG. Anteriormente possuía três técnicos agregados à sua equipe de trabalho e, após as transformações administrativas efetuadas, já eram em número de dezessete. Ainda, nessa reportagem, temos argumentos que também notificam as alterações ocorridas na política interna da entidade:

---

<sup>69</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 17 de julho de 1960. Artigo denominado “Atualidade da Diretoria de Esportes”, autoria de Luciano do Carmo. *Jornal Diário de Minas*, 17 de julho de 1960.

<sup>70</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 17 de julho de 1960. Artigo denominado “Atualidade da Diretoria de Esportes”, autoria de Luciano do Carmo.

Modificam-se ali os critérios de exame dos assuntos e o seu fundo político ou personalista vai dando lugar ao exame técnico, fruto de trabalho de equipe. Para tanto foram mobilizados numerosos técnicos e professores de educação física que passaram a constituir a mola mestra do campo de atividades da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, antes entregue quase exclusivamente a burocratas, quando muito bem intencionados apenas. Vê-se nitidamente, assim, a preocupação da Diretoria de Esportes de Minas Gerais de valorizar o trabalho do especialista em educação física dando-lhe a posição que realmente lhe cabe na nossa sociedade.<sup>71</sup>

Na continuidade, a reportagem menciona a melhoria salarial dos técnicos diplomados por escolas de Educação Física que passaram também a possuir vantagens complementares. Podemos aqui entender que o processo de legitimação profissional de professores de Educação Física envolveu “rixas” entre os técnicos e os militares dentro da DEMG. Todas as alterações administrativas relatadas por essas fontes tenderam a beneficiar os técnicos formados em curso superior, e ainda, de certa forma, a desvalorizar quem estava à frente do trabalho anteriormente.<sup>72</sup>

As ações da DEMG também foram anunciadas em alguns periódicos mineiros. No *Jornal Diário da Tarde*, encontramos algumas reportagens sobre as Ruas de Recreio, relatando as atividades desenvolvidas e apresentando alguns registros fotográficos desses momentos. Já no *Jornal Diário de Minas*, identificamos algumas reportagens que ocupavam a folha inteira dedicada a essa instituição. Essa página contém fotos e na parte superior expõe os dizeres, “Estamos fazendo a nossa parte”, e logo abaixo, “Construindo e mantendo praças esportivas em todo Estado, proporcionando à juventude o contato saudável com os esportes, preparando-as para as árduas lutas da vida”. Os dizeres e as imagens exibidas demonstram certo foco nas práticas esportivas.

---

<sup>71</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 17 de julho de 1960. Reportagem intitulada “Atualidade da Diretoria de Esportes”.

<sup>72</sup> As fontes consultadas não estabelecem diferenciação entre as expressões “técnico” e “professor” para designar aqueles que possuíam o recém criado curso superior em Educação Física.



Figura 3. Reportagem sobre a DEMG. Jornal Diário de Minas, 20 de julho de 1958. Hemeroteca Pública Luiz de Bessa.

O que Renato Eloy de Andrade pensava para a mocidade, no final da década de 1930, parece ter sido anunciado como objetivo da DEMG nas décadas de 1950 e 1960. Já no *Jornal Folha de Minas*, encontramos duas edições de um caderno especial denominado “Desportos de Minas”, ambas abordaram a realização da III Jornada Internacional de Educação Física, sendo essa apontada como uma realização da Diretoria de Esportes.

Os técnicos que atuavam nas Praças de Esportes deveriam participar dos cursos de aperfeiçoamento oferecidos pela DEMG. Dessa forma, podemos encontrar vários militares de diferentes cidades de Minas Gerais participando das Jornadas Internacionais. Como foi apontado por Owalder Rolim quando analisou um documento referente à realização da III Jornada: “aqui tem os nomes de muitos que eram da polícia: Anatório, Cesárino, Hediberto, Antônio Cleto Filho era. Eram do interior”. Segundo esse entrevistado, a vinda desses

técnicos do interior do estado para a capital era custeada pela própria Diretoria.<sup>73</sup>

Sobre os conflitos internos que ocorriam na DEMG, um artigo da terceira edição do *Jornal Educação Física*, escrito por Roberto Córso de Queiroz, traz-nos alguns apontamentos. Queiroz, então aluno da EEF-MG, afirma ter se firmado certo desentendimento entre os “práticos” e os “recém-formados”. Com a criação de uma escola superior, foi atribuído aos sujeitos que ali ingressaram, a obrigação de serem muito competentes e de ocuparem as funções de técnicos nos diversos estabelecimentos esportivos de Minas Gerais. Contudo, isso não ocorreu. Foi creditado aos “recém-formados” certa falta de habilidade prática que os “práticos” possuíam.<sup>74</sup>

Assim, foi instaurada uma campanha dos técnicos (formados pela Escola) contra os “práticos”, que continuavam atuando no ensino, amparados pelo Ministério da Educação, e que continuavam buscando atualizar seus conhecimentos, sendo chamados pelos primeiros de “arcaicos”. Roberto C. de Queiroz termina o artigo dizendo da importância dos estudantes se empenharem ao máximo em conhecer os aspectos teóricos e práticos que tangem a Educação Física e os esportes, e comparou a preparação desses estudantes com os de outras profissões como, por exemplo, a medicina. Para Queiroz, os estudantes e os formados em Educação Física tinham que estar cientes que “se temos um direito legal aos lugares que os ‘práticos’ ocupam, temos, também, um dever moral, inerente a toda ética profissional, de nos prepararmos não só intelectualmente, mas praticamente para o exercício de nossa profissão” (Idem).<sup>75</sup>

A DEMG, promotora das Jornadas, foi um órgão público que se dedicou a Educação Física e aos esportes em Minas Gerais. Esteve diretamente ligada a EEF-MG, enquanto foi dirigida por Sylvio Raso e, em conjunto com essa e com outras instituições, realizou diversas atividades com o fim de promover o ensino e a prática das atividades físicas na Capital e nas

---

<sup>73</sup> ROLIM, Oswalder. Entrevista em 06 de junho de 2011.

<sup>74</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº III, nov. 1958).

<sup>75</sup> Não poderíamos deixar de mencionar que o debate descrito pelo estudante Roberto C. de Queiroz permeia algumas discussões no campo da Educação Física ainda na atualidade.

idades do interior mineiro. Aqui também foi possível perceber que interesses e representações sobre a Educação Física foram negociados, auxiliando na construção cultural desse campo pedagógico em Minas Gerais no período em estudo.

As Jornadas surgem e deixam de existir muito em função do clima político da Diretoria de Esportes. Segundo Owalder Rolim, havia certos embates no interior desse órgão, fator que pode ter sido uma das causas para o término da realização das Jornadas:

É porque essas Jornadas, você falou uma coisa e até nem comentei... eram combatidas indiretamente pela própria Diretoria de Esportes. Eles achavam... Eu não sei o que havia lá na Diretoria que eles tinham um negócio contra a Educação Física, eles achavam que... não sei se era medo da gente tomar o lugar deles o que era.<sup>76</sup>

Fatores como a alternância do Governo Estadual, a saída de Sylvio Raso da DEMG e, talvez, a conseqüente diminuição de recursos financeiros tanto para a DEMG quanto para a EEF-MG, podem ter acarretado o fim da realização de Jornadas Internacionais, como o de outras ações realizadas em parceria por esses órgãos.

#### ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS DA EEF-MG

Sobre esta entidade, localizamos poucas fontes que relatem dados de sua criação, objetivos e ações. Entre os vestígios encontrados temos um artigo publicado na primeira edição do *Jornal Educação Física*, intitulado “Fundada a Associação de Ex-Alunos da E.E.F.M.G”, que nos informa que a mesma foi criada no início do ano de 1957. Nessa matéria foram pontuados como objetivos da Associação:

- 1) Representar os ex-alunos da E.E.F.M.G junto às autoridades do Ensino, trabalhando em defesa dos seus direitos e interesses e pugnando pela objetivação de seus ideais;
- 2) Estabelecer intercâmbio entre as entidades congêneres;

---

<sup>76</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº III, nov. 1958).

- 3) Incentivar e batalhar pela causa da Educação Física;
- 4) Organizar reuniões de caráter científico, social, literário e artístico;
- 5) Promover cursos de aperfeiçoamento, estágios e Jornadas de Educação Física.<sup>77</sup>

Podemos perceber que, havia o intuito de atuar pedagogicamente e politicamente no âmbito da Educação Física, promovendo ações diversificadas. A primeira diretoria foi composta por: Odilon Barbosa (presidente), Owalder Rolim (vice-presidente), Pedro Rodrigues (secretário) e Cid Pedro Timponi (tesoureiro).

Quando perguntamos a Owalder Rolim sobre a Associação, ele relatou-nos a dificuldade em continuar o trabalho. Em suas palavras: “era uma dificuldade danada. Ninguém ajudava, se faz reunião não vem ninguém, se faz...”. Afirmou, ainda, que não se lembra por quanto tempo a entidade existiu e ressaltou que existe atualmente outra associação, mas que não sabe se é uma continuidade da primeira. Sobre a escolha do presidente ele afirmou: “Barbosinha era muito conhecido, muito dado, todo mundo conhecia, então a gente deixou ele como...”.<sup>78</sup> Mais uma vez Barbosinha aparece nas fontes como um condutor, um precursor. Aqui é apontada sua visibilidade pública, em outros lugares seu carisma e competência pedagógica.

Sobre a atuação da Associação nas Jornadas, além de estar entre seus objetivos e ser expressa nos certificados, encontramos nessa reportagem a notícia que alguns membros participaram do V Curso Pedagógico de Santos realizado em 1957, com o propósito de posteriormente colaborarem na organização da I Jornada:

Apesar de estar trilhando os primeiros passos de sua existência, a Associação de Ex-alunos da EEF-MG já está desenvolvendo intensa atividade com o propósito de cumprir as suas finalidades. Assim é que a ida de associados ao V Curso Pedagógico de Santos, durante o mês de julho último, encetou uma campanha de moralização do Ensino da Educação Física no Estado e colaborou na organização e direção da 1ª Jornada de Estudos de Educação Física, há pouco realizada.

---

<sup>77</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>78</sup> ROLIM, Owalder. Entrevista em 06 de junho de 2011.

Há muito ainda para conhecer e compreender sobre a relação das Jornadas Internacionais, realizadas em solo mineiro, e os Cursos de Aperfeiçoamento de Santos. Por ora é possível apontar um interesse dos professores mineiros pela forma como esse curso de aperfeiçoamento de Santos era organizado e pelos conhecimentos por lá ministrados. Fernando Furtado relata que Sylvio Raso o enviou ao V Curso de Santos com o intuito de apurar o que estava sendo feito para, posteriormente, realizar este empreendimento em Belo Horizonte.<sup>79</sup> Ele foi como representante da DEMG e sua atuação evidencia a circulação de temas e sujeitos. Sabemos da participação de alguns professores nos dois cursos. Auguste Listello, Gerhard Schimidt, Alfredo Colombo, Antônio Boaventura, Erica Saur e Germano Bayer estiveram presentes tanto nos Cursos de Santos, quanto nas Jornadas Internacionais, realizadas em Minas Gerais.

A Associação continuou em atividade pelo menos até o ano de 1965, ainda sob a direção de Odilon Barbosa, pois é mencionada em uma reportagem sobre a crise financeira que a EEF-MG enfrentava. Segundo essa reportagem, do *Jornal Diário da Tarde*, a Associação estava engajada na luta pela sobrevivência da Escola, assim se prontificou a angariar fundos para compra de materiais didáticos indispensáveis e para o pagamento dos salários atrasados dos funcionários. Os professores e ex-alunos se prontificaram a contribuir com 10 ou 20 mil cruzeiros.<sup>80</sup>

Temos assim três instituições que, para além da organização das Jornadas, participaram do processo de afirmação da Educação Física como atividade pedagógica e campo profissional. Realizaram cursos, eventos, demonstrações e propuseram regulamentos e normas para área. Ao mesmo tempo em que coordenavam tais preposições tinha suas identidades institucionais modeladas por tais práticas.

Apesar de serem órgãos do Estado, considerado laico, a EEF-MG e a DEMG pareciam se apresentar, em Belo Horizonte, nesse período, como

---

<sup>79</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>80</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário da Tarde*, 19 de setembro de 1965. Reportagem intitulada “Abnegação tenta sobrevivência da Escola de Educação Física”.

guardiões do catolicismo. Tal singularidade pode ser analisada a partir do que propõe Giovanni Levi (2008, p. 3):

Quando a religião se torna política, quando sai da esfera privada para se ocupar das instituições civis, cria-se um dualismo inegável com as leis que emanam dos poderes civis. Dualismo que está na base – por causa da impossibilidade de se levar em conta o que pertence a Deus e o que pertence a César – de uma conflitualidade de fundo, que perdura no domínio político público, bem como na esfera íntima das consciências individuais.

Podemos inferir que essas instituições compartilhavam ideais, recursos materiais e profissionais. Sujeitos como Sylvio Raso, Odilon Barbosa, Herbert de Almeida Dutra, General Geraldo Pinto de Souza e Oswalder Rolim circularam por esses espaços, intercambiando suas “consciências individuais” com os projetos coletivos. Dois motivos se colocam em cena para tal ocorrência, sendo que não são antagônicos, mas sim complementares: o primeiro é a pequena quantidade de professores de Educação Física formados atuando em Minas Gerais nesta época; o segundo é o fato do professor Sylvio Raso já circular por estes lugares e, posteriormente, com a formação de sua equipe de trabalho, ter decidido levá-la por onde passasse. Sobre a estreita ligação entre a DEMG e a EEF-MG, podemos acrescentar, ainda, um terceiro motivo: o já referido Decreto Estadual nº 5.349, assinado pelo governador Bias Fortes, que subscreveu que a primeira instituição estabelecesse diálogo com a segunda na organização de algumas ações.

Sobre o processo de realização das Jornadas, Fernando Furtado declarou:

meu entendimento é que todo mundo colaborava, no sentido que... Cada um tinha sua função, por exemplo, a função de providenciar o material necessário para cada professor, os horários, começar e terminar na hora certa. Então, cada um tinha a sua função. Hospedagem [...] Funcionário da Escola, a Diretoria de Esportes fornecia funcionários, fornecia materiais, a Escola oferecia locais, materiais [...] Tinha a Associação dos Ex-alunos, que o Barbosa era presidente, tava lá também... A Escola de Educação Física também colaborava porque ela oferecia as instalações, os professores. Nem todo professor da equipe do Sylvio era professor de Educação Física,

então ele tinha que contar com professor da Escola de Educação Física e tal.<sup>81</sup>

Uma vez que conhecemos as três instituições realizadoras das Jornadas, apuramos o olhar sobre os sujeitos que tornaram possível o funcionamento das mesmas e é esse o assunto que abordaremos no próximo capítulo.

---

<sup>81</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

## **II – Os sujeitos envolvidos com as Jornadas: organizadores, professores, convidados e alunos...**

[...] as estratégias pessoais ou familiares não são puramente instrumentais: são socializadas, na medida em que são inseparáveis de representações do espaço relacional urbano, dos recursos que ele oferece e das limitações que impõe, a partir das quais os atores sociais se orientam e fazem suas escolhas (JACQUES REVEL, 1998, p. 25).

Buscamos conhecer um pouco das trajetórias dos diversos sujeitos que estiveram engajados na realização das Jornadas Internacionais. Interessou-nos investigar as relações estabelecidas com outros sujeitos, lugares e entidades. A partir desse movimento, foi possível compreender os entendimentos que tinham sobre a Educação Física e os ideais que defendiam, e relacioná-los com o que propuseram, divulgaram e defenderam durante as aulas e cursos das Jornadas. É importante pontuar que não pretendíamos encontrar sujeitos coerentes e conscientes a todo o momento. Sabemos que o indivíduo permanece “particular e fragmentado”. Assim, “por meio de diferentes movimentos individuais, é que se podem romper as homogeneidades aparentes”, inerentes às instituições, às comunidades, aos grupos sociais, tornando possível “revelar conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais” (LORIGA, 1998, p. 249).

Ao abordar esse tema, optamos por agrupar esses sujeitos segundo sua condição de participação nas Jornadas Internacionais. Elencamos, assim, quatro grupos: os organizadores das Jornadas; outros professores da EEF-MG; alguns dos professores convidados e os alunos. Contudo, identificamos grande fluidez nos deslocamentos desses sujeitos e, até mesmo, que determinados indivíduos transitaram nos diversos espaços de pertencimento.

A escolha por essa forma de organização deu-se como medida para evitar o risco de apenas descrever trajetórias, tendo o cuidado de situar os sujeitos em um determinado grupo, com dinâmicas institucionais próprias, podemos até dizer detentores de uma “identidade coletiva” (BACZKO, 1985). Contudo, tomando como referência a noção de “redes de sociabilidade”, como propõe Ângela de Castro Gomes (1993, p. 63), foi possível compreender que

as relações estabelecidas “estão fundadas em elementos difíceis de circunscrever, mas que comportam tanto a amizade e a simpatia como a rivalidade e o ciúme”. Assim, ressaltamos as negociações de interesses presentes nos diferentes lugares de pertencimento e tentamos entender os motivos que levaram tais grupos, possuidores de suas singularidades, a se unirem em prol de objetivos comuns.

O conjunto de informações a respeito desses sujeitos se difere tanto no tipo de documentação, quanto em volume de fontes encontradas, exigindo um tratamento diferenciado dos mesmos. Sobre alguns sujeitos foi possível encontrar alguns trabalhos acadêmicos que cuidassem de recompor suas trajetórias.

Ainda temos entre esses protagonistas alguns professores muito referenciados na história da Educação Física brasileira ou mineira tais como, Antônio Boaventura, Alfredo Colombo, Sylvio José Raso, João Carlos D’Avila Paixão Côrtes, Herbert de Almeida Dutra, Olavo Amaro da Silveira, Odilon Barbosa, entre outros. Devido à inserção desses sujeitos em variados grupos sociais, suas trajetórias foram temas de pesquisas acadêmicas e são citadas em sites de entidades, por exemplo, o da Federação Internacional de Educação Física (FIEP).

Como mencionamos na introdução desta dissertação, a procedência dos professores convidados e dos alunos participantes foram diversas. Com o intuito de organizar as informações referentes à cidade ou país de origem, à instituição pertencente e ao curso oferecido nas Jornadas, elaboramos um quadro (Apêndice IV) contendo tais dados. A produção desse instrumento de pesquisa teve por propósito principal permitir maior identificação dos sujeitos e de suas particularidades, o que facilitou a escrita dessa narrativa. Além disso, permite que o leitor tenha acesso às informações referenciadas e, até mesmo, ampliem seu conhecimento sobre as mesmas.

### **“Os organizadores das Jornadas”**

Muitos dos professores que compõem este grupo fizeram parte do corpo docente inicial da Escola de Educação Física. Alguns possuíam outra

formação acadêmica além da Educação Física: uns militares, outros civis. Além do ofício de professores, alguns acumulavam outras profissões como as de médico, de advogado e de militar. Nas relações estabelecidas entre eles, podemos notar confluências nas ações e cordialidade no trato. Ainda, de acordo com fontes orais e escritas, podemos apontá-los como entusiastas da Educação Física. Parece-nos que apesar de terem traçados percursos singulares, seus propósitos se intrincaram, fazendo com que partilhassem um projeto de formação de professores de Educação Física.

Os organizadores das Jornadas ficavam de “plantão” para auxiliar nas demandas que surgiam, alguns também proferiram palestras e ministraram aulas. Sobre esta dinâmica organizacional o *Jornal Diário de Minas* noticiou que

Nada falta ao participante do certame. Os próprios dirigentes da Diretoria de Esportes, professores Silvio Raso, general Olavo Amaro, Rubem Mendes e oficiais do DI, ficam o dia todo na sede da unidade militar e da EEF, tudo observando e tudo providenciando. Valiosa também é a cooperação dos sargentos, praças e dos funcionários das citadas instituições ao bom andamento das atividades.<sup>82</sup>

Alguns são mencionados como organizadores em todas as edições das Jornadas, outros têm o nome referenciado em uma ou duas edições. Contudo, entendemos que, independente do número de Jornadas que organizaram, estiveram à frente desse conjunto de cursos e permearam os mesmos com suas ideias e ações.

### *Sylvio José Raso*

Sylvio José Raso nasceu na cidade de Barbacena, na região da Serra da Mantiqueira em Minas Gerais, em 13 de janeiro de 1920. Seu pai era sócio da firma que instalou a primeira linha de ônibus em Belo Horizonte,

---

<sup>82</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 31 de julho de 1959. Reportagem intitulada “Terceira Jornada de Educação Física alcança sua finalidade – participantes nacionais e estrangeiros procuram tirar o melhor proveito do certame promovido pela Diretoria de Esporte”.

denominada “Januário Raso & Irmão”.<sup>83</sup> Era sobrinho de Antônio Pereira da Silva, mais conhecido como “Chefe” Pereira da Silva, reconhecido por seu pioneirismo com escotismo em Minas. Pereira da Silva foi aprovado como professor no concurso para o *Gymnásio Mineiro*, em 1915, na ocasião José Ataliba dos Santos e Fernando de Azevedo também foram candidatos (SOUZA, 1994; KANITZ, 2003).

Sylvio Raso terminou o, então chamado, curso secundário no *Ginásio Mineiro de Barbacena*, em 1935, e nessa instituição de ensino “já demonstrava grande capacidade para as atividades físicas e os esportes”.<sup>84</sup> Foi professor do *Gymnásio Mineiro*, por convite de seu tio “Chefe” Pereira, iniciando ali a docência em 1937, com dezessete anos. Em depoimento cedido a Roberto Kanitz (2003, p. 59) afirmou: “quando eu cheguei aqui [Belo Horizonte], em 1937, então precisava ganhar um dinheirinho porque estava estudando Medicina. Ele [Pereira da Silva], então, me pôs no *Gymnásio Mineiro*, porque ele podia pôr quem ele quisesse”.

Em 1938, participou do curso para professores de natação promovido pelo Minas Tênis Clube e ministrado pelo técnico Carlos de Campos Sobrinho, conhecido como Carlito. Posteriormente, Sylvio Raso trancou a faculdade de medicina e ingressou no curso de Educação Física da Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro, em 1939. Sylvio Raso relatou que os professores dessa instituição eram muito rigorosos e que se dedicou bastante para se sobressair nas provas aplicadas e que em detrimento dessa dedicação recebeu menção honrosa dos militares (KANITZ, 2003, p. 63).

No início da década de 1940, Sylvio Raso iniciou um movimento de inserção na Escola Nacional de Educação Física, também no Rio de Janeiro, na cadeira “Esportes aquáticos e náuticos”. Entretanto, por questões familiares, foi obrigado a retornar a Belo Horizonte, onde inicialmente trabalhou no MTC treinando a equipe de vôlei e, por orientação do seu tio “Chefe” Pereira da Silva, ficou sob a guarda do Major Ernesto Dorneles. Lecionou aulas de

---

<sup>83</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Série: Livros. FURTADO, Fernando Campos. Sylvio José Raso: Perfil de um dos pioneiros da Educação Física em Minas Gerais. Belo Horizonte: s/d.

<sup>84</sup> Idem.

natação no América Futebol Clube e voltou, também, a ministrar aulas no Ginásio Mineiro.

Recomeçou o curso de medicina, todavia teve que interrompê-lo novamente no 4º período, para servir ao Exército Nacional no 12º Batalhão de Infantaria.<sup>85</sup> Nesse local, Sylvio Raso ficou encarregado de preparar os soldados para participarem dos Jogos das Forças Armadas. No mesmo ano de 1945, em que ingressou no Exército, foi transferido para o Centro Preparativo de Oficiais da Reserva (CPOR). Já em 1942, foi convidado para trabalhar na Escola Técnica (CEFET) e em 1948, para organizar a recreação do SESI. Participou, ainda, do 1º Congresso para Organização do Método de Educação Física, realizado pela Escola de Educação Física da Universidade do Brasil, em 1946, no Rio de Janeiro (SOUZA, 1994).

Durante a década de 1950, esse professor dedicou-se a ministrar palestras, conceder entrevistas e escrever “artigos”, como exemplo, citamos o texto escrito na Revista Educação Física, nº 64 do primeiro trimestre de 1950, intitulado “Como foi o 1º Campeonato Mundial de Volley-ball”. Nesse texto Sylvio Raso declara que procurou “sempre que possível esclarecer alguns pontos duvidosos em relação à educação física e aos desportos no Brasil”. Ainda ressalta que observou, em suas viagens pela Europa, a prática do voleibol e que percebeu que eles estavam muito mais avançados tecnicamente do que o Brasil. Assim, voltou de suas viagens convencido a dedicar-se ao aperfeiçoamento técnico da modalidade.<sup>86</sup>

Uma notícia de jornal, denominada “Autêntica Revolução na Técnica do voleibol Mineiro e Nacional”, afirma que Sylvio Raso “trouxe da Europa as novas táticas e ensinou-as a Minas Gerais. Deu o primeiro passo e o resto do Brasil acompanhou”.<sup>87</sup> Segundo Fernando Furtado, o professor Sylvio Raso incentivou o também professor Adolfo Guilherme a investir no treinamento do

---

<sup>85</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Série: Livros. FURTADO, Fernando Campos. Sylvio José Raso: Perfil de um dos pioneiros da Educação Física em Minas Gerais. Belo Horizonte: s/d.

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Fundo Herbert de Almeida Dutra. Dossiês Recortes de Jornais. *Jornal A noite*, do dia 14 de janeiro de 1946.

voleibol. Posteriormente o mesmo se tornou catedrático da EEF-MG e treinador de equipes esportivas da modalidade.<sup>88</sup>

Sylvio Raso estimulou o ingresso de muitos alunos no curso de Educação Física da Escola Nacional, no Rio de Janeiro, dentre eles o professor Herbert de Almeida Dutra.

No ano de 1949, Sylvio Raso juntamente com uma delegação de 21 brasileiros, viajou para a Suécia a fim de participar da II LINGÍADA de Estocolmo.<sup>89</sup> Nessa ocasião, viajou também por outros países como Dinamarca, França, Inglaterra, Itália, Portugal, Suíça e Tchecoslováquia com o intuito de conhecer o que estava sendo realizado no treinamento do voleibol na Europa. Foi também, nesse mesmo momento, designado pela Federation Internationale d'Education Physique (FIEP) como delegado dessa instituição no Brasil, ficando encarregado do estado de Minas Gerais e da região norte do país.<sup>90</sup>

Sobre essa viagem para Suécia, o próprio Sylvio Raso relatou:

isso é importante, Jornada era o seguinte: no Rio de Janeiro, quando eu viajei para a Suécia, eu fui com o professor **Alfredo Colombo**, professor Targa, do Rio Grande do Sul e mais outros grupos. **Colombo** era da divisão de Educação Física, facilitava nossa entrada lá, pois o Ministério era do Clóvis Salgado, e acabamos colocando o **Colombo** lá. Então, inventamos uma **Jornada Internacional de Educação Física**. Trazíamos pessoas da mais alta expressão e eles vinham a Belo Horizonte [...] Este **Antônio Boaventura**, de São Paulo, e outros mais que faziam as Jornadas. (grifos nossos).

Encontramos aqui alguns indícios sobre as relações existentes entre as Jornadas Internacionais de Educação Física e outros cursos congêneres no Brasil no mesmo período. Primeiramente, no ano de 1949, foram eleitos como representantes do estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, os

<sup>88</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Fundo Herbert de Almeida Dutra. Dossiês recortes de Jornais. *Jornal A noite*, do dia 14 de janeiro de 1946.

<sup>89</sup> Segundo Luiz Fernando C. de Lourdes (2007) as LINGÍADAS foram eventos que reuniam várias equipes de ginástica da Suécia e de países convidados para promover exibições públicas de coreografias gímnicas, tal evento foi organizado em homenagem a Per Henrik Ling, considerado o criador do método ginástico sueco.

<sup>90</sup> Foram ainda designados como delegados da FIEP os professores Alfredo Colombo (Rio de Janeiro e região leste do Brasil); Antônio Boaventura da Silva (São Paulo e região oeste) e Jacintho Francisco Targa (Rio Grande do Sul e região sul do Brasil). Disponível em: <http://fiepbrasil.org/index.php/homenagens/sylvio-raso>. Acesso em: 28 de outubro de 2011.

professores Antônio Boaventura, Alfredo Colombo e Sylvio Raso, respectivamente, para atuarem pela FIEP. Em segundo lugar, a declaração supramencionada do próprio Sylvio Raso, afirmando que eles idealizaram e criaram as Jornadas (KANITZ, 2003, p.93). Assim, podemos supor uma ação conjunta dos mesmos, uma vez que tanto Alfredo Colombo e Antônio Boaventura foram convidados a participar das Jornadas mineiras, quanto Sylvio Raso participou e enviou representantes para os cursos de aperfeiçoamento sediados no Rio de Janeiro e em São Paulo, como nos relata Fernando Furtado.<sup>91</sup>

Todavia, podemos indagar sobre a temporalidade: se eles “criaram” esses cursos em 1949, porque somente em julho de 1951 foi realizada a primeira edição do Curso de Aperfeiçoamento de Santos? E porque as Jornadas Internacionais em Minas Gerais só iniciam em julho de 1957? Talvez, no caso de Minas, isso guarde relação com a ascensão de Sylvio Raso a um órgão público que lhe possibilitasse essa iniciativa. Ao assumir a DEMG, em 1956, esse professor teve maiores possibilidades de colocar esse projeto em prática.

O governo mineiro, nessa época, na pessoa do governador Bias Fortes, tinha muito interesse em investir na Educação Física e apoiava muito a EEF-MG e a DEMG. Assim relatou Sylvio Raso: “cada ano tinha aquilo, e o Bias Fortes dava muito prestígio. Eu, a frente da Diretoria de Esportes tinha muito interesse. Nós então fazíamos um grupo, dávamos uma verba grande, e funcionava muito bem” (KANITZ, 2003, p. 93). Fernando Furtado acrescentou que, quando diretor da DEMG, no período de 1956 a 1961, Sylvio Raso criou um departamento “só com professor de Educação Física, para promover atividades físicas, recreativas, auxiliar os clubes, dar assistência aos professores do interior e institui as Jornadas Internacionais de Educação Física”.<sup>92</sup>

Sylvio Raso era amigo e médico do Arcebispo Dom Cabral. No início dos anos de 1950, Dom Cabral convidou Sylvio Raso para ajudá-lo a organizar a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas. De acordo com relatos

---

<sup>91</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>92</sup> Idem.

de Sylvio Raso, ele foi com o General Olavo Amaro da Silveira para o Rio de Janeiro onde iniciaram os trabalhos para “fazer a Escola” (KANITZ, 2003, p. 73). Depois de criada, Sylvio Raso assumiu a direção da instituição. Posteriormente após a fusão, em 1953, entre essa e a Escola do Estado, “cedeu” seu cargo ao professor Ubaldo Pena, que era diretor da Escola do Estado. Assumiu, nessa instituição, a cadeira de “Educação Física Geral Masculina”, tendo por assistente, desde o ano de 1953, o professor Fernando Campos Furtado.<sup>93</sup>

O professor Sylvio Raso foi Diretor Técnico da Diretoria de Esporte de 1956 a 1961. Sendo apontado como o percussor de diversas ações relacionadas à Educação Física no estado mineiro como as Ruas de Recreio, as Jornadas Internacionais, Campanha de Aprendizagem de Natação em Belo Horizonte, atividades recreativas no Ginásio Paissandu e da introdução do método “Interval Training” no Brasil. Sobre esse método Sylvio afirmou: “Mas, mesmo antes da Jornada, nós trouxemos o ‘Interval Training’, o treinamento intervalado, o professor Valdemar Guechler e o Haidel, o inventor do treinamento intervalado” (KANITZ, 2003, p. 93).

Fernando Campos Furtado frisou durante todo o depoimento, a admiração que possui pelo professor Sylvio Raso, sempre o enaltecendo, atribuiu-lhe a responsabilidade pelo avanço e pela legitimação da Educação Física em Minas Gerais:

Ah! O Sylvio era impressionante. Criador das Ruas de Recreio, criador do Curso Infantil de Recreação... Os professores... a equipe que ele formou dava aula no ginásio Paissandu para crianças de rua, chegava entrava não tinha inscrição, chegava descalço e tal. [...] Criador das Jornadas Internacionais de Educação Física, responsável pela vinda a Minas Gerais de professores da Alemanha, Argentina, Áustria, Chile, França, Japão e Uruguai [...] Conseguiu a participação de religiosos [...] Instituiu em 1957 as Jornadas Internacionais de Educação Física, trazendo professores renomados como Jonhson da Alemanha, Listello da França e Gerhard Schimidt da Áustria, o que muito contribui para atualização e aperfeiçoamento da Educação Física em nosso Estado.<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>94</sup> Idem.

Sylvio Raso concluiu o curso de medicina na Faculdade de Medicina da UFMG, em 1957, tendo seu diploma reconhecido pelo Conselho Regional de Medicina em 1959. Sua atuação como médico foi concomitante às atividades de professor. Quando a EEF-MG foi federalizada, em 1969, pediu demissão da Escola Técnica (CEFET) com o propósito de dedicar-se apenas ao curso superior. Já em 1974, optou por deixar a Escola de Educação Física e se dedicar à medicina. Apesar de não deixar implícito foi possível observar, por meio das entrevistas, que a saída do professor Sylvio Raso da EEF-MG guardou relações com a administração da mesma, que naquele momento estava sobre os cuidados, e sobre forte vigilância, dos militares (KANITZ, 2003). Fundou, então, o “Instituto São Januário” destinado à área da reabilitação física e, posteriormente a “Precordis”, clínica voltada para a medicina preventiva. Todavia, não deixou de envolver-se com as questões relativas à Educação Física.<sup>95</sup>

Na primeira edição do *Jornal Educação Física* temos a seguinte nota sobre a sessão inaugural da I Jornada de Estudos de Educação Física: “abrindo os trabalhos falou o prof. Sílvio Raso, que explicou a origem da idéia da realização do certame, seus objetivos, a orientação dos trabalhos, o assunto dos diversos cursos”.<sup>96</sup> Todavia, o *Jornal* não expôs a conferência desse professor e, até o momento, não a encontramos em nenhum outro documento. Fernando Campos Furtado relatou que Sylvio Raso fazia questão de participar das aulas práticas ministradas nas Jornadas “como aluno”, junto com os demais inscritos no “certame”.<sup>97</sup>

---

<sup>95</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Série: Livros. FURTADO, Fernando Campos. Sylvio José Raso: Perfil de um dos pioneiros da Educação Física em Minas Gerais. Belo Horizonte: s/d, p. 59.

<sup>96</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>97</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.



Figura 4. Curso realizado na II Jornada Internacional de Educação Física. Ao centro o professor Sylvio Raso sendo carregado por dois alunos. Acervo CEMEF. Coleção Fernando Campos Furtado.

Já na terceira edição do periódico da EEF-MG, Sylvio Raso escreveu um texto intitulado “Trabalhos de Pesquisa em Educação Física, Desportos e Recreação”, no qual abordou a questão da necessidade em investir em pesquisa nessas áreas e demonstrou ter preocupação tanto com os aspectos biológicos quanto com os pedagógicos. Relatou que na Europa e nos Estados Unidos investia-se muito em pesquisas e que já estavam bem avançados nesse ponto.<sup>98</sup>

O professor e médico Sylvio Raso buscou conhecimentos produzidos em outros lugares por outros sujeitos, como também dedicou-se a ensinar isso a seus alunos e incentivar que os mesmos passassem à frente esse conhecimento. Como mencionou Fernando Furtado:

Por que, por exemplo, ele [Sylvio Raso] teve na Europa e trouxe vários benefícios da evolução do voleibol, do bloqueio de dois, que naquela época não existia [...] Ele participou na África, participou de

<sup>98</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano III, nº IV, out. 1959).

cursos na África [...] De mais ele tinha conhecimento de muita coisa, gostava muito de voleibol, trouxe aperfeiçoamento de voleibol [...] Eu acho que o grande objetivo do Sylvio era atualizar o professor. Tanto que, além disso, ele mandou professor para o Japão, para Austrália – natação, judô, e na hora deu ir falhou... Acabou o governo. Eu ia para a Áustria, eu ia com o Gerhard, ele ia me esperar lá.<sup>99</sup>

A trajetória de Sylvio José Raso confirma o argumento de que “que as ideias não ‘circulam’ elas mesmas pelas ruas; elas estão sendo portadas por homens que fazem parte de grupos sociais organizados”, como nos convida a pensar Ângela de Castro Gomes (1993, p. 63). Assim, apontamos o professor Sylvio Raso como um sujeito engajado com as questões relativas à Educação Física e como um dos responsáveis por fazer circular, nas décadas de 1950 e 1960, por Minas Gerais, modos de fazer e pensar essa prática docente.

#### *Herbert de Almeida Dutra*

O professor Herbert de Almeida Dutra era natural de Belo Horizonte, formado em Educação Física pela Escola Nacional de Educação Física, no Rio de Janeiro. Segundo Edelweiss Dutra, viúva desse professor, ele estudou na Escola Nacional “com bolsa do Estado de Minas Gerais”.<sup>100</sup> Sobre a existência dessas bolsas nenhuma outra fonte, do conjunto mobilizado para esse estudo, trouxe informação. Herbert Dutra assinou, junto com Sylvio Raso e outros professores, o documento entregue, em 1947, ao governador Milton Campos solicitando a criação de uma escola de nível superior para formar professores de Educação Física em Minas Gerais. Ainda, compôs o grupo de professores da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas. Foi apontado como assistente do professor Litz Ocatviano Tessarolo, na cadeira “Desportos Aquáticos”, em 1958.<sup>101</sup> Posteriormente, o referido professor foi para o Rio de Janeiro e Herbert Dutra assumiu essa cátedra.

<sup>99</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista 04 de maio de 2011.

<sup>100</sup> Acervo CEMEF. Coleção História Oral. DUTRA, Edelweiss. Entrevista concedida a João Carlos Fernandes, Kellen Nogueira Vilhena e Lorena Viggiano Rocha da Silva. Belo Horizonte, 12 julho de 2011.

<sup>101</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº II, jan. 1958).

Edelweiss Dutra conta que Herbert Dutra era muito apaixonado pela sua profissão:

O Herbert teve uma vida dedicada à Educação Física, sempre. E ele era dessas pessoas que... Ele só lia coisas que podiam somar e agregar alguma coisa para a Educação Física [...] Muito pelo entusiasmo que ele tinha pela profissão.<sup>102</sup>

Acrescentou que Herbert Dutra enfrentou preconceitos de seus familiares quando decidiu formar-se em Educação Física. Segundo ela, a mãe dele não considerava que o filho tivesse uma profissão. Por causa disso, decidiu ingressar na faculdade de Direito e depois de ter concluído o curso entregou o diploma para sua mãe.

Falava [mãe de Herbert] que aquilo era uma brincadeira que ele fazia na beira da piscina, e ele ficava injuriado, é claro. E a mãe não achava que ele tinha feito curso superior... Então, ele entrou na Escola de Direito e se formou em Direito, e quando ele se formou, chegou com o diploma e deu para ela: “Agora a senhora acredita que eu tenho curso superior? Pois agora eu vou fazer tranquilo a minha Educação Física...”<sup>103</sup>

Herbert de Almeida Dutra também ocupou cargos em alguns órgãos públicos. Nas décadas de 1950 e 1960, fez parte do Conselho Estadual de Educação. Nesses órgãos, os conhecimentos jurídicos e legais adquiridos com o curso de Direito, o auxiliaram na execução de sua função. Foi diretor da EEF-MG, de 1965 a 1970, e fundamental para a concretização da federalização da Escola, em outubro de 1969.

Herbert de A. Dutra também trabalhou, em 1975, no Departamento de Educação Física e Desportos (DED), órgão subordinado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), em Brasília e, por isso, deixou de atuar, naquele momento, na EEF-MG. Nesse órgão, Herbert Dutra, segundo Edelweiss Dutra, trabalhou com o Convênio de Assistência Técnica Brasil/Alemanha e com os Cursos de Treinamento e Pós-Graduação nos EUA e Alemanha. Esses convênios possibilitaram a troca de conhecimentos entre o Brasil e esses

---

<sup>102</sup> Acervo CEMEF. Coleção História Oral. DUTRA, Edelweiss. Entrevista concedida a João Carlos Fernandes, Kellen Nogueira Vilhena e Lorena Viggiano Rocha da Silva. Belo Horizonte, 12 julho de 2011.

<sup>103</sup> Idem.

países e financiou a ida de muitos professores para a Alemanha e Estados Unidos para cursarem a Pós-Graduação (SANTOS e LINHALES, 2011). A viúva de Herbert Dutra relatou que durante a década de 1950 ele

foi convidado a conhecer a Escola de Educação Física da Alemanha e nós chegamos até a Áustria, para fazer uma visita a ele [professor Gerhard Schmidt] Nós fomos à Alemanha como convidados do DAAD e passamos lá 15 dias e nessa época o Herbert viu muita coisa também para trazer e eu me lembro que a gente visitou o Gerhard.<sup>104</sup>

O professor Herbert Dutra, assim como o professor Sylvio Raso, viajou muito. No Acervo do CEMEF, há vários registros fotográficos de participação em atividades acadêmicas em outros países.<sup>105</sup> Há também registros de Herbert Dutra ministrando aulas na piscina da Escola da Gameleira durante a V Jornada Internacional, em 1962.<sup>106</sup>



Figura 5. Em pé à beira da piscina o professor Herbert de Almeida Dutra. Aula de Iniciação Esportiva em natação da V Jornada Internacional de Educação Física. Acervo CEMEF. Coleção Iconográfica (Jornadas).

<sup>104</sup> Acervo CEMEF. Coleção História Oral. DUTRA, Edelweiss. Entrevista concedida a João Carlos Fernandes, Kellen Nogueira Vilhena e Lorena Viggiano Rocha da Silva. Belo Horizonte, 12 julho de 2011. (DAAD – Deutscher Akademischer Austausch Dienst German Academic Exchange Service, traduzido para o português como Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico, preservando a sigla original DAAD).

<sup>105</sup> Acervo CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais. Coleção Iconográfica (Internacionais).

<sup>106</sup> Acervo CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais. Coleção Iconográfica (Jornadas e Álbuns).

Quando ocupava o cargo de Diretor da EEF-MG, Herbert Dutra se engajou na luta pela federalização dessa instituição. Segundo a senhora Eldeweiss Dutra “o Herbert sofreu muito com Magalhães Pinto, porque foi a época em que a Escola ‘passou a pão e água’”.<sup>107</sup> Essa declaração corrobora com o argumento de Fernando Furtado, quando afirmou que os recursos financeiros para a EEF-MG diminuíram drasticamente na gestão de Magalhães Pinto.<sup>108</sup> Já na década de 1970, Herbert Dutra, foi diretor da DEMG e mais tarde, em 1980, foi designado pelo General Olavo Amaro da Silveira, delegado geral da FIEP no Brasil, cargo que ocupou até o ano de 1991.<sup>109</sup>

### *Olavo Amaro da Silveira*

Nascido no Rio Grande do Sul, em 1906, o General Olavo Amaro da Silveira formou-se engenheiro geógrafo pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Posteriormente ingressou na Escola Militar também nesse estado. Em 1930, foi nomeado Oficial do Exército e, em 1937, capitão dessa corporação. Ainda diplomou-se em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército. De volta ao Rio Grande do Sul ocupou o cargo de diretor do recém-criado Departamento Estadual de Educação Física desse estado (DEEF). Em sua gestão esse órgão criou a primeira instituição para formação de professores no estado, a Escola Superior de Educação Física (ESEF), em 1940. Nesta ocasião foi nomeado para direção dessa Escola, permanecendo no cargo até 1944 (MAZO, 2005).

Janice Z. Mazo (2005) ao realizar um estudo sobre a constituição da ESEF, também retratou o percurso de seus “fundadores”. Segundo essa autora, Olavo Amaro da Silveira, quando diretor e professor dessa instituição, defendeu orientações de caráter higienista, militarista e eugênico, acreditando na educação cívica por meio da Educação Física. O que fazia eco a situação

---

<sup>107</sup> Acervo CEMEF. Coleção História Oral. DUTRA, Edelweiss. Entrevista concedida a João Carlos Fernandes, Kellen Nogueira Vilhena e Lorena Viggiano Rocha da Silva. Belo Horizonte, 12 julho de 2011.

<sup>108</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>109</sup> Disponível em: <http://fiepbrasil.org/index.php/coluna-fiep/historia-da-fiep-no-brasil-parte-i>. Acesso em: 29 de outubro de 2011.

política do Brasil, naquele momento, Estado Novo, e a formação militar de Olavo A. da Silveira.

Em Minas Gerais, fez parte do grupo de professores, médicos e militares que fundaram com o Arcebispo Dom Cabral a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas, assumindo, nessa instituição, a cadeira de “Metodologia da Educação Física”.<sup>110</sup> Na época em que a EEF-MG passou por crises financeiras, iniciada em 1961 e finalizada com a federalização em 1969, o General Olavo, como diretor da Escola, chegou a assinar recibos de “direito a receber salário” para os professores e funcionários, as chamadas “generaletas”. Esses recibos tinham por objetivo garantir o recebimento do salário pelos mesmos quando a EEF-MG recebesse o repasse financeiro do governo de Minas Gerais. Edelweiss Dutra afirmou que, assim como Herbert Dutra, o General Olavo foi “um abnegado” e que muito contribuiu para o desenvolvimento da Escola e da Educação Física. Afirmou ainda, que eles tiravam dinheiro dos próprios bolsos para pagar os funcionários da Escola, por que eles só tinham a EEF-MG como renda, enquanto a maioria dos professores também ministravam aulas em outros lugares.<sup>111</sup>

Por iniciativas dessa natureza e pela sua prática docente o General Olavo Amaro da Silveira é lembrado como um professor carismático, delicado, atencioso e competente. Essas características são sempre confrontadas a um imaginário relativo à formação militar. Assim declarou Fernando Campos Furtado, quando se referenciou ao Major Geraldo Pinto de Souza, estendendo o comentário ao General Olavo: “eu falo que ele não parecia militar por que ele não parecia militar, não. Quem faz um trabalho desse aí não é militar, não tem nada de militar [...] Olavo Amaro da Silveira era”.<sup>112</sup>

---

<sup>110</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Série: Livros. FURTADO, Fernando Campos. Sylvio José Raso: Perfil de um dos pioneiros da Educação Física em Minas Gerais. Belo Horizonte: s/d, p. 59.

<sup>111</sup> Acervo CEMEF. Coleção História Oral. DUTRA, Edelweiss. Entrevista concedida a João Carlos Fernandes, Kellen Nogueira Vilhena e Lorena Viggiano Rocha da Silva. Belo Horizonte, 12 julho de 2011.

<sup>112</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011

Em 1969, é designado delegado geral da FIEP permanecendo no cargo até 1980 quando nomeia o professor Herbert Dutra para assumir seu lugar.<sup>113</sup>

Participou da organização das Jornadas e embora não ministrasse aulas ou cursos, esteve presente acompanhando o andamento do “certame”. Nas fontes escritas, é sempre citado como organizador das mesmas, de forma que não encontramos nenhuma citação dele ministrando aulas ou cursos.



Figura 6. Da esquerda para a direita: Hans Prochowinck, General Olavo A. da Silveira, [aluna não identificada], Irmã Juliana Verbist, Daniel Barbosa, [alunas não identificadas]. I Jornada Internacional de Educação Física. Acervo CEMEF. Coleção Iconográfica (Jornadas).

No *Jornal Folha de Minas* foi publicada uma reportagem sobre a recepção que General Olavo A. da Silveira promoveu em sua casa, “gaúcha na Capital de Minas”, à delegação de professores do Rio Grande do Sul que vieram participar da III Jornada Internacional. Assim noticiou o periódico: “uma excelente oportunidade para maior estreitamento de relações entre dirigentes mineiros e gaúchos”.<sup>114</sup>

O General Olavo escreveu na primeira edição do *Jornal Educação Física* um texto intitulado “Síntese evolutiva dos conceitos de Educação Física e Exercícios Físicos”. Nesse texto, procurou conceituar a Educação Física no

<sup>113</sup> Disponível em: <http://fiepbrasil.org/index.php/coluna-fiep/historia-da-fiep-no-brasil-parte-i>. Acesso em: 28 de outubro de 2011.

<sup>114</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Folha de Minas*, 1º de agosto de 1959. Caderno Desportos de Minas.

sistema educacional, “situando-a nas principais correntes filosóficas surgidas através dos tempos”, e atribuiu a essa disciplina a responsabilidade de tornar o corpo mais apto para o trabalho, tornando-o mais rígido, forte e resistente.<sup>115</sup>

### *Odilon Ferraz Barbosa*

Odilon Ferraz Barbosa, segundo Afonso C. Raso, era “bacharel em ciências econômicas”, alto funcionário de uma empresa chamada “Imperial Taxi Aéreo”.<sup>116</sup> No Diário Oficial da União (DOU), encontramos seu nome entre os inscritos para o “cargo da classe inicial da carreira de oficial administrativo do serviço público”, no ano de 1944. Já no ano de 1946, para o cargo de “escriturário do serviço público”. Não encontramos fontes que declarassem a aprovação ou reprovação de Odilon Barbosa nesses concursos.

Foi aluno da primeira turma da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais, sendo companheiro de turma de Owalder Rolim. Iniciou, portanto, o curso em 1952 e concluiu em 1955. Foi presidente da Associação de Ex-alunos da Escola de Educação Física desde o ano de sua criação, no ano de 1957. Não foram encontradas fontes que remetessem ao ano de saída de Odilon Barbosa desse cargo, nem mesmo que apontassem um novo diretor para a Associação. É chamado nas fontes pelo codinome carinhoso “Barbosinha”.

Há vestígios de sua participação docente na EEF-MG, desde o final da década de 1950, em diversas atividades acadêmicas e ministrando aulas e cursos sobre as temáticas: futebol, futebol de salão e atividades recreativas (FERNANDES; MOURA, 2011). Contudo, nas fontes disponíveis do período, não aparece no quadro docente dessa instituição.<sup>117</sup> Assim, concluímos que sua participação inicialmente deu-se em um caráter de colaboração, sem um vínculo institucional estabelecido. Seu filho Marcos Antônio Barbosa apontou que ele “auxiliava o Coronel Pinto naquela época. Então, ele era como se fosse

---

<sup>115</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>116</sup> Acervo do CEMEF. Coleção História Oral: RASO, Afonso Celso. Entrevista concedida a pesquisadora Gabriela Villela Arantes. Belo Horizonte, 06 de dezembro de 2010.

<sup>117</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº II, jan. 1958).

um estagiário, ou um professor auxiliar” e que possuía estreita ligação com o professor Geraldo Pinto de Souza, que era catedrático da EEF-MG desde sua fundação.<sup>118</sup> Essa relação é percebida na atuação dentro da EEF-MG e dentro da DEMG, os dois foram funcionários dessa última instituição durante a gestão de Sylvio Raso.

Na II e na V Jornada Internacional (1958 e 1962, respectivamente), além de participar como membro da comissão organizadora, ministrou cursos de futebol de salão e recreação.

Gabriela V. Arantes e Joélcio F. Pinto (2011, p. 86) apontam “Barbosinha” como precursor do futebol de salão em Belo Horizonte, como um “dos principais responsáveis por ensinar, divulgar, arbitrar, organizar equipes” da modalidade. Ainda apresentam elementos que credenciam esse professor como fundamental para divulgação da Educação Física e dos esportes em Minas Gerais, no período em estudo. Odilon Barbosa buscou maiores conhecimentos estabelecendo ligações com outras instituições e sujeitos, como, por exemplo, com a ACM. E, ainda, ministrou cursos em cidades do interior de Minas, em outros estados brasileiros e até mesmo em outros países.

Na terceira edição do *Jornal Educação Física*, encontramos uma reportagem contando sobre a atuação de ex-alunos da Escola e, nessa matéria, Odilon Barbosa relatou a experiência obtida com a realização de “uma pequena jornada em Januária”:

Além de mostrar vários filmes que me foram cedidos pelos professores Sylvio Raso e Rubem Mendes, ensinei-lhes muitas das danças folclóricas brasileiras e austríacas que aprendemos na I Jornada de Educação Física. Para completar meu trabalho ainda dei aulas de voleibol para as moças e de futebol para os meninos, ensinando-lhes as regras e as partes técnica e tática dos jogos. O futebol de salão ainda era desconhecido em Januária. Como já tinha tido a felicidade de lançá-lo em Belo Horizonte, quando cursava o 3º ano da Escola de Educação Física, também implantei-o naquela cidade.<sup>119</sup>

---

<sup>118</sup> Acervo do CEMEF. Coleção História Oral. BARBOSA, Marco Antonio. Entrevista concedida a Guilherme de Souza Lima Oliveira e João Carlos Fernandes. Belo Horizonte, 30 jun. 2009.

<sup>119</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº III, out. 1958).

Ainda ressaltou que foi enviado pela DEMG em resposta a um convite feito pelas instituições de ensino da cidade de Januária interessadas no curso. O que vem reforçar o vínculo de Odilon Barbosa com a Diretoria de Esportes, nesse período.

Atuou também como docente do Colégio Estadual Milton Campos, conhecido com Estadual Central, onde ministrou aulas de Educação Física e treinou equipes para competição (ARANTES; PINTO, 2011).

Marina G. Silva (2005), ao pesquisar sobre a introdução da disciplina Recreação no currículo da EEF-MG, afirma que apesar de não existir como cadeira, nas décadas de 1950 e 1960, as questões relativas à recreação estavam diluídas nas práticas desenvolvidas nessa instituição. Como é o caso das Jornadas e das Ruas de Recreio. Aponta as disciplinas Metodologia da Educação Física e Metodologia do Treinamento Esportivo, como as que mais abriam espaço para esta temática. A primeira era de responsabilidade do Coronel Olavo Amaro da Silveira, que tinha por assistentes a professora Nella Testa Taranto e o Major José Pereira da Silva, já a segunda era ministrada pelo General Geraldo Pinto de Souza, cadeira na qual provavelmente Barbosinha começou a atuar.<sup>120</sup>

Ainda, segundo a referida pesquisadora, somente no ano de 1962 o Conselho Federal de Educação aprovou o primeiro currículo mínimo do Curso Superior de Educação Física que, além de determinar novas diretrizes para as disciplinas já consideradas obrigatórias, inseriu mais três aos currículos feminino e masculino: Pedagogia, Recreação e Dança. No Curso Superior de Educação Física da EEF-MG, a cadeira de Recreação não aparece de imediato na grade curricular, o que só ocorre em 1965. Todavia, no Curso de Educação Física Infantil estava presente desde 1963 (SILVA, 2005). Possivelmente, segundo Marina G. Silva (2005), foi o General Geraldo Pinto quem assumiu a cadeira, sendo que em 1970, com ao falecimento do mesmo, Barbosinha passa a ocupar esse cargo interinamente. Já no ano de 1971, a professora Nella Testa Taranto passou a dividir a cátedra com o mesmo.

---

<sup>120</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº III, out.).

No acervo do CEMEF, encontramos inúmeras apostilas organizadas pelo professor Odilon Barbosa sobre a temática recreação nas décadas de 70 e 80.<sup>121</sup> Ao analisar esses materiais didáticos percebemos muitas semelhanças com o material que foi produzido pelo Barbosinha para o curso de recreação da V Jornada, em 1962. Apontamos a presença de muitos brinquedos cantados, danças folclóricas e os “pensamentos”. Esses últimos são frases que defendem a educação, principalmente na infância, o respeito ao próximo, apregoam valores morais e cívicos. Inicialmente, trabalhamos com a hipótese de que Barbosinha tanto recebia isso de alunos, quanto anotava seus próprios “pensamentos” no intuito de acessar essas mensagens posteriormente. Como orienta Ângela de Castro Gomes, esse professor parece ter construído para si uma espécie de “arquivo corrente” com uma função e um valor de utilidade, que comporta a acumulação de algo que enriqueça e possa ser apropriado de maneira não prevista (2011, comunicado em palestra).<sup>122</sup>

A recreação educa para utilização construtiva das horas que são favoritas da sedução do mal.

Não se trata de deixar a criança fazer de tudo o que quer mas levá-la a querer tudo o que faz.

O brinquedo é para a criança o que o trabalho é para o adulto, sua ocupação essencial, a coisa mais séria do mundo.

A recreação é um meio de tratamento para os conflitos interiores.<sup>123</sup>

Nos registros fotográficos das Jornadas, Odilon Barbosa aparece regularmente, sobretudo ministrando danças ou atividades em pares. Foi também bastante flagrado nas fotografias que destacam a presença das freiras que participavam do “certame”, tanto que inicialmente associamos a

---

<sup>121</sup> Gyna Fernandes e Rodrigo Moura (2011) ao pesquisarem essas apostilas, na perspectiva de compreendê-las como material didático, afirmaram que não é possível precisar quando as apostilas começaram a ser construídas e nem mesmo dimensionar a circulação das mesmas. Esses pesquisadores descrevem esses artefatos pedagógicos como bem singulares, que “versam sobre diferentes temas, e que traz com muita ênfase uma preocupação acentuada com a criança, com a educação, e com o desenvolvimento de valores e atitudes por intermédio da recreação”.

<sup>122</sup> Comunicação pessoal da autora em palestra proferida no dia 13 de outubro de 2011 aos membros do CEMEF.

<sup>123</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Anais da V Jornada. Planos de aula do curso de Recreação – Professor Odilon Ferraz Barbosa. Julho de 1962.

participação delas a um possível vínculo com esse educador. Outro fator que reforçou essa hipótese foi o encontro de uma reportagem de jornal, intitulada “Dança das freiras educa também”, que discorria sobre o Curso de Recreação Orientada, realizado no Colégio Sagrado Coração em Minas Gerais, patrocinado pela DEMG e dirigido pelos professores Odilon Barbosa e Nella Testa Taranto. Esse recorte de jornal não foi datado, contudo podemos dizer que o curso foi posterior à gestão de Sylvio Raso na DEMG, pois aponta Natalino Tignelli como diretor da mesma.<sup>124</sup> Segundo a reportagem o curso “foi baseado nos princípios da Pedagogia Moderna” e ainda frisou que os conceitos cristãos eram “parte integrante e essencial da Educação Física e da Educação da personalidade”. Freiras de diversas localidades como dos Estados Unidos, Alemanha, Itália e de outros estados brasileiros, participaram do curso. As religiosas retornaram ao seu local de origem prometendo “expandir” os métodos de recreação aprendidos no curso “em seus colégios”.<sup>125</sup>



Figura 7. Reportagem sobre Curso de Recreação Orientada. Acervo CEMEF. Fundo Herbert de Almeida Dutra.

<sup>124</sup> Segundo Owalder Rolim, Natalino Tignelli assumiu a DEMG assim que Sylvio Raso deixou o cargo. Todavia, Fernando Furtado afirmou que Ricardo Carvalho foi o sucessor de Sylvio Raso. Essa última informação corrobora com um documento datado de 8 de março de 1963, endereçado ao diretor da DEMG, Ricardo Carvalho, solicitando encaminhamentos desta instituição sobre a questão da federalização da EEF-MG. Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Fundo Herbert de Almeida Dutra. Dossiês Recortes de Jornais.

<sup>125</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Fundo Herbert de Almeida Dutra. Dossiês Recortes de Jornais. Reportagem intitulada “Dança das freiras educa também”, pertencente ao Dossiê Recortes de Jornais do Acervo Pessoal Professor Herbert de Almeida Dutra/Acervo Pessoal/Acervo do CEMEF.

Entretanto, Fernando Furtado asseverou que a presença de religiosos deu-se por iniciativa de Sylvio Raso e que “o Barbosa era nosso aluno, gente! No princípio era nosso aluno, depois que ele entrou como professor de Recreação na Escola de Educação Física. Mas, o Barbosa era da primeira turma da Escola... *Barbosa é ex-aluno*” (ênfase do entrevistado).<sup>126</sup>

Eldeweiss Dutra ressaltou que, devido a sua simpatia e competência pedagógica, Barbosinha sempre destacava-se nas Ruas de Recreio:

Ele era estrela da... Rua de Recreio. [...] Ele era diferente. Ele tinha uma alegria natural. E ele tinha uma empatia com as crianças. E as crianças, ficavam vidradas porque ele tinha um jeito todo especial para lidar com as crianças - ele gostava muito do folclore para introduzir o esporte... realmente [tinha] muita vontade de fazer...<sup>127</sup>

Na sua atuação profissional, Barbosinha parece ter sido um professor que conseguiu aliar com originalidade os elementos próprios da recreação aos fundamentos do treinamento esportivo.

#### *Major Geraldo Pinto de Souza*

Geraldo Pinto de Souza diplomou-se pelo curso de preparação para sargentos do Centro Militar de Educação Física (CEMEF-PM) do DI. Este Centro foi criado pelo interventor federal Benedito Valadares com o objetivo de “ensinar, orientar e desenvolver a educação física entre os elementos da força pública” (SOUZA, 1994, p. 110).

Sua inserção na EEF-MG deu-se no mesmo ano da criação dessa instituição, na qual lecionou na cadeira Metodologia do Treinamento Esportivo. Foi também presidente da Associação dos Especializados em Educação Física. Sobre essa entidade, não encontramos mais fontes, além da citação de

<sup>126</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>127</sup> Acervo CEMEF. Coleção História Oral. DUTRA, Edelweiss. Entrevista concedida a João Carlos Fernandes, Kellen Nogueira Vilhena e Lorena Viggiano Rocha da Silva. Belo Horizonte, 12 julho de 2011.

sua participação na organização de algumas edições das Jornadas, que contava com a assinatura do Major Geraldo.<sup>128</sup>

Além de professor da EEF-MG, ocupou no final da década de 1950, o cargo de coordenador de ensino.<sup>129</sup> Pode ser considerado, segundo nossas análises, o professor que mais publicou textos no *Jornal Educação Física*. Escreveu em três das quatro edições que tivemos acesso. Na primeira edição, versou sobre a criação tardia da EEF-MG, que já nos referenciamos no capítulo anterior. A palestra que proferiu na aula inaugural do ano letivo de 1958, foi transcrita na terceira edição do Jornal. Nessa ocasião, discorreu sobre “o problema da Educação Física para o homem”. Ali apresentou sua preocupação com os rumos que a Educação Física poderia levar se mal orientada. Apresentou figuras e gráficos, argumentos biológicos e sociais, versou sobre o papel dessa disciplina na educação, sobre a educação pela natureza e sobre a Educação Física racional. Terminou o texto frisando que a Educação Física “pode ter resultados benéficos, salutares ou antagonicamente, seus resultados maléficis, nocivos. Cabe, nesta altura, aos professores de Educação Física o conhecimento profundo dos dois resultados”.<sup>130</sup>

Na IV edição do *Jornal*, o assunto foi justamente sobre a disciplina que ministrava na EEF-MG. Intitulado “Metodologia do treinamento esportivo”, o texto versou sobre os conceitos, os objetivos, os graus e tipos corpóreos, relacionando este último ponto com a interferência do treinamento. Ressaltou seu entendimento sobre treinamento esportivo, “a prática repetida de uma série de atividades físicas (gino-esportivas), auxiliadas pelo emprego da fisioterapia e por um sistema de vida metodizada a que se submete o desportista”.<sup>131</sup>

Ministrou na primeira Jornada Internacional um curso denominado “Metodologia do Treinamento Esportivo”. Em dezembro de 1958, o Boletim de Educação Física publicou um texto de autoria de Geraldo Pinto de Souza

---

<sup>128</sup> Acervo do CEMEF. Arquivos Pessoais. Fundo Odilon Barbosa. Certificados de participação e honra ao mérito.

<sup>129</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº II, jan.).

<sup>130</sup> Idem.

<sup>131</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano III, nº IV, out.).

intitulado “Metodologia do Treinamento Desportivo – aprendizagem econômica”.<sup>132</sup>

O Major Geraldo Pinto de Souza fez parte da equipe formada pelo professor Sylvio Raso para atuar na DEMG. Nessa instituição, ficou responsável pela organização das Ruas de Recreio. Fernando Furtado relatou que o Major Geraldo era responsável por organizar os cronogramas de atuação, delimitando o lugar, o dia, o horário e os professores que iriam atuar em determinada Rua de Recreio. Ainda distribuía as atividades por setores, ou seja, traçava todo o plano de ação. Assim informou-nos Fernando Furtado: “isso é do Coronel Geraldo Pinto, ele que organizava isso tudo, número de aula, tal de cada matéria, Coronel Geraldo Pinto”.<sup>133</sup> Corroboram com esse argumento os relatos do filho do professor Barbosinha e da viúva do professor Herbert de Almeida Dutra que também destacaram a capacidade de organização de Geraldo Pinto de Souza.<sup>134</sup>

Era considerado um professor competente que acreditava na educação dos preceitos morais e cívicos através da Educação Física. Segundo nosso entrevistado Fernando Furtado

Geraldo Pinto, ele era coronel da polícia, mas não tinha nada de policial, ele era diferente porque ele tratava todo mundo com a maior delicadeza. Ele consultava: “Você não acha que está muito exagerado”? “Não, está bom demais coronel, está sensacional”. *Consultava...* (ênfase do entrevistado).<sup>135</sup>

Aqui notamos a ênfase dada, pelo entrevistado Fernando Furtado, no fato de, mesmo sendo um militar e chefe desses professores, o Major ter cultivado o hábito de consultar seus colegas de trabalho. Parece que o Major Geraldo Pinto de Souza, assim como o General Olavo A. da Silveira, também não se adequava a certas características consideradas “naturais” dos militares.

---

<sup>132</sup> Boletim Educação Física, ano VI, nº 16, dez. 1958. NETO, Amarilho Ferreira (coord.); SCHNEIDER, O.; AROEIRA, K.; BOSI, F.; SANTOS, W. Catálogo de periódicos de Educação Física e Esporte (1930-2000). Disponível online: <http://www.proteoria.net>.

<sup>133</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>134</sup> Acervo CEMEF. Coleção História Oral. DUTRA, Edelweiss. Entrevista concedida a João Carlos Fernandes, Kellen Nogueira Vilhena e Lorena Viggiano Rocha da Silva. Belo Horizonte, 12 julho de 2011 e BARBOSA, Marco Antônio Barbosa. Entrevista concedida a Guilherme de S. L. Oliveira e João Carlos Fernandes. Belo Horizonte, 30 jun 2009.

<sup>135</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

*Antônio Rubem Mendes*

Sobre esse organizador, foram encontradas pouquíssimas fontes, mesmo assim, somente apontando-o como participante da comissão organizadora das Jornadas, como funcionário da DEMG e como professor da EEF-MG. Nessa última, ocupou o cargo de professor assistente, ministrando a disciplina “Desportos Terrestres Coletivos”, mais especificamente, responsável pelo ensino do Basquetebol. Essa cadeira comportava mais duas modalidades esportivas e mais dois professores, sendo Adolfo Guilherme, com o voleibol e Gilson Sant’Anna com o futebol de campo.<sup>136</sup>

*Fernando Campos Furtado*

O professor Fernando Campos Furtado foi o único organizador que tivemos a possibilidade de entrevistar. Já mencionamos alguns pontos de sua trajetória quando escrevemos sobre os depoentes. Esse professor cedeu-nos um DVD, no qual relatou sua história e a de sua família, o local de seu nascimento, as diversas cidades do interior mineiro que morou em decorrência da profissão de seu pai, Juiz de Direito (São João Nepomuceno, Bom Sucesso, Pará de Minas, São João Del Rey, Ouro Preto). Em todas essas cidades, Fernando Furtado participou ativamente de diversas atividades esportivas (tênis, natação, voleibol, basquetebol), sendo que, o futebol sempre foi a “menina de seus olhos”. Nessa modalidade, jogou na posição de goleiro de equipes amadoras e profissionais, como no Paraense Esporte Clube (MG), no início da década de 1940, e no Fluminense Futebol Clube (RJ), nos anos de 1950. Fernando C. Furtado nasceu em Descoberto, Minas Gerais, em 1927, na fazenda de seu avô materno, Capitão Zeca Ferreira.

Quando expôs sua decisão de formar-se em Educação Física, algumas pessoas a receberam com estranhamento e o questionaram: “Mas você vai para o Rio?”, “Mas você vai ser professor?”, “Ensinar o pessoal a fazer

---

<sup>136</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº II, jan.).

ginástica?”<sup>137</sup> Fernando Furtado atribuiu o estranhamento ao fato de que naquele período eram os militares que coordenavam as atividades esportivas nas Praças de Esportes, como também foi relatado por Owalder Rolim. Contudo, recebeu o apoio de seu pai e, em 1950, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde trabalhou no Banco Mineiro de Produção antes de ingressar no curso superior em Educação Física da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Em sua cronologia, destacou a presença de sete professores dessa instituição: Alfredo Colombo (Educação Física Geral Masculina), Oswaldo Gonçalves (Atletismo), Ernesto Santos (Futebol), Pitanga (Basquetebol), Pedro Azeredo (Voleibol), Alberto Latorre (Ataque e defesa) e Inezil Pena Marinho (História e organização da Educação Física). No período de sua formação, foi atleta da equipe da Escola e da Seleção Carioca Universitária, viajando por diversas cidades brasileiras para disputar os campeonatos.

Formou-se em dezembro de 1952 e mudou-se para Belo Horizonte, onde sua família estava residindo. Na capital mineira, iniciou a docência no Colégio Santo Antônio, onde permaneceu por cinco anos. Posteriormente ministrou a disciplina Ataque e Defesa na Escola de Educação Física das Faculdades Católicas. Após a fusão das duas Escolas Superiores (a Católica e a do Estado) recebeu convite do professor Sylvio José Raso para ser seu assistente na cadeira Educação Física Geral Masculina. Assim, ele próprio nos relatou: “Ele foi nomeado para presidente da Diretoria de Esportes e estava sem tempo de dar aula...”<sup>138</sup> Ocupou o cargo até 1965, quando saiu da EEF-MG para lecionar na Escola Técnica (CEFET), permanecendo nessa instituição até 1990. Fernando Furtado ainda foi aprovado em primeiro lugar no concurso público para o Colégio Municipal de Belo Horizonte – São Cristóvão, em 1962. Atuou, também, no Colégio Marconi por 18 anos.

Além das diversas instituições de ensino, Fernando Furtado trabalhou como técnico da equipe feminina de Voleibol do América Esporte Clube de 1953 a 1960. Organizou diversas demonstrações de ginástica geral masculina,

---

<sup>137</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>138</sup> Idem.

muitas no campo do América. E, ainda, coordenou a primeira competição de ginástica realizada em Belo Horizonte, os “Jogos de Verão”, da Rádio Itatiaia.

Fernando Furtado fez parte da equipe organizada por Sylvio Raso, em 1956, para atuar na DEMG, promovendo cursos, atividades esportivas e recreativas, durante cinco anos. Participou de diversos cursos sobre a temática da Educação Física e do esporte pelo Brasil e por outros países. No ano de 1957, mais especificamente nos meses de julho e agosto, esteve presente no Primeiro Estágio Internacional de Educação Física, realizado no Rio de Janeiro sob a coordenação do professor Alfredo Colombo; no V Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico, realizado em Santos sob a coordenação do professor Antônio Boaventura; e na I Jornada Internacional de Educação Física, realizada em Belo Horizonte, sob a orientação do professor Sylvio Raso. Em janeiro de 1960 participou do Tercer Curso de Actualización y Perfeccionamiento, na Argentina.<sup>139</sup>

Nas fotografias das Jornadas, encontramos muitos registros da participação do professor Fernando Furtado, muitos deles junto ao professor Gerhard Schimidt, da Áustria. O *Jornal Folha de Minas* publicou a síntese feita pelo professor Fernando Furtado sobre o trabalho realizado na III Jornada, por Gerhard Schimidt, discorrendo, portanto, sobre os exercícios elaborados pela Atividade Física Natural.<sup>140</sup> Essas duas informações aliadas às diversas vezes que o Fernando Furtado menciona a “valiosa” contribuição à sua formação proporcionada pelo encontro com o professor austríaco, indiciam que o mesmo balizou sua atuação docente por muitos anos.

---

<sup>139</sup> Acervo pessoal do professor Fernando Campos Furtado. Constancia de Asistencia no Tercer Curso de Actualizacion e Perfeccionamiento. 31 de janeiro de 1960.

<sup>140</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Folha de Minas*, 1º de agosto de 1959.

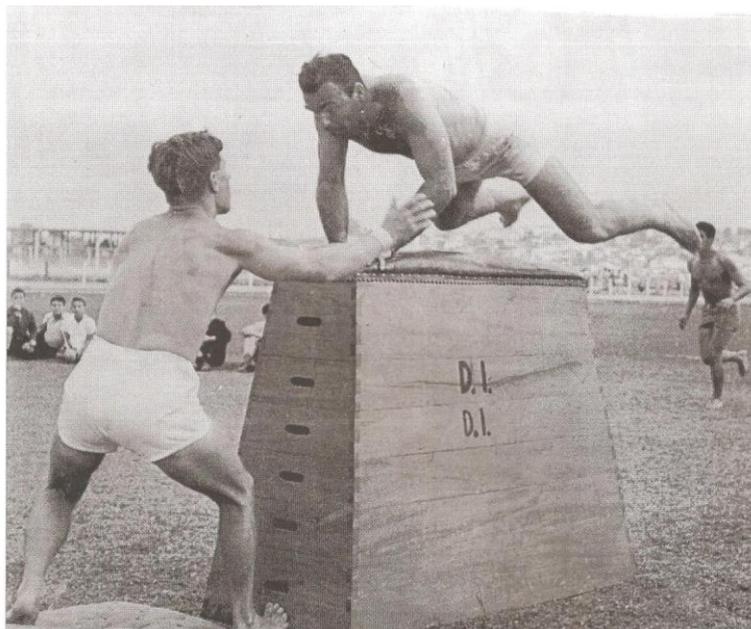


Figura 8. Salto sobre o plinto do professor Fernando C. Furtado sob orientação do professor austríaco Gerrhard Schmidt durante a I Jornada de Estudos da Educação Física. Acervo pessoal do professor Fernando Campos Furtado.

Fernando Furtado foi o organizador da V Jornada, e disse que aceitou o desafio de realizar um curso “somente com professores mineiros” em resposta às diversas críticas feitas pela nova diretoria da DEMG à administração de Sylvio Raso.<sup>141</sup> Nessa ocasião, ministrou, também, o curso de Ginástica Secundária Masculina.

Esse professor produziu alguns livros, são eles: “Está chovendo professor de educação Física? – Recreação em sala de aula”, de 1994; a série de 10 volumes das “Histórias pitorescas que me contaram”; e, o já referenciado e utilizado nesse estudo, “Sylvio José Raso: perfil de um pioneiro da Educação Física em Minas Gerais”, s/d. Todas essas obras foram realizadas de forma independente.

Destacamos a relevância das informações fornecidas pelo professor Fernando C. Furtado. Além de ter contribuído com suas reflexões e memórias sobre as Jornadas, cedeu-nos outros documentos relativos a esse curso e a

<sup>141</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

história da EEF-MG. Em nossos momentos de conversa declarou-se católico e afirmou “não perder a missa das 12h, na Igreja de Santa Efigênia”.<sup>142</sup>

### **“Outros professores da EEF-MG”**

Além do grupo de coordenadores, temos dois professores que pertenciam ao corpo docente da EEF-MG e foram convidados pelos organizadores para ministrar aulas e cursos ou proferir palestras. Nota-se que essa participação é mencionada, nas fontes, para as duas primeiras edições das Jornadas. Já nas III e IV Jornadas o destaque é dado à presença de professores estrangeiros e de outros estados brasileiros. Apesar da V Jornada contar quase que exclusivamente com professores da própria Escola, os nomes desses professores não foram citados.

Aqui abordaremos a trajetória de uma professora que não havia cursado o ensino superior em Educação Física e de um professor que possuía formação religiosa.

#### *Guiomar Meirelles Becker*

A professora Guiomar Meirelles Becker foi normalista e envolveu-se com iniciativas para a formação de professores de Educação Física em Minas Gerais ainda no final da década de 1920 e 1930, quando fez parte da equipe da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais. Giovanna Camila da Silva (2005) afirma o lugar de centralidade que essa professora ocupou no ensino da Educação Física em Belo Horizonte, desde o início do século XX. Guiomar M. Becker já atuava desde 1914, como professora de Educação Física, no Grupo Escolar Barão do Rio Branco.

Em 1927, por ocasião das comemorações do centenário da escola primária no Brasil, foi auxiliada por outras professoras na organização de demonstrações de exercícios e jogos ginásticos pelos alunos dos estabelecimentos de ensino da capital mineira. Foi destaque, também, do Congresso de Instrução Primária, realizado na capital no mesmo ano. Suas

---

<sup>142</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

considerações, nessa ocasião, foram bem aceitas e repercutiram nos discursos do Deputado amazonense Jorge de Moraes e do Inspetor Renato Eloy de Andrade, que exaltaram as colocações e a forma que Guiomar M. Becker as defendeu. Renato Eloy de Andrade atribuiu à defesa da tese dessa professora uma importância primordial para a criação da Inspetoria (SILVA, 2009).

Ainda segundo Giovanna C. da Silva (2005), Guiomar M. Becker foi tomada como modelo de professora, exemplo de patriotismo, amor e dedicação ao ensino. Sua inserção na Inspetoria ocorreu por consequência dos trabalhos que já vinha desempenhando em prol da Educação Física, mas também como uma estratégia no aperfeiçoamento docente de outras professoras que viam nela um bom exemplo a ser seguido. Trabalhou com Renato Eloy de Andrade, colaborando nas aulas que ministrava na Escola de Aperfeiçoamento. Fez parte do corpo docente dessa última instituição desde 1930 e além de ministrar aulas envolveu-se na organização de palestras e demonstrações públicas de Educação Física.

Atuou como professora de Educação Física do curso secundário do Colégio Isabela Hendrix, do Grupo Escolar Afonso Pena e do Grupo Escolar Barão do Rio Branco (BECKER, 1942).

Guiomar M. Becker publicou, em 1942, o livro chamado “Educação Física Infantil”, que foi classificado em primeiro lugar no “Concurso de Pedagogia Aplicada à Educação Física”, desenvolvido pelo Ministério da Educação e Saúde, no ano de 1941.<sup>143</sup> A capa do livro é colorida e traz figuras de contos infantis tradicionais, como Pinóquio, Branca de Neve e os Sete Anões, entre outros.

A autora dedicou o livro ao então governador de Minas Gerais Benedito Valadares, pelas suas contribuições “a causa nacional da Educação Física”, e enfatizou que seu governo era um “estímulo e um exemplo vivo aos que trabalham pela construção de um Brasil mais forte, um Brasil mais feliz” (BECKER, 1942). O autor do prefácio, Abgar Renault, na época diretor do Departamento Nacional de Educação, destacou que o livro correspondia aos apelos pela elaboração de um manual de Educação Física, destinado às

---

<sup>143</sup> Posteriormente, em 1968, o livro foi reeditado e acrescentaram ao título antigo o termo “Ginástica Historiada”, ficando assim “Educação Física Infantil – Ginástica Historiada”.

professoras dos “jardins de infância e grupos escolares” (BECKER, 1942). Nessa obra, a autora associou os exercícios físicos à música e à linguagem oral por intermédio de pequenos contos e histórias, dando características lúdicas ao ensino dos exercícios físicos. Há muitos exemplos de atividades, desenhos, quadros, histórias e letras de músicas. Na contra capa, encontramos a frase “cumpre que a escola dê educação integral”, essa responsabilidade é creditada à Educação Física por diversos professores, tanto os das EEF-MG quanto os convidados para as Jornadas.

Marcos Antônio Almeida Campos (2007) relatou que, na década de 1940, a dança fazia-se presente na cidade de Belo Horizonte nos bailes e nas aulas de Educação Física, sendo que enriqueciam as comemorações de datas cívicas e festas escolares. Essas tinham como principais organizadoras, nessa época, as professoras Guiomar M. Becker e Natália Lessa.

Na EEF-MG fez parte do corpo docente desde o ano de criação dessa instituição, ministrando a disciplina Ginástica Geral Feminina, tendo por assistente a professora Marluce Guimarães Gomes.<sup>144</sup> Além de ministrar aulas e cursos sobre a temática da ginástica feminina, Guiomar M. Becker também realizava pesquisas e trabalhos com dança. Foi à cidade mineira de Ouro Preto pesquisar sobre a “dança do mastro” e, nessa ocasião, convidou um dos moradores da cidade para ensinar a música, dessa dança, à pianista da EEF-MG Amita Andrade, que a codificou em uma partitura (ALMEIDA CAMPOS, 2007, p. 69). Além disso, Guiomar M. Becker também confeccionava o figurino para as demonstrações que fazia. As roupas produzidas por ela eram utilizadas também durante as aulas de danças e ginásticas. Há vestígios que estas indumentárias faziam parte do patrimônio da EEFMTO até pouco tempo.

Nas fontes referentes às primeiras edições das Jornadas, o nome dessa professora é sempre citado, como também é ressaltada sua competência e “autoridade” no assunto que ministrava. Assim declara o *Jornal Diário de Minas*: “Teve início ontem o curso de Ginástica Feminina Moderna, ministrado pela professora Guiomar Meirelles Becker, da Escola de Educação

---

<sup>144</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº II, jan. 1958).

Física de Minas Gerais e uma das maiores autoridades sobre o assunto no país”.<sup>145</sup>

A primeira edição do *Jornal Educação Física* noticiou a participação da professora Guiomar M. Becker, como convidada pelo MEC, para representar o Brasil na 2ª Gymnaestrada,<sup>146</sup> realizada em Zagreb, na Iugoslávia. O Boletim de Educação Física também fez referência a essa participação:

Destaque-se, outrossim, a atuação das observadoras Fernanda Barroso Beltrão, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos; Guiomar Meirelles Becker, da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e Stella Mansur Guerios, da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, as quais, interessadas em apreciar as demonstrações e aproveitar as oportunidades oferecidas para conhecimento das realizações dos demais países, não deixaram, por isso, de acatar e colaborar, irrestritamente, com a chefe da delegação Yesis Ilda y Amoedo Passarinho.<sup>147</sup>

Ainda na primeira edição do *Jornal* da EEF-MG, há a reprodução de um plano de Ginástica Educacional Moderna elaborado por Guiomar M. Becker. A aula, nesse plano, é dividida em quatro partes, além de pormenorizar os exercícios de cada parte, a professora também explica os objetivos de cada uma. Há ainda quatro ilustrações detalhadas de figuras femininas, três retratam atividades com a bola, um dos aparelhos da ginástica rítmica e a outra um exercício realizado em trio, com as mãos livres. As ilustrações são de autoria de Hilda Nelly de Oliveira e Juarez Távora Veado.<sup>148</sup>

Na I Jornada, Guiomar M. Becker elaborou um plano de aula de “Ginástica Feminina Moderna”, que compõe o caderno de planejamento que a

<sup>145</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Jornal Diário de Minas, 02 de agosto de 1957. Reportagem intitulada “Iniciado Ontem curso de Ginástica Feminina Moderna”.

<sup>146</sup> O significado do termo *Gymnaestrada* é “caminho da ginástica”. A primeira edição foi organizada em 1953, na cidade de Rotterdam na Holanda, tendo por idealizador o Sr. Johan Henrich François Sommer. Ainda é realizada atualmente de quatro em quatro anos. Sendo considerado o maior evento de ginástica não competitiva do mundo e o mais importante para a Ginástica Geral. É organizado pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), instituição criada em 1881 com a denominação de Federação Europeia de Ginastica, a partir de 1921, depois da filiação dos EUA, passou a ser denominada FIG. Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com>. Acesso em: 01 de novembro de 2011.

<sup>147</sup> Acervo do CEMEF. Arquivos Pessoais. Coleção Nella Testa Taranto. Boletim de Educação Física. Comemorativo do 20º Aniversário da DEF. Ano VI, nº 15, dez – 1957. Agradeço à mestrandia Gabriela Vilela Arantes, que com muito cuidado e generosidade me mostrou esse documento.

<sup>148</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

professora dividiu com o professor Moacyr Daiuto, que discorreu sobre o “Basquetebol”.<sup>149</sup> A forma de dispor o conteúdo se assemelha bastante ao planejamento publicado no *Jornal*, o que pode ser um indício de que, esse último, seja um resumo do primeiro. Entretanto, as figuras femininas presentes no planejamento da I Jornada são bem mais simples que as ilustradas no *Jornal*. A professora Guiomar M. Becker se remeteu ao 1º Congresso da Ginástica Feminina Moderna, realizado na Finlândia, em 1952, contudo não afirma ter participado do mesmo.<sup>150</sup>



Figura 9. Reportagem sobre o curso de Ginástica da professora Guiomar Meireles Becker. *Jornal Educação Física* (out. 1957). Acervo CEMEF.

### *Padre Carlos José Gonçalves*

O padre Carlos José Gonçalves foi professor das Faculdades Católicas da cadeira “Cultura Religiosa”. Com a fusão das Escolas, em 1953, esse conteúdo permaneceu na formação de professores de Educação Física. Assumiu outras disciplinas como a de “Antropologia”, na década de 1960.<sup>151</sup> A

<sup>149</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Cadernos de planejamentos de Basquetebol e Ginástica Feminina, I Jornada Internacional de Educação Física.

<sup>150</sup> Idem.

<sup>151</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969)

presença de um padre no corpo docente de uma instituição de ensino pública demonstra a forte influência que a Igreja Católica exercia na EEF-MG e em Minas Gerais. Não encontramos fontes que indicassem a ordem religiosa que o padre Carlos José Gonçalves pertencia e/ou as ligações políticas que possuía.

Sua participação foi referenciada na primeira edição das Jornadas, ocasião em que ministrou a palestra intitulada “*Corpus Sanum In Mente Sana*”<sup>152</sup>, na qual defendeu o despropósito de se focar o físico e se esquecer da alma. E afirmou ser a sanidade mental condicionante da sanidade corporal, comparando a busca por êxitos com a busca pelo que é eterno e maior.

Já na segunda edição do *Jornal Educação Física*, foi publicado o texto “Religião e esporte”, de autoria do Padre Carlos, no qual discorreu sobre a moral e sua ligação inseparável com os princípios da religião católica. Ainda, lamentou o fato de “nossa formação republicana” ter sido laicizada, e que, em decorrência disso, tivemos por consequência, o paganismo e o ateísmo. Para o professor e padre, a religião era algo “inseparável do homem”.<sup>153</sup>

### **“Alguns dos professores convidados”**

Neste grupo encontram-se os professores convidados para o “certame”, que vinham de outros estados brasileiros e de outros países. Alguns deles foram recorrentemente citados nas fontes orais, como também, encontramos sobre eles várias fotografias, textos escritos pelos mesmos, entrevistas cedidas aos jornais. Sobre outros, há apenas a citação do nome em um jornal ou regulamento do curso.

Como já pontuamos, a procedência desses professores foi bem diversificada.<sup>154</sup> Na primeira edição das Jornadas os professores estrangeiros eram todos da Europa e os brasileiros vinham da região sudeste. Na segunda, a maioria era da Europa e iniciou-se a participação de professores da América do Sul. Contudo, o destaque foi dado aos europeus, sendo mesmo frisado que

---

<sup>152</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>153</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº II, jan. 1958).

<sup>154</sup> Veja-se apêndice IV.

estariam presentes no encontro “os mestres da Europa mais competentes em sua especialidade”.<sup>155</sup> Já nas III e IV Jornadas, tivemos a participação de professores do Japão, dos Estados Unidos, de variados países da Europa e da América do Sul. Vieram, também, mestres de cidades da região sul do Brasil, como Porto Alegre e Paraná. Na V Jornada, somente professores brasileiros ministraram aulas e cursos, sendo que a maioria era da própria Escola ou atuava em clubes e órgãos públicos de Belo Horizonte.

Foram, também, convidados a participar como palestrantes nas Jornadas autoridades religiosas, como Dom Antônio Cabral e Dom Serafim Fernandes Araújo, que ressaltavam os princípios cristãos que deveriam estar vinculados às práticas de atividades físicas. Os jornais frisam a participação desses e de padres e freiras como alunos, em reportagens com títulos carregados de preceitos morais e religiosos, como notamos em: “Tradição e amor pelos princípios cristãos fazem a felicidade da família Brasileira” e em “No meio da agitada atividade desportiva, aquilo que na vida vale mais que todo o resto: a alma a consciência, e no vértice Supremo Deus”.<sup>156</sup>

Optamos por detalhar as trajetórias dos professores Gerhard Schimidt (Áustria) e Auguste Listello (França), uma vez que a vinda desses dois mestres foi muito referenciada, tanto nas fontes orais, quanto nas fontes escritas.

### *Gerhard Schimidt*

Gerhard Schimidt era austríaco e integrante da União Austríaca de Ginástica. Diplomou-se pela Universidade de Viena, atuou como docente em escolas secundárias vienenses, nas disciplinas Educação Física e História Natural. Foi, também, técnico de ginástica de aparelhos e de *ski*, membro da União Austríaca de Estudantes Católicos, professor de cursos internacionais e participante de torneios realizados na Áustria, Alemanha, França, Holanda, Suécia, Suíça e, claro, no Brasil (MARTINEZ, 2002). No Brasil, além de participar da primeira e da terceira Jornadas, esteve presente, durante a

---

<sup>155</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário da Tarde*, 26 de julho de 1958. Reportagem intitulada “Desenvolve-se com êxito, a II Jornada Internacional de Educação Física”.

<sup>156</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Reportagem do *Jornal Folha de Minas*, 25 de julho de 1959. Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

década de 1950, no curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico, realizado em Santos e no I Estágio Internacional de Educação Física, em 1957, no Rio de Janeiro.<sup>157</sup>

O professor Karl Gaulhofer parece ter sido o responsável pela vinda de Gerhard ao Brasil. Ele teria sido convidado pelos professores Alfredo Colombo e Antônio Boaventura para ministrar os cursos realizados na cidade de Santos (São Paulo) e, na impossibilidade de comparecer, elegeu Gerhard como seu representante. Schmidt foi assistente do professor Karl Gaulhofer. Karl, juntamente com Margarete Streicher, empenhou-se em elaborar uma ginástica especificamente para a escola e buscou, para isso, algumas referências, principalmente, em Gust Muths e seu ideal de "naturalidade". Organizando assim, o Método Natural Austríaco conhecido pelo sentido rítmico da ginástica e pelo movimento lúdico e esportivo (SOARES, 1997).

Celi Taffarel e Micheli Escobar (s/d) afirmam que Gerhard Schmidt, na década de 1950, divulgou pelo Brasil o Método Natural Austríaco que muito contribuiu para a metodologia da Educação Física Escolar brasileira. Esse método combatia a formalidade que caracterizava a ginástica da época. Enfatizam que, no entanto, poucos foram os seus seguidores, e que alguns professores preferiram se fixar somente nos planos de aula, que chamavam de método.<sup>158</sup> Parece que os professores não se preocupavam em acessar os conhecimentos adquiridos para elaborar outras atividades, apenas reproduziam-nas da maneira que foram transmitidas.

Owalder Rolim e Fernando Furtado afirmaram que aprenderam muito com Gerhard Schmidt e que aplicavam, em suas aulas, o conhecimento adquirido. O relato de Fernando Furtado parece corroborar com os argumentos de Celi Taffarel e Micheli Escobar:

As aulas do Gerhard, eu tenho guardado todas, não sei se eu mandei para lá [CEMEF], mas devo ter mandado. E ele encerrava as aulas dele, botava a turma sentada e dava um joguinho recreativo que desenvolvia os sentidos: o sentido do tato, o sentido da audição, o sentido da visão. E era muito interessante, eu tenho esses joguinhos

---

<sup>157</sup> Acervo do CEMEF. Arquivos Pessoais. Coleção Nella Testa Taranto. Boletim de Educação Física. Comemorativo do 20º Aniversário da DEF. Ano VI, nº 15, dez – 1957.

<sup>158</sup> Disponível em: <http://www.lepel.ufba.br>. Acesso em: 15 de setembro de 2010.

todos guardados e sempre encerrava a aula com um joguinho recreativo desse tipo do Gerhard.<sup>159</sup>

Nas fontes, o professor Gerhard Schimidt foi descrito como um professor competente, entusiasmado, comprometido e que possuía muita virilidade corporal.



Figura 10. Aula do professor Gerhard Schimidt na III Jornada Internacional de Educação Física. Acervo pessoal do professor Fernando Campos Furtado.



<sup>159</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

Figura 11. Professor Gerhard Schmidt durante a III Jornada Internacional de Educação Física. Acervo do CEMEF. Coleção Iconográfica (Jornadas).

Há muitos registros de suas demonstrações práticas de ginástica, como nos mostra o fragmento da notícia sobre a I Jornada do *Jornal Educação Física* “[...] Gerhard Schmidt e Hanns Prochowinck, ambos impressionando vivamente [...] pela perfeição e pelo arrojo [...] executaram saltos acrobáticos de solo, no plinto e nas paralelas”.<sup>160</sup>

Em outra reportagem, também publicada no *Jornal da Escola*, o professor austríaco, cedeu uma entrevista na qual discorreu sobre o Método Natural Austríaco, enfatizando a importância do exercício “guiado pedagogicamente” para que se influenciasse “os aspectos orgânico, intelectual, moral e espiritual” dos sujeitos.<sup>161</sup>

Podemos apontar o professor Gerhard Schmidt como o convidado mais lembrado pelos entrevistados. Tanto a pessoa do professor, quanto suas aulas, exercícios e jogos foram recorrentemente citados.

Foi possível encontrar um livro sobre ginástica de autoria de Schmidt. Essa obra foi publicada em espanhol, em 1965, e denominada “Gymnasia natural y recreación”.

### *Auguste Listello*

Nasceu na Argélia em 18 de setembro de 1913 e quando tinha 15 anos foi morar na França. Foi membro da Legião Estrangeira, atuando em variados ramos relacionados à formação de soldados. Em 1930, iniciou a carreira militar na Marinha Nacional da França, tornando-se então, cidadão francês. Iniciou a docência em escolas civis em 1941, passando por diversas escolas francesas, encarregado pelo Ensino honorário de Educação Física e Esportiva (MARTINEZ, 2002). Designado pelo Instituto Nacional de Esporte (INS) da França, Listello “cumpriu muitas missões, entre elas, os cursos de capacitação para os professores de educação física do Brasil” (Idem, p. 24). Ainda visitou a

---

<sup>160</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>161</sup> Idem.

Argentina (1967, 1979), a Bélgica (1956, 1957 e 1958), a Argélia (1952 e 1955), o Marrocos (1954 e 1955) e a Alemanha (1953) (Idem, p. 30).

Ao todo, foram doze “missões” em vários estados do Brasil, entre os anos de 1952 a 1980. Essas diversas visitas resultaram na dedicação ao Brasil do livro “Atividades Físicas, Esportivas e de Lazer”, no qual Listello relata o grande apresso que possuía por nosso país. Essa obra é resultado de sua experiência de 12 anos como professor de uma escola de primeiro grau, na qual colocou em prática seu método. Escreveu outros livros sobre a recreação, a Educação Física e os exercícios físicos.

Apesar de só ter participado da primeira edição das Jornadas, sua vinda teve ampla repercussão na imprensa mineira. Foi bastante referenciado pelos entrevistados que ressaltaram sua dinamicidade e criatividade. Sobre suas aulas, assim relatou Fernando Furtado:

O Listello, as aulas dele eram muito interessantes. Por exemplo, ensinar as técnicas de processos pedagógicos. Muita gente aproveitou as aulas para iniciar os atletas. Tanto no atletismo, como no vôlei e no basquete. O atletismo, por exemplo, a parte da passagem de barreira: “Vocês tem que falar com o menino o seguinte – com o pé esquerdo ele chuta e com a perna direita ele imita o cachorro fazendo xixi ‘chuta xixi, chuta xixi’”. E a meninada “chuta xixi” achava uma graça danada e fazia a passagem certinha. Então, “chuta xixi”.<sup>162</sup>

Auguste Listello ministrou para os professores mineiros o curso denominado “Atividades Físicas Generalizadas”, momento que versou principalmente sobre as características de uma “sessão de treinamento”.<sup>163</sup>

Margareth de Paula Ambrósio (2008, p. 147) afirma que “essa manifestação do esporte via método desportivo generalizado” deflagrou um “movimento interno” no Colégio Santo Agostinho de Belo Horizonte, “incentivando coordenação e diretoria a fomentarem novas possibilidades para sua prática nas aulas”. Essa autora ressaltou que esse “movimento interno” foi encabeçado pelo professor Fernando Grosso, que foi aluno da EEF-MG e participou, como professor de basquetebol, da IV e da V Jornada. Não tivemos

<sup>162</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>163</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Caderno de planejamento da I Jornada. Curso denominado “Atividades Físicas Generalizadas” – professor Auguste Listello. Agosto de 1957.

menção da participação desse professor na I Jornada ou nos outros cursos de aperfeiçoamento em que Listello esteve presente, contudo, não podemos descartar a hipótese de Fernando Grosso ter conhecido o método em alguma dessas ocasiões.

A presença de Auguste Listello e de Gerhard Schimidt não teve repercussão somente nas Jornadas realizadas em solo mineiro. Sobre a participação deles no I Estágio Internacional de Educação Física, no Rio de Janeiro, informou o Boletim Educação Física, de dezembro de 1957:

Pela primeira vez no Brasil se encontravam dois países (França e Áustria), duas raças (latina e teuta) e dois sistemas de trabalho físico, que foram postos em confronto a fim de atualizar os estudiosos da Educação Física. Logo na primeira aula foi notada uma perfeita correlação entre os dois sistemas, confirmando o conceito de que a Educação Física é, antes de tudo, um trabalho educacional formativo psico-socio-morfo-fisiológico. Pedagogicamente os dois sistemas têm um só fim: EDUCAR. [...] A única diferença notada foi na forma didática. Um partindo da prática para a teórica, outro iniciando pela teoria, dando conhecimento da essência, do espírito das atividades para depois chegar à prática. Mas, os dois sem uma preocupação primordial de iniciar o instrumento na técnica apurada, deixando que ele viesse a tomar conhecimento dela durante a realização do trabalho.<sup>164</sup>

Abordaremos sobre a forma com que o Método Natural Austríaco e o Método de Atividades Físicas Generalizadas foram propostos nas Jornadas no terceiro capítulo.

### **“Os alunos”**

Os alunos da I Jornada vinham principalmente do interior de Minas ou eram oriundos da própria EEF-MG. Os professores, que já atuavam no ensino da Educação Física nos colégios, recebiam autorização do Ministério da Educação para suspender as aulas<sup>165</sup>, já os que atuavam nas Praças de

<sup>164</sup> Acervo do CEMEF. Arquivos Pessoais. Coleção Nella Testa Taranto. Boletim de Educação Física. Comemorativo do 20º Aniversário da DEF. Ano VI, nº 15, dez – 1957. Agradeço à mestranda Gabriela Vilella Arantes, que com muita generosidade mostrou-me esse documento.

<sup>165</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 02 de agosto de 1957.

Esportes eram “obrigados” a participar, segundo normas da DEMG. Como relatou nosso entrevistado Fernando Furtado:

Vinham muitos professores, que trabalhavam em Praças de Esportes. Por que o Sylvio, como Diretoria, conhecia todo mundo. Então, ele mais ou menos uma obrigação do cara vir. “Vou ter benefício, não vou gastar nada. Vou ficar hospedado por conta da Diretoria”. E vinha, quase todo mundo vinha.<sup>166</sup>

Na primeira edição estipulou-se a participação de trezentos professores e técnicos de Educação Física que foram submetidos a uma prova escrita e a verificação de frequência para obterem o certificado de participação.<sup>167</sup> Desse total de participantes, noventa e seis (96) não receberam certificação por infrequência.<sup>168</sup>

Já para II Jornada, vieram alunos “não só do Estado, mas também de outros centros como Rio e São Paulo”, estipulou-se a participação de mais de 300 pessoas.<sup>169</sup>

Participaram das III e IV Jornadas professores e técnicos de Educação Física de outros países. Assim anunciou uma reportagem do *Jornal Diário de Minas* sobre a III Jornada:

participantes nacionais e estrangeiros procuram tirar o melhor proveito do certame promovido pela Diretoria de Esportes [...] gente do país e do exterior à procura de melhores conhecimentos em assuntos esportivos e de educação física, veio juntar aos inscritos da capital, formando um agrupamento de 450 pessoas.<sup>170</sup>

As aulas teóricas e práticas tinham a cobrança de presença obrigatória, assim como as palestras, as exposições de filmes e as demonstrações. Na verdade, ressaltava-se que, não só a presença, a participação ativa desses alunos era obrigatória. A dispensa “por doença, concedida pelo médico da Jornada”, dava o direito de não praticar a atividade, mas não de ausentar-se da mesma. A frequência era comumente verificada “5 minutos antes da atividade”

<sup>166</sup> FURTADO, Fernando Campos. Entrevista em 04 de maio de 2011.

<sup>167</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 21 de agosto de 1957.

<sup>168</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>169</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 23 de julho de 1957.

<sup>170</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 31 de julho de 1959.

com a solicitação do “cartão de matrícula” de cada aluno. Contudo, apesar de todo o rigor, a “chamada” apresentava falhas, que foram apontadas por alguns participantes.<sup>171</sup> A aluna argentina Aurora Bugiolacchi, da província de Rio Negro, foi entrevistada pelo *Jornal Diário de Minas* que pontuou:

Aurora não quis apontar as falhas por ela observadas, mas, apenas, dizer que são pequenas e fáceis de serem reparadas nas próximas temporadas. Ressalta que a Diretoria de Esportes, ao organizar a programação, esqueceu-se de que os inscritos necessitam também de folga para recapitular as aulas, cumprir suas obrigações sociais, ou pelo menos dispor de tempo para escrever aos seus familiares distantes. Incentivou que fossem incluídos cursos de natação, vólibol [sic], basquete, atletismo, etc. com inscrição livre, pois muita gente que veio à Jornada tem maior interesse em aperfeiçoar seus conhecimentos esportivos, e, outros não têm mesmo nenhuma possibilidade de obter proveitosos resultados com determinadas fases do trabalho em execução, como conferências, demonstrações técnicas, filmes etc.<sup>172</sup>

Percebemos que, para Aurora, a carga horária do curso era muito extensa e intensa, e que nem tudo o que fora ministrado era de pronto aproveitamento pelos professores. Sutilmente, a aluna argentina criticou alguns dos conteúdos presentes na III Jornada e demonstrou sua preferência pelas atividades esportivas. Aurora fez parte de uma delegação de 30 “professores especializados” que vieram da Argentina sob a direção do Dr. Ramon Muros, “Diretor Geral da Educação Física daquele país amigo”.<sup>173</sup>

A participação de alunos oriundos de outros estados brasileiros na III Jornada também foi destacada: “do Rio Grande do Sul vieram bons contingentes, integrados por professores e alunos de educação física”. Nessa edição, os alunos também foram submetidos à prova e análise de frequência para receber o certificado. Foram atribuídos conceitos aos pontos adquiridos nas provas que iam de Muito Bom (9 e 10) e Insuficiente (inferior a 4), receberam os certificados quem esteve frequente e adquiriu conceito do aceitável (4 e 5) para cima.<sup>174</sup>

O *Jornal Folha de Minas* trouxe a descrição da quantidade de sacerdotes, freiras, médicos e professores(as) secundários(as) que

<sup>171</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Folha de Minas*, 17 de julho de 1959.

<sup>172</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 31 de julho de 1959.

<sup>173</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Folha de Minas*. 25 de julho de 1959.

<sup>174</sup> Idem.

participaram segundo a cidade, o estado e/ou o país de origem. Assim, foi informado por esse periódico, a participação de 10 sacerdotes e 27 irmãs (de diversas ordens) da capital e do interior de Minas e 3 médicos de Belo Horizonte. Os professores(as) secundários(as) e os técnicos de Praças de Esportes tiveram procedência diversificada, estando presentes representantes do Rio de Janeiro, do Pará, do Maranhão, de Alagoas, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco e do Espírito Santo. A participação estrangeira ficou a cargo dos alunos da Argentina e do Paraguai.<sup>175</sup>



Figura 12. Aula prática na IV Jornada Internacional de Educação Física. Diário de Minas de 17 de julho 1960. Hemeroteca Pública Luiz de Bessa.

Já na IV Jornada é salientada a participação dos técnicos pertencentes às Praças de Esportes: “tornou-se mesmo uma obrigação para estes técnicos o aproveitamento dos conhecimentos que estão sendo transmitidos na Jornada”.<sup>176</sup> Também nessa edição, participaram alunos estrangeiros da Argentina, do Equador e da Bolívia. Outro fato que merece destaque é a participação dos alunos, chamados recorrentemente de “estagiários”, na Rua de Recreio, realizada no encerramento da IV Jornada, com a participação de 10 mil escolares. Segundo o *Jornal Diário da Tarde* as atividades ocorreram “sob orientação dos estagiários” e “tudo indica que a ‘Rua de Recreio’”

<sup>175</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Folha de Minas*. 25 de julho de 1959.

<sup>176</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 21 de julho de 1960.

alcançou “êxito, servindo inclusive, para demonstrar os conhecimentos” que estavam “sendo transmitidos pelos professores de outros países”.<sup>177</sup>

A aluna, professora e freira Juliana Philomena Verbist<sup>178</sup> foi a primeira religiosa a participar da Jornada, na sua primeira edição. Sua presença foi noticiada no *Jornal da Escola*, para o qual concedeu entrevista. A Irmã chegou ao Brasil em 1953 vindo da Antuérpia na Bélgica, onde já exercia o cargo de professora de Educação Física.<sup>179</sup>

Na matéria do *Jornal Educação Física*, intitulada “Uma religiosa na Jornada de Educação Física”, o autor enfatizou que as vestes da religiosa foram o primeiro atributo a chamar a atenção e que, posteriormente, todos se admiraram com “sua personalidade simpática, os seus modos simples e cativantes”. A Irmã Juliana contou que essa tinha sido a primeira vez que participava de um curso dessa natureza no Brasil e que ficou admirada com a organização e com o ambiente agradável que “nada tem de inconveniente nem mesmo para uma religiosa”, ressaltando que “nada houve que ferisse a moral” e que fora tratada com “extrema delicadeza”. Ainda incentivou a realização de cursos voltados para os religiosos, que já estavam trabalhando “para o corpo” e “para a alma”, e para os professores do “âmbito rural” que se encontravam na “zona rural” necessitando de orientações.<sup>180</sup>

Percursos singulares foram traçados pelos sujeitos aqui referenciados, entretanto podemos notar que partilharam do desejo de aprimorar e disseminar o conhecimento sobre a Educação Física. A partir dos fragmentos de suas trajetórias podemos conhecer algumas funções que ocuparam, algumas ações

---

<sup>177</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 21 de julho de 1960.

<sup>178</sup> A Irmã Juliana P. Verbist trabalhou com Zilda Arns, em Londrina (Paraná), colaborando na implantação da primeira Pastoral da Criança em Minas Gerais, na cidade de Montes Claros, em 1984. Foi também a primeira coordenadora dessa Pastoral, cargo que ocupou durante 11 anos. Ainda na cidade do norte mineiro lecionou para os cursos primários as disciplinas Educação Física e Canto Orfeônico, e ocupou o cargo de secretária no Colégio Imaculada Conceição. Atualmente reside na Bélgica onde faz parte da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar. Disponível em: <http://www.arquimoc.org.br/>. Acesso em: 21 de março de 2011.

<sup>179</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>180</sup> Idem.

realizadas, suas posições e responsabilidades. Compreendemos que, ao mesmo tempo em que participaram ativamente da consolidação das Jornadas e do processo de afirmação da Educação Física em Minas Gerais, formaram a “si mesmos como sujeitos sociais” (FARIA FILHO, 2002, p.18).

### III – Conteúdos e saberes em circulação nos espaços e nos tempos do “certame”

“Toda história tem um início, toda ideia tem uma inspiração e uma razão de seu desenvolvimento” (Jornal Educação Física, ano III, nº IV, out. 1959).

“Sempre houve projetos em disputas na produção da educação física como disciplina na escola brasileira” (TARCÍSIO MAURO VAGO, 2010, p. 10).

Diversificados temas circularam nas Jornadas: alguns estavam diretamente atrelados à Educação Física e às práticas vinculadas a essa disciplina, como a ginástica, os esportes, o cotidiano da docência; outros mais ligados à questão política desse campo de atuação e à importância da religião na educação do corpo, presentes em aulas que abordaram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1961, e em palestras ministradas por padres, por exemplo.

Identificamos forte presença do conteúdo ginástica, que foi representada por uma gama de adjetivos: sueca, geral, moderna, educativa, acrobática, infantil, austríaca, etc. Também foram ministrados cursos de variadas modalidades esportivas individuais e coletivas (basquetebol, voleibol, atletismo, natação, futebol de salão, handebol, etc.), sendo que as coletivas estiveram mais presentes. Do conteúdo danças, a maioria dos cursos foi sobre as folclóricas (estrangeiras e brasileiras) e as escolares (não encontramos nenhum planejamento desses cursos nem maiores detalhamentos sobre os temas que abordaram). Também podemos encontrar as danças em atividades de outros temas, como na recreação, nos jogos infantis e nas ginásticas.

Na III Jornada a presença do professor gaúcho João Paixão Cortês foi ressaltada, que ministrou, na ocasião, aulas sobre danças folclóricas brasileiras. Esse professor pesquisou, na década de 1940, “elementos de música, danças e canções das diversas regiões” desse estado.<sup>181</sup> Foi, também, um dos integrantes do “Piquete da Tradição”, em 1947, e um dos fundadores

---

<sup>181</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Folha de Minas*, 25 de julho de 1959.

do "35" Centro de Tradições Gaúchas (DUTRA, 2002). Nessa mesma edição, ganhou destaque nos jornais mineiros, a participação da professora Lia Bastian Meyer, "nome demais consagrado", que ficou responsável pelas aulas de Atividades Rítmicas, "dancinhas do folclore europeu e sulamericano".<sup>182</sup>

Ainda nessa edição do "certame" foi ministrado um curso de ginástica para deficientes visuais. Essas alunas fizeram uma demonstração aos professores e alunos do encontro, que contou, também, com a presença do governador Bias Fortes.<sup>183</sup> Não encontramos menção da realização dessas aulas em nenhum jornal, nem foi feita alusão as mesmas nas entrevistas realizadas. Encontramos imagens da demonstração feita pelas alunas na parte não editada do filme feito durante a III Jornada. Em nenhuma das fontes mobilizadas há vestígios da organização de aulas como essas nas outras edições do curso.

Os esportes vão gradativamente ganhando mais espaço no decorrer das edições desses cursos de aperfeiçoamento. Na primeira Jornada apenas o professor Moacyr Daiuto, no caderno de planejamento do basquetebol, discorreu com mais vagar sobre o assunto, abordando questões táticas, técnicas e sociais. Enquanto o caderno de planejamentos que tratou das modalidades handball, futebol de salão e voleibol abordaram apenas questões sobre as regras, a técnica e a tática desses esportes. Já os Anais da V Jornada apresentaram textos nos quais os professores, responsáveis por cada esporte, evidenciaram uma preocupação maior com as questões de ordem moral e social, do que com as regras e com os fundamentos das modalidades.

Ficou evidente o desejo de difundir os esportes e os conhecimentos relativos à Educação Física por meio das Jornadas e muitos professores pediram aos alunos que os auxiliassem nessa tarefa. Outra preocupação, que alcançou a maioria dos docentes, foi com o aprendizado prazeroso, que incutisse no "jovem" o desejo de praticar a atividade física e o esporte, mesmo sem a presença de um professor.

Nos discursos dos professores, as figuras de professor e técnico se misturaram, não obtendo distinção clara. Também não foi possível determinar o

---

<sup>182</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Folha de Minas*, 25 de julho de 1959.

<sup>183</sup> Acervo CEMEF. Coleção Audiovisual. Filme 16mm. III Jornada Internacional de Educação Física.

limite entre treinamento e aula, uma vez que, utilizaram os dois termos sem apontar diferenças entre eles. Quando se referiram ao aluno, fizeram menção principalmente à criança ou ao esportista/jogador, na maioria das vezes utilizando a palavra no gênero masculino (o aluno, o esportista, o jogador). Na primeira edição somente nas temáticas sobre danças e ginástica feminina o termo foi tratado no gênero feminino. Já na V Jornada há uma constante referência à presença da mulher nos esportes coletivos, parece haver a necessidade dos professores afirmarem que a prática de esportes não alteraria os atributos ditos femininos: “a leveza”, “a plasticidade”, “a harmonia”.

Não havia consenso nas recomendações desses docentes acerca da idade de ingresso na iniciação esportiva. Alguns defenderam que a criança ingressasse no esporte a partir dos 4/6 anos, outros a partir dos 10 anos.

Outra característica importante da forma de exposição desses saberes é certa divisão entre os assuntos abordados pelos professores e os assuntos abordados pelas professoras. Nas cinco edições, podemos observar os homens no comando de atividades com temáticas variadas, como cursos de recreação, danças folclóricas, ginástica, jogos infantis e diversas modalidades esportivas. Enquanto as mulheres ficaram a cargo das atividades relacionadas com a dança, os jogos infantis e principalmente com a ginástica e suas ramificações.

Na maioria das vezes, o conteúdo foi anunciado por meio da exaltação do nome dos professores ministrantes, os quais recebiam designações como, “grande mestre”, “grandes expressões”, “nome por demais consagrado”, etc.

Após análise dos cadernos de planejamentos, dos anais e das diversas reportagens de jornais sobre os conteúdos que circularam nas Jornadas, percebemos que os diversos temas tocavam-se em alguns pontos. Assim, optamos por abordá-los em grupos temáticos. Foram elencados cinco grupos: uma educação moral e religiosa; o cientificismo na Educação Física; técnicas e métodos de ensino; a sistematização do ensino: a didática da Educação Física; jogos, recreação e infância. Ressaltamos que os cursos e aulas possuem outras denominações e que seus conteúdos podem perpassar todos essas temáticas ou apenas uma. Os assuntos de cada curso ou aula serão especificados em nota de rodapé, assim como a autoria dos mesmos.

Ainda nos propusemos, por entender que é “da articulação entre saberes, práticas e materiais escolares que se concretiza o fazer pedagógico”, conhecer os espaços, os tempos, a “cultura material” e as outras estratégias de ensino que foram adotadas na formação de professores no âmbito das Jornadas Internacionais de Educação Física (SOUZA, 2007, p. 180). Esse assunto será abordado no tópico “os espaços, os tempos e a ‘cultura material’”.

### *Uma educação moral e religiosa*

Uma Educação Física que abarcasse as questões morais foi uma preocupação latente que perpassou a maioria dos conteúdos e esteve diretamente ligada aos preceitos morais cristãos católicos.

Muitas recomendações sobre a educação do corpo defendidas nesse contexto faziam eco ao que fora proposto para a educação brasileira nas décadas de 1920 e 1930 por alguns intelectuais indicando, assim, a retomada de certos preceitos morais e higiênicos. Os docentes envolvidos na realização do “certame” acreditavam que a renovação social do Brasil poderia ser alcançada por meio da educação. Educando as vontades, reprimindo a agressividade, direcionando a motivação, a Educação Física contribuiria para formação integral do sujeito trazendo benefícios para a sociedade.

É importante salientar que a orientação moral presente nesse contexto esteve atrelada à moral cristã católica, como anunciou o Governador Bias Fortes, em 1958, ao ressaltar a plena confiança que depositava na EEF-MG: “constitui a garantia do elevado padrão de ensino e da rígida orientação moral, dentro dos mais sadios princípios cristãos, que asseguram a plena conquista dos objetivos colimados por todos os mineiros”.<sup>184</sup> O professor Pe. Carlos José Gonçalves endossa o argumento do governador em palestra intitulada “Religião e esporte”, publicada na segunda edição do *Jornal Educação Física*:

Quando dizemos MORAL estamos querendo exatamente dizer, Moral Religiosa, moral que vem de Deus e que é encaminhamento para Deus. Moral sem religião é balela. Não tem direito de existir, porque é

---

<sup>184</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (*Jornal Educação Física*, ano II, nº II, jan. 1958).

moral mentirosa, falsa em seus princípios, perniciosa em suas consequências. Se não é por Deus, não há motivo de o pobre respeitar a propriedade do rico, do inimigo respeitar a vida do seu desafeto, de o homem vencer suas paixões.<sup>185</sup> (grifo do autor)

Na aula inaugural da III Jornada, ministrada pelo então Arcebispo Dom Serafim Fernandes de Araújo, a ligação existente entre a religião e a Educação Física foi ressaltada. Os pontos debatidos por Dom Serafim se assemelham muito aos tópicos do discurso proferido pelo Papa Pio XII, em 1945. O Arcebispo dissertou sobre a “dignidade do corpo”, expondo as diferenças entre a concepção materialista e o pensamento cristão. Assim frisou Dom Serafim: “A máxima é esta: cuidado do corpo, sim; culto do corpo, divinização do corpo, não [...] o espírito ocupa o primeiro lugar e não o corpo”. Ainda versou sobre o erro de considerar o esporte e a Educação Física um fim em si mesmo e sobre a importância dos esportistas serem compreensivos com aqueles que não tinham aptidão para os esportes. Dom Serafim também demonstrou contrariedade ao excesso de dedicação às práticas esportivas. Segundo o Arcebispo:

Uma segunda exigência, de ordem religiosa e moral, funda-se sobre a mesma escala de valores, proíbe, em caso de conflito, sacrificar a favor do corpo os interesses intangíveis da alma, verdade e probidade, amor, justiça e equidade, integridade moral e pudor natural, devido cuidado da vida e da saúde, da família e da profissão, do bom nome e da verdadeira honra, não devem ser subordinados à atividade desportiva, as suas vitórias e as suas glórias.<sup>186</sup>

É importante pontuar que essa defesa da moral religiosa, no interior da EEF-MG e em suas ações, esteve presente nos discursos de variados sujeitos, pertencentes diretamente à Igreja Católica ou não, como podemos observar nas palavras da professora Lian Bastian Meyer, de Porto Alegre, “senti desde o início que em Minas Gerais há tradição e amor pelos princípios cristãos, que fazem a felicidade da família brasileira”.<sup>187</sup>

Assim, no âmbito das Jornadas, a Educação Física foi uma disciplina comprometida com os preceitos da moral cristã e os docentes da mesma

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº III, nov. 1958).

<sup>187</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiza de Bessa. *Jornal Folha de Minas*, 25 de julho de 1959.

deviam zelar pelo “espírito” de seus alunos, pois como afirmou o professor Pe. Carlos José Gonçalves: “entre dois atletas que disputam na pista, pode ser um mais atleta. Mas não será mais *HOMEM* se não tiver sabido aliar ao contingente de músculos o vigor de alma” (grifo do autor).<sup>188</sup>



Figura 13. Reportagem sobre a IV Jornada. Jornal Diário da Tarde. 30 de julho de 1960.

Apesar da maioria dos educadores terem se apoiado nos preceitos cristãos para salientarem a importância da educação moral, encontramos nos argumentos do professor Tenente Albano Augusto Pinto Corrêa Filho outro foco, mais atrelado à civilidade. Para o Tenente Albano, os professores deveriam atentar para a educação cívica dos sujeitos, pois só assim formariam pessoas a altura de mártires, como Tiradentes, e gênios, como Santos Dumont. Ainda ressaltou que a “disciplina rigorosa” que ele exigia em suas aulas não estava relacionada à lógica “militarista”, mas sim ao desejo de que seus alunos se tornassem “bons professores, respeitados na profissão que escolheram”.<sup>189</sup>

Os docentes acreditavam em uma Educação Física que formasse mais que apenas a dimensão física do corpo, uma disciplina que abarcasse também as questões relativas à moral, ao espírito e ao intelecto. Como expôs o

<sup>188</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>189</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

professor húngaro Afonz Renez, quando defendeu que a Educação Física escolar não tinha a responsabilidade de formar atletas, mas sim “dar uma base”: o “educador tem a grande obrigação de formar o pequeno na sua totalidade [...] se não aproveitarmos essas possibilidades agora, nascerá no menor um complexo de inferioridade difícil de eliminar”.<sup>190</sup> O professor austríaco Gerhard Schimidt, também, enfatizou a importância do exercício “guiado pedagogicamente”, pois assim, o resultado seria sempre positivo e permearia “os aspectos orgânico, intelectual, moral e espiritual”.<sup>191</sup>

Ao professor de Educação Física foi designada a tarefa e a responsabilidade de formar “o todo”, educar integralmente o indivíduo.<sup>192</sup> Essa defesa foi recorrente nos discursos dos ministrantes. Enfatizava-se que, além do físico, seria preciso formar a moral, o psicológico, o espiritual, o social, o intelectual e, até mesmo, a alma. Esse discurso também esteve presente nos argumentos dos alunos desses “conclaves”, como nos mostra as palavras da Irmã Juliana Verbist: “daí a necessidade da Educação Física que não atende apenas a matéria de que somos feitos, pois forma também os hábitos morais, sociais e artísticos”.<sup>193</sup> E também o discurso do então aluno Owalder Rolim, na ocasião de sua formatura, no qual afirma que a principal preocupação do educador deve ser a “formação integral de seus educandos”.<sup>194</sup>

A ênfase estava em pensar uma Educação Física sem dicotomia corpo e mente voltada para as necessidades da criança. Para Moacyr Daiuto, assim como para Luiz Mattos, Guiomar M. Becker e Afonz Renez, o educador deveria desenvolver harmonicamente a personalidade, não somente prezar pela eficiência, mas também pela formação emocional e intelectual do indivíduo, deveria integrá-lo socialmente. Alguns docentes, ainda, afirmaram que essa

---

<sup>190</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. I Jornada de Estudos da Educação Física. Caderno de Planejamento – Educação Física para crianças – professor Afonz Renez. Agosto de 1957.

<sup>191</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>192</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. I Jornada de Estudos da Educação Física. Caderno de Planejamento – Educação Física para crianças – professor Afonz Renez. Agosto de 1957.

<sup>193</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

<sup>194</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano II, nº II, jan. 1958).

disciplina, devido a suas singularidades, era capaz de interferir no corpo físico, na mente, na moral e no espírito com mais eficiência que as demais:

Assim, tem o educador físico oportunidade de formar a criança na sua unidade física-espiritual, onde n'outro terreno não há tantas possibilidades [...] Sem dúvida, os exercícios têm maiores possibilidades educativas do que as demais disciplinas. Isto não significa que se deva colocá-los como os mais importantes, entretanto, não são de menor valor.<sup>195</sup>

Nos Anais da V Jornada os professores anunciaram certa preocupação com o “estado” da educação no Brasil, afirmando que ela era a “base de tudo e a resolução dos problemas”, mas que “não estava sendo cuidada como tal” e que por isso “precisava de uma diretriz” contrária à dicotomia corpo e mente, um direcionamento que abarcasse a “educação física, intelectual e moral”.<sup>196</sup>

Para Major Geraldo P. Souza a função do professor era bem específica: ensinar. Esse deveria transmitir os conteúdos levando em consideração a “sensibilidade dos sentidos”, era preciso “considerar que a criatura humana que irá receber seus ensinamentos, dispõe dos cinco sentidos do organismo”. Segundo ele, o meio mais comum de se transmitir os ensinamentos seria “através da palavra falada”, através da “audição”, mesmo não sendo esse o sentido mais eficiente, mais sensível. Estabelece, então, uma hierarquia entre os sentidos humanos. Sendo o da visão considerado o principal, o mais receptivo, “atulado”. Para comprovar sua tese, recorreu à empiria: “E isto é tão verdadeiro que os pesquisadores dos problemas pedagógicos concluíram que 75% das impressões que o indivíduo recebe, são por intermédio deste sentido (visão), enquanto que apenas 25% o são por intermédio dos demais”.<sup>197</sup> Ainda para o Major Souza, os outros sentidos (olfato, tato e paladar) poderiam ser usados, mesmo sendo esses mais restritos. Esse professor parece considerar os sentidos como algo restritamente

---

<sup>195</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. I Jornada de Estudos da Educação Física. Caderno de Planejamento – Educação Física para crianças – professor Afonz Renez. Agosto de 1957.

<sup>196</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Anais da V Jornada. Texto intitulado “Nossos propósitos. Como lidar com semelhante crise?” – S/A. Julho de 1962.

<sup>197</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. I Jornada de Estudos da Educação Física. Caderno de Planejamento – Metodologia do Treinamento Esportivo. – professor Major Geraldo Pinto de Souza. Agosto de 1957.

biológico, enfocando somente sua dimensão física. Assim, o treinamento esportivo teria, também, a função de tornar esses sentidos mais apurados, fazendo com que os alunos vejam melhor, ouçam melhor; etc.<sup>198</sup>

Vale comentar que, segundo Diana Vidal (1999), desde o final do século XIX se tem a proposta de substituição do ensino verbalista para o ensino pela observação, uma mudança da antiga pedagogia do ouvir, para a pedagogia do olhar. Temas que frequentaram os debates sobre o método intuitivo e seus desdobramentos no campo educacional parecem ter sido apropriados nas proposições do Major Geraldo P. Souza para um ensino da Educação Física que levasse em consideração a “sensibilidade dos sentidos”.<sup>199</sup>

Durante a aula inaugural da V Jornada, o professor José Faria Tavares, formado em sociologia econômica e secretário de educação de Minas Gerais, afirmou que o “influxo salutar da Educação Física sobre a Educação Moral e a formação da personalidade” não poderia ser negado. Ele citou alguns filósofos gregos como Platão, Aristóteles e Xenofontes e suas crenças na ginástica como forma de “criar cidadãos ativos, belos, sãos de corpo e de espírito, corajosos e fortes”. Ressaltou que foi inspirado nesse conhecimento que “os mestres do pensamento educacional” se empenharam para que, ao lado da instrução comum, se ministrassem os ensinamentos da Educação Física, que era “destinada ao aproveitamento integral das energias físicas do homem e à melhor orientação na sua formação moral”. Esse professor também citou o discurso proferido, em 1945, pelo Papa Pio XII, salientando a ligação desse componente curricular com os preceitos cristãos.<sup>200</sup>

Ainda na V Jornada, o professor Angenor Santana discorreu sobre a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no ano de 1961. Nesse texto ficou nítida a indignação por causa da redução da carga horária obrigatória destinada a disciplina, pois afirmou que havia entre os

---

<sup>198</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. I Jornada de Estudos da Educação Física. Caderno de Planejamento – Metodologia do Treinamento Esportivo. – professor Major Geraldo Pinto de Souza. Agosto de 1957.

<sup>199</sup> Veja-se a respeito estudos Kazumi Munakata. MUNAKATA, Kazumi. Que coisa é essa coisa das lições de coisas? In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcos Aurélio. *Sentidos, sensibilidades e sua educação na história* (no prelo).

<sup>200</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada. Aula Inaugural.* – professor José Faria Tavares. Julho de 1962.

professores um “sentimento de insegurança e decepção, uma vez que se sentiram compreendidos pela LDB (nos artigos 22 e 36), mas posteriormente subordinados a vontade da direção dos educandários”. Argumentou que houve interpretações errôneas sobre o que dispôs a LDB, e, devido a isso, os educandários que ministravam duas aulas semanais, passaram a ministrar somente uma, o que acarretou uma diminuição no campo de trabalho em vez da esperada expansão, que seria um produto justo do “esforço colossal” dos professores. Todavia vale ressaltar que, na análise da legislação, o referido professor se vale prioritariamente do argumento de que a Educação Física era “a prática educativa que melhor poderia desenvolver a formação moral e cívica dos jovens e crianças”.<sup>201</sup>

O assunto abordado por Angenor Santana teve lugar na V Jornada por dois motivos: tornar público o pensamento da DEMG, em relação à LDB, e suas consequências para a Educação Física, resultando em uma exposição de motivos que seria encaminhada ao Ministro da Educação e conscientizar o professorado sobre as consequências dessa lei para o exercício da docência. Aqui podemos perceber que os organizadores estavam atentos às questões político-pedagógicas que circundavam o campo e que consideravam importante discuti-las com o professorado, assim como manifestar suas opiniões aos órgãos competentes.

Nas modalidades esportivas, a questão moral perpassou todos os cursos ministrados nas cinco edições das Jornadas. Em alguns planejamentos, os docentes dos cursos expuseram vários conselhos aos professores sobre a importância da conduta pessoal do técnico na formação dos alunos e, também, sobre a formação moral do atleta. Assim temos recomendações que vão desde estarem atentos à luminosidade do local da aula e falar claramente até estabelecer um “espírito de camaradagem” entre os alunos, respeitar os juízes e não usar de meios escusos para alcançar a vitória.

Para os professores foi aconselhado: não julgar já ter alcançado o máximo; buscar sempre estar atualizado; não se desesperar com alguns insucessos; não esperar excessiva gratidão de seus atletas; não sistematizar

---

<sup>201</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada. Problemas da Educação Física em face da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* – professor Agenor Santana. Julho de 1962.

muito o padrão de jogo, pois segundo o professor Adolfo Guilherme “o brasileiro rende mais quando tem liberdade de ação”.<sup>202</sup> Prescreveram, também, que o professor deveria realizar o treinamento em ambiente alegre, festivo e atraente; possibilitar meios para que os atletas pudessem treinar, porque a habilidade individual é alcançada através da repetição; ser pontual; não responsabilizar nenhum jogador pelo insucesso da equipe; não mostrar preferência por um jogador; saber lidar com as adversidades e querelas entre os atletas de sua equipe. Ser, também, um professor que, além de “dominar” o conteúdo, soubesse expor com clareza e objetividade; que planejasse sua aula; que ensinasse todos os esportes e não procurasse a especialização; que soubesse explorar bem os atributos físicos dos sentidos humanos.

Para o professor Moacyr Daiuto, poderia “ser técnico todo aquele que se dedica intensamente ao esporte”. Esse argumento destoa de proposições anteriores do próprio Moacyr, que apontam tantas outras características que fazem parte da gama de conhecimentos necessários ao técnico, que vão muito além de somente envolver-se com um esporte:

Para ser um verdadeiro técnico, ele deve ser mais do que um professor de técnica, tem que ser um educador, um líder, um guia. [...] Persistência, naturalidade, integridade moral, capacidade técnica e elevados conhecimentos da natureza humana são fatores decisivos na carreira de um técnico. [...] Ao verdadeiro técnico, por conseguinte, constituirá motivo de maior interesse a vida de seu jogador, suas dificuldades, seus estudos, sua família, suas amizades, enfim, tudo aquilo que possa exercer influência a sua educação integral deverá ser cuidadosamente considerado pelo técnico.<sup>203</sup>

Os alunos e esportistas foram orientados a serem contrários: ao uso de bebidas alcoólicas no período de treinamentos e jogos; à alimentação inadequada ou insuficiente; à falta de repouso; à falta de preparo físico; a querer se destacar individualmente; a menosprezar ou se intimidar pelos adversários; à falta de obediência ao plano de jogo estipulado pelo técnico.

---

<sup>202</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada. Iniciação Esportiva em Voleibol – professor Adolfo Guilherme. Julho de 1962.*

<sup>203</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Cadernos de planejamentos de Basquetebol e Ginástica Feminina, I Jornada Internacional de Educação Física.*

Para o professor Moacyr Daiuto, tanto o técnico, quanto os jogadores deveriam possuir autocontrole.<sup>204</sup>

Segundo o professor Adolfo Guilherme:

Para se formar uma grande equipe, não basta reunir uma turma que saiba jogar VOLEIBOL. É necessário também ampliar zás qualidades morais do atleta e instruí-lo no sentido de conduzir durante o treinamento de modo a se adaptar mais facilmente dentro da equipe. São outras qualidades que precisam ser desenvolvidas no atleta, além da correta execução dos fundamentos: a noção de cumprimento do dever - frequência, pontualidade etc.; CAVALHERISMO; saber VENCER e saber PERDER; possuir AMOR PRÓPRIO para reagir quando estiver sendo SUPERADO; Dominar o SISTEMA NERVOSO para não perturbar a HARMONIA da equipe e não influir em seu descontrole; saber despertar no companheiro o PRAZER de jogar Voleibol ao seu lado [...] compreender que é IMPOSSÍVEL formar uma grande equipe com jogadores MEDÍOCRES (grifos do autor).<sup>205</sup>

A lista do professor Adolfo evidencia claramente o desejo de formar o atleta em sua “totalidade”. Não direcionando o treinamento somente para questões técnicas do jogo, mas considerando as relações humanas, que são inerentes a essa prática esportiva. Ele nos mostrou que considerava importante ensinar o aluno a conviver com os outros sujeitos: juízes, demais atletas, público e técnico.

O professor Pedro Rodrigues também defendeu que a Educação Física possuía os meios para formar o sujeito social, intelectual, moral e fisicamente. Levantou quatro pontos que, segundo ele, era o “bastante para atestar os grandes valores educativos do hand-ball”. São eles: interessar a várias pessoas de uma só vez, ser um exercício do ponto de vista físico completo, ser de fácil apreensão e ser suficientemente científico.

Podemos notar que os pontos levantados pelo professor Pedro Rodrigues, para solidificar sua tese de que é possível formar integralmente o sujeito por meio do handebol, se diferem dos apresentados pelo professor Adolfo Guilherme. Enquanto o primeiro parece estar mais preocupado em

---

<sup>204</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Cadernos de planejamentos de Basquetebol e Ginástica Feminina, I Jornada Internacional de Educação Física.

<sup>205</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Anais da V Jornada. Iniciação Esportiva em Voleibol – professor Adolfo Guilherme. Julho de 1962.

legitimar a prática da modalidade (hand-ball), o segundo se ateuve as relações humanas presentes no contexto esportivo do voleibol e a importância de uma boa conduta do técnico e do esportista.

Entretanto, no decorrer do seu texto, o professor Pedro Rodrigues acrescenta aspectos do jogo que possuem “características peculiares para educação social de um grupo”. Nesse ponto, afirma que o “espírito coletivo” da modalidade, acentuado pela “necessidade imperiosa de trabalho entre-ajuda”, permite a valorização social pelo atleta. Ainda ressaltou que o handebol era um esporte praticável para ambos os sexos “pois sua essência não apresenta exercícios físicos que contrariem as células básicas do corpo da mulher, mormente àqueles que marcam o sinal de seu sexo”.<sup>206</sup>

Podemos verificar que também há permanências sobre o entendimento do corpo feminino e sua inserção no esporte. Segundo Silvana V. Goellner (2005, p. 2) foi a partir do início do século XX que as mulheres conquistaram maior espaço no âmbito esportivo, “território tido como ‘essencialmente’ masculino”. Contudo, algumas modalidades não lhes eram aconselháveis e algumas até mesmo proibidas como o futebol, o polo aquático e as lutas em geral. Essa autora resalta que, nos anos de 1920, no Brasil “são recorrentes algumas representações discursivas que fazem a apologia da beleza e da feminilidade como algo a ser preservado” (Idem, p. 1). O cuidado com a manutenção das características e atributos femininos é recorrente nos discursos dos professores e professoras das Jornadas.

Silvana V. Goellner (2005) aponta uma dubiedade relativa à presença das mulheres nos esportes: ao mesmo tempo em que desafiam as mulheres a adotar as novas formas de cuidar do corpo, impõem limites e denunciam possíveis atrevimentos. As professoras que frequentavam as Jornadas deviam cuidar de seu corpo, conservando a leveza, a plasticidade, a pureza e o pudor. Muitas vezes a presença de freiras nos cursos é ressaltada para demonstrar que estavam de acordo com o que fora estabelecido moralmente para a prática de esportes pelas mulheres. O cuidado com as vestes das mulheres também teve seu lugar no “certame”.

---

<sup>206</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada. Iniciação Esportiva em Handebol – professor Pedro Rodrigues. Julho de 1962.*

Fernando Grosso defendeu a participação feminina no basquetebol, ressaltando que, baseado em pesquisas médicas, poderia afirmar que era um desporto “particularmente benéfico e muito adequado para o desenvolvimento muscular e intelectual”. E ainda acrescentou:

à parte a beleza intrínseca ao próprio jogo, serve o Basquete admiravelmente para dar às jovens as formas plásticas e harmoniosas as quais têm normalmente toda mulher. Como sabemos o desenvolvimento físico que está em razão direta do aumento da esbeltez dos movimentos agrega como consequência lógica um acréscimo de agilidade raramente superável e uma coordenação que tem uma grande influência também espiritual. Na mulher, em particular, notamos que efetivamente se desenvolvem os músculos que comumente se mantêm em repouso e que podem ocasionar relaxamentos perigosos pela sua completa inatividade. Estão, pois, plenamente justificados o grande impulso e desenvolvimento que este desporto tem adquirido em outros países, como também no nosso uma plena aceitação no campo feminino.<sup>207</sup>

Ainda em diálogo com Silvana V. Goellener (2005, p. 1), podemos apontar que, no desenvolvimento da Educação Física brasileira, houve uma “relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza” que sedimentou vários discursos direcionados à privação da prática de algumas modalidades pelas mulheres. E que, mesmo com a liberação da participação em alguns esportes, a insegurança e o medo da desmoralização feminina continuavam cercando o campo. Assim, compreendemos a preocupação do professor Fernando Grosso em expor os benefícios do basquetebol para o corpo feminino. Ainda podemos notar a ênfase dada aos atributos singulares da mulher, ele parece fazer menção aos músculos que seriam exigidos pelas mulheres durante a gestação e a hora do parto. Mais uma vez percebemos a retomada de certos argumentos do início da década de 1920, que frisavam a necessidade da prática de atividade física pela mulher para que pudessem fortalecer seus corpos e conseqüentemente gerar “frutos” fortes.

O professor Fernando Grosso defendeu, ainda, que o basquetebol era um dos “poucos desportos que podem duplamente servir para o desenvolvimento do físico, como também do espírito”. Aqui encontramos um

---

<sup>207</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada. Iniciação Esportiva em Basquetebol* – professor Fernando Grosso. Julho de 1962.

contraponto do que, até então, observávamos nos argumentos dos professores. Outros docentes afirmaram que a Educação Física e os esportes, de maneira geral, eram importantes propiciadores do aprimoramento físico, moral e espiritual. Agora, de acordo com o referido professor, o rol de esportes era bem delimitado. Entretanto, é visível certa intenção de dar ao basquetebol uma posição privilegiada em relação às demais modalidades, como observamos na continuidade de seus argumentos: “por isso o Basquetebol não pode ser considerado somente como um simples desporto ou ainda como um mero exercício ginástico. Na sua prática, todos os músculos trabalham e sua ação é harmoniosa e contínua”.<sup>208</sup>

Compreendemos que circulou nas Jornadas um conceito mais amplo sobre a Educação Física, que não se limitou apenas aos cuidados com a dimensão física do corpo. Há também uma compreensão abrangente da educação por alguns professores, que a considerou “um sistema de comunicação”, no qual cada parte (professor e aluno) aprende com a outra. Podemos notar, entretanto, que para alguns professores a educação ainda era a simples transmissão de um conteúdo, um processo unilateral, no qual temos um professor que é o detentor do saber que irá transmiti-lo aos alunos, vistos aqui de forma passiva, como meros receptores.

Ainda por mais que creditasse a Educação Física a responsabilidade de formar o sujeito “em sua totalidade”, o professor Pedro Rodrigues ressaltou que o docente dessa disciplina não poderia resolver por si o problema da educação inteiramente.<sup>209</sup> Vale lembrar, também, os argumentos do professor Alfonz Renez sobre a necessidade das disciplinas se aliarem “como engrenagens de máquinas”.<sup>210</sup>

---

<sup>208</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada. Iniciação Esportiva em Basquetebol* – professor Fernando Grosso. Julho de 1962.

<sup>209</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada. Iniciação Esportiva em Atletismo* – professor Pedro Rodrigues. Julho de 1962.

<sup>210</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *I Jornada de Estudos da Educação Física. Caderno de planejamento - “Educação Física para crianças”* – professor Alfonz Renez. Agosto de 1957.

### *O cientificismo na Educação Física*

As discussões científicas relacionadas à Educação Física começaram a surgir a partir da III Jornada. Aqui vale dialogar com os argumentos de Ana Carolina Vimieiro Gomes (2011) quando esclarece que a Educação Física foi buscar na ciência os recursos necessários à sua legitimação no campo pedagógico e científico. Tornou-se evidente, principalmente a partir do século XX, a busca pela conformação de certo “*status* de cientificidade” para esse componente curricular.

O *Jornal Diário de Minas* noticiou a realização de quatro palestras do fisiologista e professor Joaquim Lacaz de Moraes, que ocorreram na III Jornada, em quatro dias consecutivos. Lacaz versou sobre: a biotipologia e a Educação Física; a fisiologia da emoção; a fisiologia do músculo estriado e os controles nervosos do aparelho locomotor. Além da parte teórica foram programadas algumas demonstrações práticas. O *Jornal Diário de Minas* denominou de “famosa” a demonstração sobre “a ação microfônica da cóclea – experiência de BreyWeayer”.<sup>211</sup> Infelizmente o periódico não publicou detalhes sobre essa experiência.

O professor Joaquim Lacaz de Moraes, era formado em medicina, participou de diversos cursos em outros países e ministrava, no Brasil, várias conferências relacionadas aos temas: Biotipologia na Educação Infantil; Biotipologia na Educação Física e Biotipologia em Ginecologia. Em 1938 apresentou, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a tese intitulada “Estudos de antropometria constitucional”.<sup>212</sup>

O *Jornal Folha de Minas* também informou sobre o curso, denominado “Biotipologia da Educação Física”, do fisiologista e professor Joaquim Lacaz de Moraes. De acordo com esse periódico, o professor abordou: os diversos fatores que determinam as diferenças entre os indivíduos; a diferenciação existente no mesmo indivíduo em momentos distintos; a existência de quatro humores para o ser humano de acordo com Hipócrates (a linfa, o sangue, a bile e a atrabile). Apresentou, ainda, algumas denominações elaboradas por

---

<sup>211</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Diário de Minas*, 16 de julho de 1959.

<sup>212</sup> Idem.

pesquisadores para classificar os indivíduos de acordo com suas dimensões corporais, entre outros assuntos correlacionados. Enfatizou que pessoas leigas, em relação aos conhecimentos da Educação Física acreditavam que certas “deformações corpóreas aparecem pela prática esportiva especializada”, continuou ressaltando que isso era um equívoco. Para o professor “não é correr que alonga as pernas dos esportistas, porém o corredor corre porque ele é favorecido pelo cumprimento de suas pernas...”<sup>213</sup>

Segundo Vimeiro Gomes (2011), na primeira metade do século XX, dezenas de modelos de classificação foram sistematizados e colocados em circulação, principalmente nos países europeus, tendo por base às medidas morfológicas, funcionais e psicológicas. No Brasil, os modelos elaborados por pesquisadores da França, Alemanha e Itália foram os mais utilizados. Ainda, segundo a referida autora, a biotipologia não se constituiu uma disciplina em si, mas esteve atrelada a Biometria. Na EEF-MG, essa cadeira esteve presente nos cursos de Medicina Especializada em Educação Física, Técnica Desportiva, Educação Física Infantil, Superior em Educação, desde sua fundação, em 1952, até a década de 1970 (Idem).

Joaquim Lacaz, embora não tenha explicitado sua preferência pela normatização do italiano Giacinto Viola, demonstrou isso através das palavras usadas para adjetivar o estudo desse pesquisador e por ter escolhido esse critério como base para relacionar os “tipos corporais” com as habilidades esportivas. Assim definiu: os indivíduos brevilineos, como dotados de força e resistência musculares, mas que não possuíam “grande rapidez e dextreza [sic] de movimentos”; os indivíduos longilineos estênicos, como possuidores de “grande rapidez e dextreza de movimentos” com um contingente apreciável de força; os indivíduos longilineos astênicos, como dotados de rapidez e habilidades, entretanto sem grande força e resistência muscular; os indivíduos branquitipos astênicos como precisos, pacientes, diligentes, porém sem grande força muscular e rapidez nos movimentos. Segundo Lacaz, havia correlação entre a morfologia e a fisiologia e, entre o físico e o psíquico. Assim, a morfologia e o psiquismo da individualidade eram um “índice da disposição

---

<sup>213</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Folha de Minas*, 1º de agosto de 1959.

individual para um gênero de esporte determinado”.<sup>214</sup> Acreditamos que o interesse dos organizadores com a participação de Joaquim Lacaz, na terceira Jornada, deu-se pelo interesse em compreender melhor à relação entre biotipologia e predisposição do sujeito a determinado esporte.

No início da década de 1920, no Brasil, a ideia de quantificação dos sujeitos foi defendida por diversos médicos e educadores como forma de agrupar os alunos em grupos homogêneos, credenciando, aos mesmos, as categorias de “normais” e “anormais”. Houve, portanto, a proliferação de diversos métodos de mensuração das capacidades cognitivas e físicas, a fim de classificar os alunos. Segundo Carlo Monarcha (2009), o indivíduo era compreendido como um “documento pedotécnico”. A educação, que ensejava ser encarada como nova, na ânsia de acabar com a heterogeneidade do humano, utilizou de métodos, até mesmos cruéis, de distinção e, conseqüente segregação. Ana Carolina Vimieiro Gomes (2011b, p.4) afirma que, principalmente no período do Estado Novo, existiu no Brasil “um debate sobre a busca de uma ‘identidade nacional’, que era principalmente fundamentada naquelas características étnicas, sociais e culturais que lhe eram próprias, nativas”. Para tanto, a biotipologia foi um “campo de conhecimento” muito praticado por médicos do país, a fim de caracterizar o tipo “normal” de brasileiro.

A biotipologia, que esteve associada à biometria, foi um dos métodos utilizados para conferir ao indivíduo um “rótulo”, sendo que a Educação Física foi uma importante porta de entrada para essa prática. Por meio dos procedimentos de mensuração do peso, da altura, da envergadura, das circunferências de diversas partes do corpo, era possível delimitar o tipo do indivíduo, assim como foram balizadas as possibilidades de intervenção nesses corpos a fim de aproximá-los, o máximo possível, do modelo considerado “normal”, “ideal”. A presença desse conteúdo nas Jornadas indicia a tentativa de cientifização da Educação Física, pela eleição de categorias classificatórias dos indivíduos. Construindo, assim, “uma representação, a partir dos discursos da ciência, sobre os benefícios físicos e morais das práticas esportivas e de

---

<sup>214</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Folha de Minas*, 1º de agosto de 1959.

atividades físicas”, essas representações parecem ter sido consideradas “mais científicas” (VIMIEIRO GOMES, 2011, p. 3).

Já na quarta Jornada, o professor Helcio Buck ministrou um curso sobre o *circuit training*. Definiu esse treinamento como “um sistema novo de preparação muscular de atletas, com fundamento nas reações fisiológicas e na frequência cardíaca”. Estabeleceu, ainda, exercícios adequados para cada indivíduo, cuja carga sucessiva variava de intensidade, segundo as possibilidades individuais e o tempo de recuperação, tendo como base a razão direta do consumo de oxigênio. Esse sistema de treinamento definiu o trinômio médico-treinador-laboratório como seu ponto de referência. Ainda delimitou os exames clínicos e laboratoriais como indispensáveis para o início da prática de atividades físicas. Segundo Hécio Buck “o estudo da fisiologia do exercício obriga-nos a considerar o organismo como um todo, composto por parte inter-relacionadas e cujas ações se coordenam entre si de um modo admirável”.<sup>215</sup>

Outros cursos de caráter mais científicos também foram ministrados nas Jornadas. Na terceira edição da Jornada, a professora Yesis Ilda y Amoedo Passarinho versou sobre a “sociometria”. Não encontramos fontes que expusessem os argumentos desta professora, contudo, trata-se de um conteúdo presente no processo de consolidação dos campos da sociologia e da antropologia educacional brasileira.<sup>216</sup> Em perspectiva similar, a Psicologia Aplicada foi outro conteúdo abordado na II e III Jornadas, sendo que, nessa última, quatro professores distintos versaram sobre o tema: Pierre Weil, Pedro [sobrenome ilegível], Dr. Tavares e Augusto Fiuza. O Jornal Folha de Minas noticiou o curso de Pierre Weil, destacando que esse professor

discorreu amplamente sobre as atitudes do professor perante seus alunos e os recursos que devem fazer parte de uma aprendizagem orientada. Realçou ainda detalhes de motivação, criação de pontos de interesse que despertem a criança para o gosto pela atividade

---

<sup>215</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. IV Jornada Internacional de Educação Física. Planejamento do curso *circuit training* – professor Hécio Buck. Julho de 1960.

<sup>216</sup> Veja-se a respeito o estudo de Maria do Carmo Xavier (2007) sobre o Centro Regional de Pesquisas da Educação (CRPE) e o livro organizado por Menga Ludke sobre a obra e a pesquisa da socióloga Aparecida Joly Gouveia. LUDKE, Menga. Aparecida Joly Gouveia / Menga Lüdke – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 158 p.

física. Teve ainda referências seguidas para o tratamento cuidadoso dos extremos – o mais e o menos talentoso.<sup>217</sup>

Foi ainda frisado que nos próximos números do caderno Desporto de Minas seria publicada ampla cobertura das aulas do professor Pierre Weil. Entretanto, tais publicações não foram encontradas, nem mesmo outras edições do caderno especial da DEMG. Não identificamos fontes que pormenorizassem o conteúdo dos outros cursos sobre Psicologia Aplicada.

Podemos observar que os conhecimentos científicos relacionados à Educação Física também foram considerados importantes para a formação e aprimoramento dos alunos participantes desses encontros. Diferentes campos foram trazidos para o diálogo, para a legitimação e o aprimoramento da prática pedagógica dessa disciplina.

#### *Técnicas e métodos de ensino*

Existem similaridades e particularidades nas prescrições de métodos e técnicas realizados pelos professores ministrantes. Notamos que a eficiência, a progressão e a alegria foram eleitas componentes básicos de uma aula. E que a presença de preceitos pedagógicos esteve mais acentuada nesses cursos, tomando, assim, a maior parte dos cadernos de planejamento dos cursos e aulas, e obtiveram mais visibilidade nos jornais pesquisados.

Como já ressaltamos, os conteúdos que circularam nas Jornadas tinham como suporte fundamental as questões pedagógicas dessa prática docente. Encontramos convergências e divergências no que fora considerado fundamental à aula, ao professor e ao aluno dessa disciplina. Sendo que, a principal diferença esteve ligada a forma escolhida para sistematizar uma aula e/ou sessão de treinamento.

Moacyr Daiuto, que abordou o Basquetebol na I Jornada, construiu um plano geral de treinamento que deveria ser realizado em três fases: a 1ª obtenção das condições – colocar a equipe em condições de iniciar um

---

<sup>217</sup> Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa. *Jornal Folha de Minas*, 1º de agosto de 1959. Caderno Desportos de Minas.

treinamento; a 2ª obtenção da forma – é o rendimento máximo e a 3ª preparo tático – “é a ocasião em que o indivíduo realiza o trabalho muscular máximo, com o mínimo de fadiga e de dispêndio energético”. Definiu, assim, quatro pilares para os treinamentos: preparação física, técnica, tática e moral.<sup>218</sup>

O professor Adolfo Guilherme, responsável pelo curso de “Iniciação esportiva em voleibol” na V Jornada, afirmou que esse esporte era “um dos esportes mais difíceis para se torná-lo [sic] atraente, na fase de iniciação”. E, que por isso, exigia do professor habilidade em “se desdobrar durante o período de treinamento para que os praticantes adquiram, no menor espaço de tempo possível, a habilidade suficiente na execução” dos gestos básicos da modalidade, a fim de torná-los aptos para a “prática coletiva”. No decorrer de seu texto Adolfo Guilherme enumera dez “recursos” que os professores ou treinadores deveriam empregar para obter sucesso no treinamento. Nesse ponto, encontramos vários conselhos sobre a facilitação dos elementos básicos (como o saque) para o iniciante; sobre o número de jogadores em quadra; sobre o rigor com a habilidade, que na fase inicial não deve ser prioritário; entre outros.<sup>219</sup>

Vale ainda ressaltar os argumentos do professor Pedro Rodrigues, na V Jornada, em defesa do ensino do handebol de salão em detrimento do handebol de campo. Segundo ele, o primeiro seria o alvo de seus ensinamentos “por encontrar em seu conteúdo valores educativos que mais estão de acordo com o interesse da índole de nossa gente.” Contudo, é preciso lembrar que cada modalidade esportiva delimita uma estrutura física e material para a sua prática, e que é nessa exigência que encontramos diferenças significativas entre o handebol de campo e o de salão e não nas características morais dos mesmos. Assim, supomos que os argumentos de Pedro Rodrigues

---

<sup>218</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. I Jornada de Estudos da Educação Física. Caderno de Planejamento – Basquetebol e Ginástica Feminina. – professores Moacyr Daiuto e Guiomar Meirelles Becker. Agosto de 1957.

<sup>219</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso de Iniciação esportiva em voleibol – professor Adolfo Guilherme. Julho de 1962.

tentam negar a falta de espaço físico para o ensino e a prática do handebol de campo.<sup>220</sup>

Ainda segundo esse professor, dessa vez em relação ao atletismo, cada professor deveria se dedicar na construção de um empreendimento “exclusivamente seu”, ou seja, deveria criar sua forma de conduzir suas aulas e treinamentos. Para ele o ensino deveria ser progressivo e constituído de três partes fundamentais: explanação, demonstração e prática orientada. Já as correções poderiam ser realizadas de três maneiras: pela instrução verbal, pela instrução manual ou pela demonstração.<sup>221</sup>

Sobre a organização e a dinâmica da sessão de treinamento, o Major Geraldo P. Souza afirmou que existia três resultados possíveis: “bom (positivo), ruim (negativo), regular (mais ou menos)”. As causas de um determinado resultado e não outro seriam diversas, “a ausência ou abundância de material, a carência ou riqueza de tempo disponível, etc.” Mas eram as causas pessoais que exerciam maior influência e, segundo ele, “para tal julgamento é preciso de análise preliminar”. Segundo o Major, a aprendizagem, considerada econômica, era positiva para o treinamento; quando não fosse econômica seria negativa ao mesmo. Apresentou, também, os princípios pedagógicos da aprendizagem econômica: a atitude mental; a atenção ativa e espontânea; o interesse; o método. Ainda acrescentou certas diretrizes “imutáveis” que deveriam ser obedecidas: a preparação; a apresentação; a aplicação; a verificação; a síntese, discussão e crítica.<sup>222</sup> O termo “aprendizagem econômica” também foi utilizado por outros professores e todos no sentido de realizar o maior número de exercícios, com a melhor técnica e com menor gasto energético.

Auguste Listello, que versou sobre as “Atividades Físicas Generalizadas” na I Jornada, fez a divisão de uma sessão de treinamento em

---

<sup>220</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso de Iniciação esportiva em Handebol – professor Pedro Rodrigues. Julho de 1962.

<sup>221</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso de Iniciação esportiva em Atletismo – professor Pedro Rodrigues. Julho de 1962.

<sup>222</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Caderno de planejamento da I Jornada. Curso denominado “Metodologia do Treinamento Esportivo” – professor Luiz Mattos. Agosto de 1957.

quatro partes: 1ª) aquecimento e preparação psíquica; 2ª) exercícios de flexibilidade e desenvolvimento muscular; 3ª) exercício de agilidade e do “CRAN” (termo francês: Coragem, Resistência, Agilidade e Destreza). Segundo esse professor, por meio desses exercícios, ocorria o prolongamento dos efeitos morfológicos e da ação sobre as vontades; e na última parte (4ª) descreveu as opções de formas de trabalho, que podem variar em individual, em pequenos grupos, no coletivo e na forma de jogo. Enfatizou a importância da satisfação: “a sensação de ter alcançado algo de psíquico pelo somático”. Listello também discorreu sobre a progressão da aprendizagem ligada a confiança estabelecida entre indivíduo e educador. E apresentou as características de uma “lição”, que são: ensinar a todos, em todos os lugares, com ou sem aparelhos, suprimindo todas as necessidades dos alunos.<sup>223</sup>

Gerhard Schimidt foi responsável pelo curso sobre o Método Natural Austríaco de Educação Física, apontado pelo *Jornal Educação Física* como “as novidades mais palpitantes trazidas aos especializados mineiros”. Esse professor resumiu em três tópicos os “pontos de vistas modernos de orientação pedagógica da Educação Física”: condenação à extrema especialização; trabalhar naturalmente, usando as formas básicas humanas (movimentos totais) e trabalhar alegremente.<sup>224</sup>

Vale comentar que após a Segunda Guerra Mundial o Método de Educação Física Desportiva Generalizada, sistematizado e disseminado por Auguste Listello e o Método Natural Austríaco, desenvolvido por Karl Gaulhofer e Margarete Streich e difundido por Gerhard Schimidt no Brasil, começam a ser adotados em algumas escolas do país (SOARES, 1997). Nas Jornadas, esses novos métodos tiveram muita repercussão, sendo bastante citados nos jornais consultados e constantemente referenciados por nossos entrevistados.

O professor Fernando C. Furtado ministrou o curso “Ginástica Secundária Masculina” na V Jornada e dividiu a sessão de treinamento em três partes: a parte inicial, composta pelo aquecimento, momento importante para

---

<sup>223</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. I Jornada de Estudos da Educação Física. Caderno de Planejamento – Atividades Físicas Generalizadas – professor Auguste Listello. Agosto de 1957.

<sup>224</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

“expansão das energias”, para “preparação fisiológica e espiritual”; parte esportiva, na qual teríamos a corrida e os saltos, aqui ressaltou tratar-se de um momento de “emulação coletiva, satisfação pessoal e de produção de efeitos psíquicos sociais, morais sobre o caráter”; e a parte final ou encerramento, tempo propício para os jogos calmantes e o relaxamento muscular, e para as observações oportunas. Demonstra, nesse texto, certa preocupação com os aspectos do “desenvolvimento” da moral dos alunos.<sup>225</sup>

Essas foram algumas das várias proposições sobre técnicas e métodos de treinamento que circularam nas Jornadas. Os esportes foram os conteúdos nos quais essa sistematização teve mais relevo, embora nos conteúdos de ginásticas, danças e Educação Física infantil, outras orientações metodológicas também foram apresentadas.

A idade ideal para a iniciação esportiva foi bastante discutida também. Os professores Gerhard Schimidt, Moacyr Daiuto e Afonz Renez mostraram-se contrários à especialização e defensores de uma base para aprofundamentos futuros. Assim, afirmaram que o professor de Educação Física deveria ensinar diferentes esportes. Auguste Listello defendeu uma especialização orientada, para ele, a partir dos dez anos de idade a criança deveria ser iniciada ao esporte. Já Afonz Renez afirmou que, para os menores, a recreação seria a prioridade. Herbert de Almeida Dutra, por sua vez, defendeu que em certos esportes, como a natação, a idade ideal para iniciar a prática seria dos quatro aos seis anos. Afirmou, ainda, que se baseou no que “os educadores modernos” estavam propondo para os esportes.<sup>226</sup>

#### *A sistematização do ensino: a didática da Educação Física*

Os professores ministrantes demonstraram muita preocupação com o ensino do planejamento das aulas e/ou sessões de treinamento. Essa preocupação perpassava tanto os aspectos da infraestrutura física e da

---

<sup>225</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso de Ginástica Secundária Masculina – professor Fernando Campos Furtado. Julho de 1962.

<sup>226</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso de Iniciação esportiva em Natação. – professor Herbert de Almeida Dutra. Julho de 1962.

disponibilidade de materiais, quanto os planos de cada curso e/ou aula. Esses últimos deveriam ser obrigatoriamente elaborados pelos professores. Além de pontuarem que os professores de Educação Física deveriam prezar por aulas planejadas, com sequência lógica e sistematizada, legitimavam essa disciplina como um componente curricular organizado.

Para ser um bom professor era preciso planejar e estar ciente do que ensinar, para quem ensinar, onde e como iria fazer. Deveria, também, ser um exímio detentor do conhecimento das regras e dos conteúdos. Segundo o argumento de Luiz Afonso de Mattos: “toda ação inteligente e construtiva obedece a planos cuidadosamente elaborados” e “somente um professor extravagante ou desconhecedor de suas responsabilidades educativas se aventura a ensinar sem um plano definido”.<sup>227</sup> Esse professor defendeu, assim, o planejamento como crucial a uma aula. Definiu-o como: “a previsão racional e bem calculada de todas as etapas do trabalho escolar e a progressão de todas as atividades de modo a tornar o ensino seguro, econômico e eficiente”.

Luiz Afonso de Mattos expôs, ainda, algumas características que constituíam um bom planejamento: objetivos delimitados, resultados esperados, previsão de tempo, local e data, sucessão de etapas, método a ser aplicado. O planejamento, bem elaborado, deveria, segundo ele, conter: unidade fundamental; continuidade; flexibilidade; objetividade e realismo; precisão e clareza. Discorreu também sobre os tipos de plano de ensino, que se diferenciam pelo detalhamento e período planejado, apresentando três desses: o plano anual ou de curso – que é sintético e contém todo o trabalho “a ser realizado durante um ano escolar”; o plano de unidade didática – mais específico, “restringindo-se a cada unidade didática”; o plano de aula – mais restrito e particularizado, “prevendo o desenvolvimento do conteúdo [...] dentro do âmbito de cada aula”.<sup>228</sup>

Os professores incentivaram os alunos das Jornadas a fugir da rotina monótona, da improvisação e da falta de sequência, demonstrando que a

---

<sup>227</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Caderno de planejamento da I Jornada. Curso denominado “O planejamento da aprendizagem e do ensino” – professor Luiz Mattos. Agosto de 1957.

<sup>228</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Caderno de planejamento da I Jornada. Curso denominado “O planejamento da aprendizagem e do ensino” – professor Luiz Mattos. Agosto de 1957.

disciplina Educação Física deveria ser bem organizada e planejada como as demais, não sendo, portanto, salutar que as aulas e treinamentos não possuíssem uma sequência e fossem sempre improvisados.

Preocupavam-se, também, com os preceitos higiênicos, com a saúde e com o conforto do aluno, como notamos nas recomendações do Major Geraldo Pinto de Souza: “ter cuidado com o reflexo de luz sobre o quadro negro”; “organização das fileiras”; “não permitir que os esportistas sejam expostos à luz intensa”; “ter cuidado com a visibilidade e com a escuta e arrumação dos locais”.<sup>229</sup>

O Major Geraldo P. de Souza definiu os “elementos constitutivos da aprendizagem” como “o engenho e a arte” de aprender. Segundo o Major, seria, de acordo com “moderna concepção de aprender”, “adquirir nova forma de conduta ou modificar a forma de conduta anterior”. Para que isso acontecesse, era necessário ter estímulo, sendo que o professor poderia usufruir de uma “variada gama de processos”. Ainda segundo o Major Geraldo, o treinamento poderia ser orientado pelo ensino do todo e, nesse ponto, há a “importância de uma boa demonstração feita pelo técnico ou pelo capitão da equipe”; ou pelo ensino das partes, que vem “depois da demonstração do todo”. Ressaltava a importância da escolha de meios auxiliares para despertar a atenção e facilitar a compreensão. Classificou esses meios em dois grupos: meios reais e meios preparados.

O professor Lincoln Raso, ao abordar a temática “Iniciação científica em Voleibol”, na V Jornada, afirmou que o grande desafio do aluno era o aprendizado e quando o professor proporcionava ensino a todos e conseguia ajudar seus alunos a superar os fracassos e dificuldades, estabelecia sua autoridade sem artifícios e a “camaradagem constante, firme e bondosa” prosperava. Ainda enumerou alguns “períodos” por meio dos quais as habilidades desportivas poderiam desenvolver-se nas aulas, assim temos: a compreensão do jogo; a aprendizagem dos elementos básicos (fundamentos); os jogos de iniciação; a compreensão das regras do jogo; a apreensão da técnica individual e de conjunto; a prática do jogo propriamente dita; as

---

<sup>229</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Caderno de planejamento da I Jornada. Curso denominado “Metodologia do Treinamento Esportivo” – professor Major Geraldo Pinto de Souza. Agosto de 1957.

experiências de competição. De acordo com a ordem exposta, é possível avaliar o treinamento pelo método “todo-parte-todo”.<sup>230</sup>

Os professores que circularam nas Jornadas argumentavam que o processo ensino-aprendizagem estava condicionado à existência de algumas características que vão desde possuir maturidade suficiente, que englobava idade, aptidão física, psíquica e espiritual, até estar motivado, tendo a intenção e o desejo de aprender. Para que isso ocorresse, era necessário que o ato de aprender conferisse uma experiência para o aluno e que o objeto de ensino tivesse relação com os objetivos do aprendiz.

O professor Lincoln Raso expôs, em seu texto, alguns pontos que considerou fundamental para a elaboração e aplicação, “real e exequível”, de um plano de ensino dos esportes, focalizando as condições mínimas necessárias para se alcançar o objetivo proposto. Dentre elas temos: o planejamento, que daria uma previsão do que seria e como seria treinado, tornando “o ensino seguro, eficiente e econômico”; o cuidado com a segurança do aluno; a determinação de objetivos, porque “aprendemos melhor e mais depressa quando sabemos o fim em vista”; a racionalização do ensino, a consciência do que e quando ensinar a determinado aluno; a prática do que se aprendeu; o estímulo aos alunos em assumir a atitude de “resolvendo um problema”; a atenção às diferenças individuais e o respeito às mesmas. Segundo Lincoln Raso “o orientador deve conhecer as reações dos diversos indivíduos em treinamento, conhecendo a forma que deverá tratar cada um”. Com o intuito de solidificar seu argumento, citou a observação de um técnico alemão que havia visitado a EEF-MG em outra ocasião: “a competição é o termômetro do técnico [...] ele não deve temê-la, pois só ela lhe dirá se está certo na condução de seus programas e métodos de ensino ou se deve modificá-los”.<sup>231</sup>

Para o professor Herbert de Almeida Dutra, o nosso sistema educativo deveria prover: um período de iniciação, de conhecimento de si mesmo e das formas diversas das atividades esportivas; um período de orientação esportiva, de direcionamento para uma “categoria de exercícios ou de desportos convindo

---

<sup>230</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso de Iniciação esportiva em Voleibol. – professor Lincoln Raso. Julho de 1962.

<sup>231</sup> Idem.

a uma disposição particular do corpo e do espírito”; um período de especialização, momento no qual ele se dedicará à modalidade que tivesse sido “particularmente dotado pela natureza”.<sup>232</sup>

Nos anais da V Jornada há um texto, sem autoria e sem tema definido, que abordou a questão da dificuldade de materiais específicos para as aulas de Educação Física nos grupos escolares. Percebemos que os organizadores estavam conscientes da realidade das escolas mineiras e acharam conveniente preparar o professorado para atuar, ainda que sem os materiais necessários, com qualidade nesses educandários. Assim, discorreu o autor: “a necessidade é a mãe das invenções e o impossível pode ser dividido numa série de pequenos possíveis”.<sup>233</sup>

Variados modos de organização do ensino foram propostos visando à legitimação pedagógica da Educação Física. Podemos afirmar que as Jornadas Internacionais de Educação Física foram tempos/espacos de formação nos quais a capacidade de sistematização da ação docente foi enfatizada como uma competência necessária aos professores.

### *Jogos, recreação e infância*

A infância, os jogos e o caráter recreativo das aulas foram assuntos recorrentes nos discursos dos professores. A compreensão de infância desses educadores se balizou em vertentes aparentemente distintas. Por vezes compreendiam a criança como uma personalidade ainda não desenvolvida e em outros momentos ressaltavam que não era um adulto em miniatura. Como observamos nos argumentos de Afonz Renez “a criança não é ainda uma personalidade desenvolvida, mas espera-nos que seja” e de Herbert de A. Dutra “seu cérebro não sendo ainda acessível às teorias e às sutilezas técnicas, não é preciso embaraçar a aprendizagem com explicações

---

<sup>232</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso de Iniciação esportiva em Natação. – professor Herbert de Almeida Dutra. Julho de 1962.

<sup>233</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso sem tema definido – sem autoria. Julho de 1962.

supérfluas”.<sup>234</sup> Em outra perspectiva, o professor Fernando Grosso afirmou que uma criança não era “um homem em pequenas dimensões”.<sup>235</sup>

O professor da Hungria, Afonz Renez, que ministrou o curso “Educação Física para crianças” na I Jornada, foi dentre todos os professores, inclusive de outras edições, quem mais versou sobre assuntos relacionados à prática de esportes e atividades físicas na infância. Esse professor parece às vezes delegar à Educação Física somente a função de colocar o indivíduo em movimento. Como notamos nessa afirmativa: “se as nossas crianças pudessem brincar, saltar, trepar [...] ao ar livre num gramado da natureza, talvez nem necessitaríamos da Educação Física”. Contudo, observamos que o professor húngaro atribuiu ao movimento uma importante função formativa, que só poderia ser alcançada pela Educação Física e considerava que a escola apresentava “sem dúvidas as maiores possibilidades” para essa disciplina.<sup>236</sup>

Esse professor também defendia a máxima “prevenir é melhor que remediar”. Afirmava que o treinamento deveria prezar pela prevenção e não pela correção e que, para esse objetivo ser alcançado, tínhamos “muitas formas no tesouro dos movimentos físicos”. Renez ressaltou o valor educativo do esporte e a necessidade de movimento frente a uma organização escolar muito estática. Esse professor, ainda, expõe sua rejeição pela calistenia, que considerava um método no qual a “criança pratica sem vontade e assim o trabalho não dá frutos” e é considerada igual a um adulto: “seria a coisa mais errada aplicar com os pequenos as mesmas formas que para o adulto tem valor”.

Afonz Renez, ainda, faz correlações entre os elementos da natureza e os aparelhos da ginástica ou a piscina: assemelhando as barras aos galhos de árvores; o cavalo ao tronco caído; os colchões ao gramado; a corda ou pau vertical a uma árvore para escalar; a piscina ao rio. Renez atribuiu aos jogos

---

<sup>234</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso de Iniciação esportiva em Natação. – professor Herbert de Almeida Dutra. Julho de 1962.

<sup>235</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso de Iniciação esportiva em Basquetebol – professor Fernando Grosso. Julho de 1962.

<sup>236</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *I Jornada de Estudos da Educação Física*. Caderno de Planejamento – Educação Física para crianças – professor Afonz Renez. Agosto de 1957.

uma importante função social, uma vez que auxiliariam no desenvolvimento da independência construtiva, fortaleceriam a amizade e a cooperação mútua, fariam a vontade individual ser subordinada à vontade do grupo. Através das regras “dos grandes jogos desportivos” seria possível aprender “as regras da sociedade” e “educar melhor o sentido de aceitabilidade”.<sup>237</sup> Para o professor húngaro, a criança não entendia o que estava acontecendo, apenas jogava. Para ele, a criança era diferente do adulto: “a criança não é ainda uma personalidade desenvolvida”, “é na infância que se coloca o alicerce”.<sup>238</sup>

Para o Major Geraldo P. de Souza, Moacyr Daiuto e Afonz Renez as crianças também detinham uma função específica: a de aprender. As crianças, segundo Renez, aprendem naturalmente e os professores podem aprender com elas. Aos professores foi designada a tarefa de motivá-las, pois tudo que “causa falta de interesse na criança é negativo”, “a alegria é o pulso da aula”. Moacyr Daiuto ainda enfatizou que a “melhora está atrelada ao interesse e a concentração e depende mais da vontade do que da quantidade de tentativas” e que a “aprendizagem é obra do aluno e não do professor”.<sup>239</sup> Para o professor Moacyr Daiuto, nesse processo de aprendizagem, a criança deveria aprender o valor nocivo das “táticas ilegais” e afirmou que “quem pratica atividades ilícitas nunca será um verdadeiro esportista”.<sup>240</sup>

Esperava-se do aluno: motivação, interesse e boa conduta. Alguns professores propuseram uma via dupla no aprendizado, na qual havia a possibilidade do professor aprender com a criança. Como já descrevemos acima, era de responsabilidade do professor inculcar essas características no aluno.

O professor Odilon Barbosa ministrou curso sobre Recreação na V Jornada. Nos *Anais* dessa edição, Barbosinha disponibilizou muitas letras de músicas; ensinou variadas danças folclóricas e jogos da Áustria. E, ainda,

---

<sup>237</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Caderno de planejamento da I Jornada. Curso denominado “Educação Física para crianças” – professor Afonz Renez. Agosto de 1957.

<sup>238</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. I Jornada de Estudos da Educação Física. Caderno de Planejamento – Educação Física para crianças – professor Afonz Renez. Agosto de 1957.

<sup>239</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. Caderno de planejamento da I Jornada. Curso denominado “Basquetebol e Ginástica Feminina Moderna” – professores Moacyr Daiuto e Guiomar M. Becker. Agosto de 1957.

<sup>240</sup> Idem.

expôs alguns de seus “pensamentos”, que sempre ressaltavam o caráter salutar da recreação e da Educação Física na formação das crianças. Podemos perceber que ele, de certa forma, também creditava a infância a característica de uma fase intermediária, um vir a ser, como notamos neste “pensamento”: “a recreação é para a criança a preparação inconsciente e indireta para sua vida de homem e para o adulto o estímulo para realizar-se plenamente”. Para o professor Barbosinha, a criança aprenderia mais rápido e com menos desgastes os valores “da honestidade” por meio dos jogos.

Em outro texto dos *Anais* da V Jornada, sem autoria e sem tema definido, encontramos a defesa do jogo como prática educativa, foi, ainda, ressaltada certa vantagem desse sobre outras atividades físicas por “ser sempre acompanhado de prazer, e o prazer é um tônico poderoso”.

Percebemos que Herbert de A. Dutra delegou à prática esportiva um numeroso rol de benefícios para o corpo e a vida social da criança. Para o professor

a criança, o iniciante a que se terá feito descobrir o esporte – que lhe convém – terá a possibilidade de triunfar de sua moleza, de seu aborrecimento, de seu desgosto pelo exercício. Tomando interesse e alegria a se livrar de uma atividade física que lhe agrada, ele poderá consagrar sua força moral para sua melhoria. Ele se submeterá a compreender que por elas atenderá uma valorização de sua pessoa ou de seu grupo, no caso desejável onde ele será integrado a uma coletividade, isto é, a um clube. A iniciação esportiva se propõe a rodizar [sic] simultaneamente ou sucessivamente.<sup>241</sup>

Reforçaram os argumentos do professor Herbert as considerações do professor Pedro Rodrigues sobre o handebol. Segundo ele, ao passar do ensino doméstico para o escolar as crianças eram submetidas a várias situações estressantes do ponto de vista físico e emocional, sendo que o handebol permitiria “um desabafo e um extravasamento através do jogo”.<sup>242</sup>

Ainda sobre a criança, o professor Fernando Grosso argumentou que era necessário ter cuidado “de não deixar que a mesma ultrapasse os limites

<sup>241</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais* da V Jornada. Curso de Iniciação esportiva em Natação. – professor Herbert de Almeida Dutra. Julho de 1962.

<sup>242</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais* da V Jornada. Curso de Iniciação esportiva em Handebol. – professor Pedro Rodrigues. Julho de 1962.

de sua pequena e reduzida capacidade vital e mental”. Seria oportuno, nessa fase, aproveitar a curiosidade natural das crianças e deixá-las aprender por si mesmas, tornando-as ativas no seu processo formador. Segundo esse professor “só vivendo ativamente a sua própria educação é que a criança consegue realizar-se plenamente e tomar verdadeiramente consciência de sua própria capacidade”.<sup>243</sup>

### *Os espaços, os tempos e a “cultura material”*

A seleção dos espaços físicos utilizados para a realização dos encontros seguiu, de certa forma, os espaços que a EEF-MG ocupava em cada ano, em cada edição. Assim, as três primeiras edições do encontro utilizaram primordialmente as dependências do Departamento de Instrução da Polícia Militar de Minas Gerais (DI), que nos anos de 1957, 1958 e 1959 foi onde a EEF-MG realizou algumas de suas aulas.

Na I Jornada também foram utilizadas as dependências da Federação das Indústrias de Minas Gerais, do Brasil Palace Hotel, do Edifício Clemente de Faria e do Minas Tênis Clube, alguns desses espaços, exclusivamente para as conferência e para os bailes de confraternização. Já a IV e a V Jornadas ocorreram na recém-inaugurada sede da EEF-MG, situada na região da Gameleira, em Belo Horizonte, sendo que a IV Jornada também usufruiu dos espaços disponibilizados pela Escola Técnica (CEFET) de Belo Horizonte e pelo Colégio Santo Agostinho.

A carga horária do curso parece ter sido variada a cada edição. Para a III Jornada foram estabelecidos os seguintes horários:

- Manhã – das 8:00 às 11:30 horas, diariamente;
- Tarde – das 15:00 às 17:15 horas, diariamente;
- Noite – das 20:00 às 21:30 horas, diariamente<sup>244</sup>.

---

<sup>243</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. *Anais da V Jornada*. Curso de Iniciação esportiva em Basquetebol. – professor Fernando Grosso. Julho de 1962.

<sup>244</sup> *Jornal Folha de Minas*, 17 de julho de 1959. Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

Já na IV Jornada as aulas e cursos ocorreram nos seguintes períodos:

- Manhã – das 08:00 às 11:50 horas, diariamente;
- Tarde – das 14:30 às 17:20 horas, diariamente;
- Noite – variável e eventualmente<sup>245</sup>.

Sobre as outras edições, apesar de não termos encontrado documentos que nos revele os horários de forma tão específica, podemos afirmar que as aulas ocorreram nos períodos da manhã e da tarde, havendo ainda atividades realizadas à noite, algumas delas de interação social e recreação, essas atividades tiveram destaque nos “certames”.

Na I Jornada, os alunos reuniram-se para homenagear o governador Bias Fortes e o Arcebispo Dom Antônio Cabral, durante a realização do curso. A primeira homenagem ocorreu nos jardins do Palácio da Liberdade, incluindo “variado programa de demonstrações a cargo dos professores e alunos que participavam da Jornada”.<sup>246</sup> Esse “programa” foi iniciado por uma exibição de Ginástica Moderna comandada pela professora Guiomar M. Becker. Posteriormente, os professores convidados Gerhard Schimidt e Hanns Prochowinck “executaram saltos acrobáticos de solo, no plinto e nas paralelas”. A homenagem foi finalizada com apresentação de danças folclóricas brasileiras, sob a orientação da professora Zaide Maciel de Castro. Nos intervalos, o professor Gerhard Schimidt “apresentou algumas danças características de seu país, Áustria”.

O senhor Bias Fortes disse ao *Jornal Educação Física* que “a festa” havia sido “um alento necessário ao descanso de espírito para um homem, assoberbado pelos problemas de ordem administrativa e por tantos outros que afligem nossa gente”. Fez-se notória também a participação do professor Barbosinha, que proporcionou aos presentes “alguns momentos de sadio humorismo”.<sup>247</sup>

Já a homenagem ao Arcebispo Dom Cabral, foi realizada em um sítio,

---

<sup>245</sup> Regulamento da IV Jornada Internacional de Educação Física. Fundo Professor Fernando Campos Furtado – Acervos Pessoais/Coleção Professor Fernando Campos Furtado/Acervo do CEMEF.

<sup>246</sup> *Jornal Educação Física*, ano I, nº I, out. 1957. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Acervo do CEMEF.

<sup>247</sup> Idem.

onde o fundador da Universidade Católica encontrava-se convalescente, o *Jornal* justificou a iniciativa pelo apoio sempre prestado “a causa da Educação Física”. Foram realizadas apresentações de ginástica, danças folclóricas e “dos diversos exercícios que estavam sendo postos em prática durante a Jornada”.<sup>248</sup>

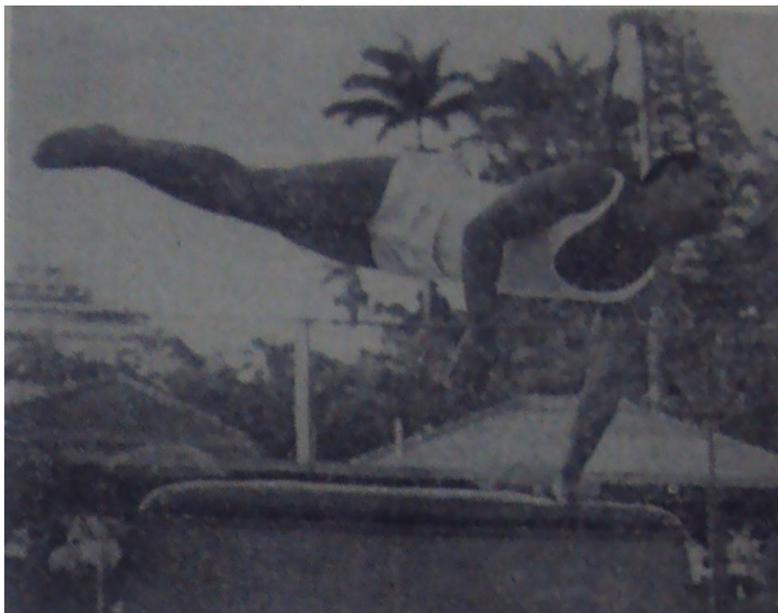


Figura 14. Salto do professor Hanns Prochowinck. Durante a homenagem ao governador José Francisco Bias Fortes na I Jornada Internacional de Educação Física. Acervo CEMEF.

Na primeira edição do “conclave”, além das homenagens a Bias Fortes e a Dom Cabral, também aconteceram o que o *Jornal* denominou de “Programa Social da 1ª Jornada”: “ao lado dos intensos trabalhos desenvolvidos durante a 1ª Jornada, foi proporcionado aos participantes um variado programa de reuniões sociais, que se realizaram em ambiente de grande cordialidade”. As “reuniões sociais” caracterizavam-se por uma diversidade de atividades realizadas em diferentes lugares da cidade, dentre elas: a exibição de filmes, a “reunião de confraternização, com danças, números de arte e sendo servida aos presentes uma lauta mesa de salgados, doces e bebidas”, a demonstração de Ginástica Moderna e danças folclóricas, como também “números de hipnotismo pelo aluno Maurício Guimarães”. No

---

<sup>248</sup> *Jornal Educação Física*, ano I, nº I, out. 1957. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Acervo do CEMEF.

domingo (dia 18) foi organizado um “passeio a Lagoa Santa, onde os membros da Jornada visitaram os pontos mais pitorescos e ainda a Fábrica de Aviões”. Após a cerimônia de encerramento da 1ª Jornada (no dia 24), ocorreu o baile nos salões de festas do Brasil Palace Hotel. Sobre esse assunto o entrevistado José Atayde Lacerda ressaltou:

Momentos bons. Chegava à noite se tinha isso, tinha aquilo. Ia conversar e ficava até de madrugada, conversando e brincando com o pessoal do interior que vinha fazer Jornada. E você ficava até tarde, saía para comer alguma coisa e sempre juntos. Não só os professores de fora que vinham, nós também... nosso pessoal se encontrava e aí começava sorrir, passear, sair, era um verdadeiro encontro mesmo.<sup>249</sup>

Houve, ainda, a organização de Ruas de Recreio em três edições consecutivas das Jornadas (II, III e IV) no encerramento dos trabalhos dos cursos. A primeira Rua de Recreio ocorreu na cidade de Barbacena, em 1958<sup>250</sup>, a segunda no Departamento de Instrução da Polícia Militar de MG (DI), em 1959<sup>251</sup> e a terceira no Parque Municipal de Belo Horizonte, em 1960.<sup>252</sup> Na terceira Jornada foi também realizado um desfile cívico em Barbacena, com expressiva participação dos alunos do curso e dos moradores daquela cidade.

Nas Jornadas, as Ruas de Recreio tinham como objetivo principal a aplicação pelos alunos dos conteúdos aprendidos durante o “certame”.<sup>253</sup> Assim foi anunciada a Rua de Recreio organizada no Parque Municipal de Belo Horizonte:

Uma grande “Rua de Recreio”, amanhã, no Parque Municipal, assinalará o encerramento da IV Jornada Internacional de Educação Física [...] Nada menos de 10 mil escolares deverão tomar parte nos trabalhos de amanhã, sob orientação dos estagiários que participam dos cursos da Jornada. Tudo indica que a “Rua de Recreio” alcançará êxito, servindo inclusive, para demonstrar os conhecimentos que

<sup>249</sup> LACERDA, José Atayde, 13 de maio de 2011.

<sup>250</sup> Documento intitulado “Histórico da EEF-MG atualizado até 1969”. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Acervo do CEMEF.

<sup>251</sup> Planejamento da Rua de Recreio no encerramento da III Jornada. Acervo pessoal do professor Fernando Campos Furtado.

<sup>252</sup> *Jornal Diário de Minas*, 30 de julho de 1960. Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

<sup>253</sup> As Ruas de Recreio foram um conjunto de ações esportivas, recreativas e educativas realizadas em Minas Gerais entre as décadas de 1950 e 1980. Possuindo como principal foco de intervenção a infância, variadas atividades esportivas e recreativas eram ministradas por alunos e professores da EEF-MG e por funcionários da DEMG e, até mesmo, do SESI-MG (SILVA; LIMA, 2011).

estão sendo transmitidos pelos professores de outros países...<sup>254</sup>

As Ruas de Recreio, ocorridas no encerramento da II e IV Jornada estiveram sob a direção do professor Sylvio José Raso. Já a realizada no encerramento da III Jornada esteve sob a coordenação do professor norte americano Lawrence Suhm, considerado o “grande mestre da recreação”. Nessa Rua, percebemos que os professores convidados e os da EEF-MG estiveram à frente das atividades sendo auxiliados pelos alunos do encontro. Apenas nas atividades “voleibol” e “brinquedos cantados” foram encontrados alunos da EEF-MG como coordenadores. Por meio do documento que detalha o planejamento dessa intervenção, foi possível reconhecer sua minuciosa organização.<sup>255</sup>

Na proposição de Lawrence Suhm, os docentes e alunos foram divididos em sete “comissões” que possuíam responsabilidades específicas: I – Programas; II – Publicidade; III – Material; IV – Socorros de urgência; V – Relações Públicas; VI – Alimentação; VII – Guias. O rol de atividades foi bem diverso, sendo que havia atividades específicas para os meninos e para as meninas. Sendo que em algumas, foi admitida a possibilidade de turmas mistas. As crianças foram divididas em seis turmas de acordo com a idade e o sexo: três de meninos (7-8, 9-10, 11-12 anos) e três de meninas (7-8, 9-10, 11-12 anos). Foram atividades oferecidas às meninas: os jogos, a ginástica e o voleibol. Aos meninos foram designados: os jogos, a ginástica natural, a ginástica de solo, a cama elástica, a bola ao cesto e a natação. Já para as turmas mistas foram ofertadas: danças gaúchas, demonstração de judô infantil, atividades criativas (pintura, escultura, show, gravador e jogos), jogos de mesa, rodas infantis, canto, percurso orientado. Tivemos ainda a “ginástica para donas de casa”, atividade destinada às mães e/ou acompanhantes das crianças. Para cada turma foi delimitado um período de tempo no qual poderiam permanecer em cada “setor”.

Aqui também percebemos a diferenciação das atividades de acordo com o sexo, como frisamos no capítulo anterior essa foi uma prática comum no

---

<sup>254</sup> *Jornal Diário de Minas*, 30 de julho de 1960. Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

<sup>255</sup> Planejamento da Rua de Recreio no encerramento da III Jornada. Acervo pessoal do professor Fernando Campo Furtado.

cotidiano das aulas de Educação Física. Entretanto, apesar dessa divisão ser especificada no planejamento, Fernando C. Furtado relatou que na hora da atividade os professores eram mais flexíveis e deixavam todas as crianças participarem, permitiram também que a criança voltasse ao “setor” que já tivesse participado, caso manifestasse esse interesse.<sup>256</sup>

Fernando Furtado ainda afirmou lembrar-se dos “alegres *fógon(s)*”. Essa prática foi também noticiada pelo *Jornal Diário de Minas* como uma “reunião à moda dos escoteiros e que serve para trocas de conselhos”. Ainda de acordo com o periódico “a idéia alcançou êxito e os estagiários se divertiram com números interessantes, no sentido de brincadeiras”.<sup>257</sup> A descrição feita pelo *Jornal* e por Fernando Campos Furtado aproxima-se realmente de uma das práticas típicas do movimento escoteiro, denominada “fogo do conselho”. Segundo descrição presente no Guia do Escoteiro:

“era um importante ritual no qual o chefe aproveitava para repassar os factos mais importantes do dia, incentivando, exaltando as boas acções praticadas, condenando as más [...] E seguem-se os cânticos, as representações, as histórias, as anedoctas [sic], todos se alternando com espírito, tornando aquella [sic] hora ao redor do fogo de um indizível encanto” (VELHO LOBO, p. 122, s/d apud NASCIMENTO, p. 06, 2006).

Os momentos de despedidas dos alunos também foram festejados com duas ações distintas para esse momento, o “bota fora” e os “shows”. O primeiro, foi realizado para a despedida de alunos que foram embora antes do término oficial do curso, nessa ocasião os alunos dançavam a “valsa da despedida”<sup>258</sup>. O segundo, foi realizado no encerramento de cada edição, nessa ocasião “um representante de cada estado ou de cada país” apresentava um número artístico.<sup>259</sup>

Encontramos documentos diversificados, em natureza e em quantidade, sobre as atividades desenvolvidas em cada edição das Jornadas. De acordo com as normas da DEMG, que regiam esses cursos, sabemos que

<sup>256</sup> FURTADO, Fernando Campos, Belo Horizonte, 04 de maio de 2011.

<sup>257</sup> *Jornal Diário de Minas*, 30 de julho de 1960. Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

<sup>258</sup> *Jornal Diário de Minas*, 29 de julho de 1960. Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

<sup>259</sup> *Jornal Diário de Minas*, 27 de julho de 1960. Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

foram produzidas apostilas e cartilhas de regulamento para todas as edições, entretanto só tivemos acesso a alguns desses documentos.

Os oito cadernos de planejamento de alguns cursos ministrados na I Jornada versam sobre temáticas variadas: Atividades Rítmicas; Atividades Físicas Generalizadas; Basquetebol e Ginástica Feminina; Construção de equipamentos e instalações; Educação Física para crianças; Metodologia do treinamento esportivo; Planejamento da aprendizagem e o ensino; Regras do Voleibol, Handebol e Futebol de Salão. Na parte inferior da capa, há espaços, preenchidos a caneta, destinados à determinação do assunto e do professor, além de especificar o número do polígrafo (nesse espaço é sempre colocado o mês e o ano da realização do evento, agosto de 1957).<sup>260</sup> Os desenhos das capas não são iguais em todos os cadernos, mas de maneira geral, buscaram dar a ideia de “movimento” às figuras humanas. Podemos afirmar que a própria organização desses polígrafos indicia o tipo de leitor esperado, pois esse deveria ser alguém capaz de: pesquisar o conteúdo a ser ministrado, observar as práticas, conhecer a origem do conteúdo que ensinava, entender os signos musicais (pois muitos planos de curso continham partituras de músicas) e ainda aprender por meio de ilustrações e diagramas.

---

<sup>260</sup> De acordo com outras fontes que tivemos acesso percebemos que este era um nome usual na referência a cadernos e apostilas elaborados pelos professores da EEF-MG. Segundo definição do dicionário Aurélio, polígrafo é o que escreve sobre matérias diversas.

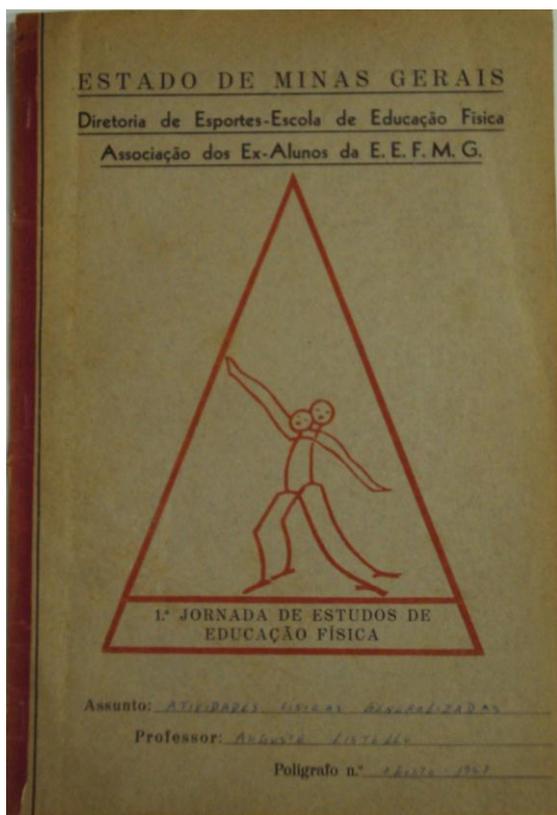


Figura 15. Caderno de planejamento – Atividades Físicas Generalizadas – professor Auguste Listello. Agosto de 1957. Acervo do CEMEF.

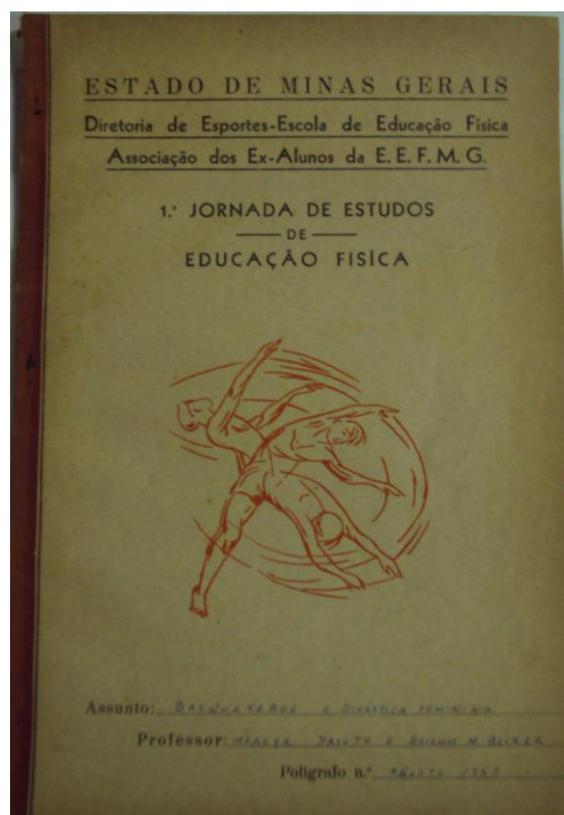


Figura 16. Caderno de planejamento – Basquetebol e Ginástica Moderna – professores Moacyr Daiuto e Guiomar M. Becker. Agosto de 1957

Já sobre a II Jornada, encontramos folhas avulsas de dois cursos. Um de danças folclóricas iugoslavas, ministrado pelo professor Ivan Vargas e outro de danças folclóricas do Chile, ministrado pela professora Joana Munazaga. Nesses documentos, além do nome de cada dança, foram descritos os passos e suas sequências, as diversas formações dos bailarinos, as formas de ocupação dos espaços; além de contar a história de cada dança e trazer ilustrações e partituras de algumas músicas (sem as letras).<sup>261</sup>

Sobre a IV Jornada, encontramos o planejamento do professor Hércio Buck Silva, do Paraná, que versou sobre o tema “*circuit training*”. Logo na capa, há a seguinte observação sobre as condições de produção desse documento: “O assunto do presente trabalho foi ministrado nas aulas da IV Jornada Internacional de Educação Física e redigido no transcurso da mesma

<sup>261</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Fundo Odilon Barbosa.

e não sujeito à revisão posterior. Por isso, reservamo-nos pelos possíveis erros ou omissões”.<sup>262</sup>

A condição de produção descrita pelo professor paranaense não parece ser algo restrito ao seu planejamento e nem mesmo a IV Jornada. Fernando Furtado relatou que produzir os *Anais* da V Jornada foi muito penoso: “aquilo deu um trabalhão danado porque tinha que ser feito antes que os alunos voltassem para suas cidades. E nós passamos a noite inteira naquele mimeógrafo”.<sup>263</sup> Os *Anais*, da V edição do curso, abordam quatorze temas, contendo um total de 95 páginas com muitos desenhos, figuras, partituras de música e alguns gráficos e diagramas. A capa apresenta duas figuras: uma do sexo feminino e outra do sexo masculino, ambas simulando movimentos e atrás delas temos o desenho de uma tocha olímpica.

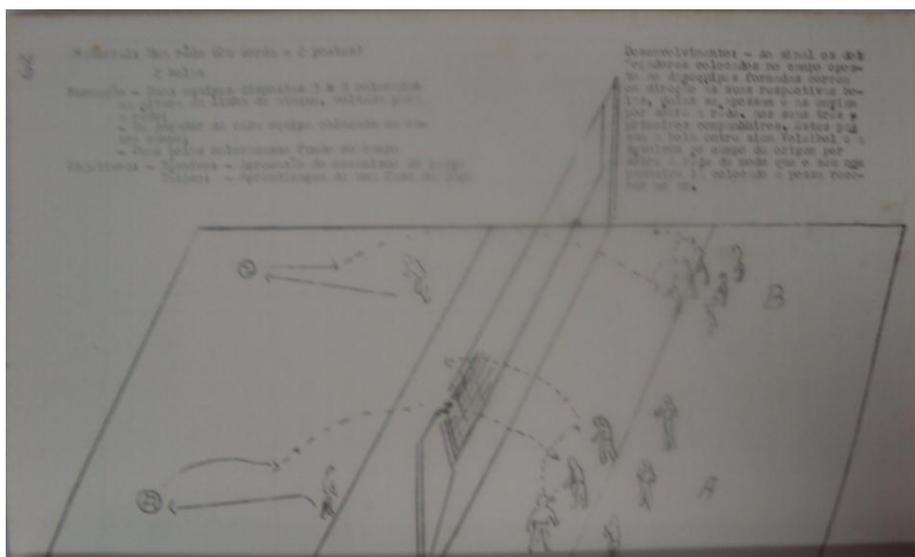


Figura 17. V Jornada. *Anais* – Aulas de iniciação esportiva em Voleibol – professor Lincoln Raso. Julho de 1962.

<sup>262</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. IV Jornada Internacional de Educação Física. Planejamento do curso *circuit training* – professor Hércio Buck. Julho de 1960.

<sup>263</sup> FURTADO, Fernando Campos, 04 de maio de 2011.



Figura 18. V Jornada. Capa dos *Anais*. Julho de 1962. Acervo do CEMEF. Coleção Fernando Campos Furtado.

A diversidade de temas foi uma característica marcante das cinco edições do “certame”. Percebemos que os organizadores desejavam que os professores que buscavam formação nesses encontros detivessem saberes variados que perpassassem as dimensões técnicas das atividades, que fossem engajadas com as pesquisas científicas, mas que, sobretudo, estivessem relacionados com a moral e com as relações humanas. Acreditamos que houve intencionalidades formativas nessas escolhas. Intenção educativa, dentro dos padrões que os organizadores acreditavam melhores, lembrando que ao selecionarem os conteúdos fizeram também uma seleção de valores (HÉBRARD, 1990).

Trazer para esta narrativa as várias estratégias de ensino adotadas nas

Jornadas tornou-se pertinente por acreditarmos que contribuíram para a formação dos docentes, apesar de algumas não estarem previstas nos regulamentos de cada edição do curso. Ao exporem os conhecimentos adquiridos, seja por meio da organização de atividades nas Ruas de Recreio, seja por meio de montagens coreográficas para demonstração ou por meio da apresentação de “seu talento”, o aluno teve a oportunidade de se “visto” e observado. O que evidencia que o aluno foi considerado como sujeito ativo no processo educativo no âmbito das Jornadas Internacionais de Educação Física.

Segundo Rosa Fátima de Souza (2007, p. 165) o propósito da “cultura material escolar” é a “incessante busca pela racionalização da escola como organização e as tentativas de tornar o ensino mais produtivo e eficiente, as aulas mais motivadas e atrativas, a educação mais moderna”. Evidenciamos na produção das apostilas, anais e cadernos de planejamentos para os alunos dos cursos essa intenção. Além de ter a importante função de manter um registro do conhecimento produzido e disseminado, que poderia ser acessado pelos alunos a qualquer tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: OUTRAS JORNADAS

Pressupondo que a História da Educação deve ser cada vez mais História e cada vez mais Educação [...] e que sua finalidade como ciência histórica é restituir o passado focalizando as mudanças e as transformações e, assim procedendo, possibilitar aos educadores relativizarem as ideias e propostas educativas, estimular a atitude crítica e reflexiva e permitir perceber a educação como uma construção social... (ROSA FÁTIMA DE SOUZA, 2007, p. 174).

Conhecer as Jornadas Internacionais de Educação Física em seus detalhes e as apostas feitas nesse conjunto de cursos como possibilidade de aperfeiçoamento dos professores de Educação Física foi o objetivo deste estudo. Para tanto, tivemos que percorrer um caminho permeado por muitas escolhas, construções e desconstruções, incertezas, descobertas, pausas, avanços e recuos.

Por meio das análises das fontes mobilizadas para esta pesquisa, foi possível recuperar fragmentos da história de algumas instituições preocupadas com o ensino e a formação docente para a disciplina Educação Física, em Minas Gerais, no período estudado. Ainda foi possível perceber dinâmicas culturais da cidade de Belo Horizonte. Uma cidade que, nos anos de 1950 e 1960, comportava negociação de sentidos entre o que desejavam preservar e o que objetivavam mudar.

Ao conhecer os projetos de ensino e de formação idealizados e realizados pela DEMG e pela EEF-MG para as Jornadas, percebemos o quão diversificado e rico era o rol de conteúdos e de ações. Por vezes, minha experiência como ex-aluna do Curso de Educação Física da EEEFTO-UFMG levou-me a tecer comparações entre o passado e o presente. Não só pela diversidade de temas, mas pela forma com que eram propostos. Na formação oferecida pelas Jornadas parecia haver uma maior integração de conteúdos, de sujeitos e de práticas. Nas décadas de 1950 e 1960, os docentes dessa prática pedagógica insistiram em relacionar conteúdos biológicos e sociais, defendendo uma correlação dos mesmos e apostando em uma formação integral do aluno ou em um processo formativo “psico-socio-morfo-fisiológico”,

como gostavam de nomear. Os argumentos do professor Afonz Renez enfatizaram que “a Educação Física só pode alcançar o seu objetivo quando constrói a sua base nos conhecimentos da pedagogia, psicologia e biologia [...] uma Educação Física feita somente sobre as bases biológicas não seria suficiente”.<sup>264</sup>

Pelos modos como descreviam as atividades e pelos registros fotográficos existentes foi possível perceber que havia uma interação maior entre os indivíduos envolvidos com as aulas: uma interação corporal, de confiança, respeito e solidariedade. As aulas práticas das Jornadas priorizavam tanto o contato corporal, quanto o uso de aparelhos diversificados. Identificamos também, um apoio maior entre os alunos e professores na execução das atividades. Diante disso, fica a indagação: ficamos nós, professores e alunos de Educação Física, “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos”? (BENJAMIN, 1933). Oswalder Rolim compartilhou impressões similares ao manusear documentos durante sua entrevista: “é engraçado... em vez das coisas evoluírem, elas de vez em quando somem”.<sup>265</sup>

Além disso, vários assuntos abordados no âmbito das Jornadas parecem se assemelhar à discussões ainda presentes no fazer cotidiano da Educação Física escolar: os jogos como importantes meios de formação da criança; o viés recreativo das aulas; a relevância de certos atributos físicos para a prática de algumas modalidades esportivas; a falta de material e espaços específicos para as aulas nas escolas; a forma de planejar e organizar a aula; entre outros. Não se trata de uma “expressão de inércia ou mera reprodução histórico-cultural” (LINHALES, 2006, p. 246). Antes, reforça meu entendimento de que a história da formação de professores de Educação Física e das práticas de ensino adotadas em Minas Gerais, mais especificamente em Belo Horizonte, serão melhor compreendidas com estudos que abarquem a longa duração.

---

<sup>264</sup> Acervo do CEMEF. Acervos Pessoais. Coleção Fernando Campos Furtado. I Jornada de Estudos da Educação Física. Caderno de Planejamento – Educação Física para crianças – professor Afonz Renez. Agosto de 1957.

<sup>265</sup> ROLIM, Oswalder. Entrevista em 06 de junho de 2011.

Assim, partilho da aposta feita na adição dos estudos realizados sobre os diversos temas e temporalidades relativos à história da Educação Física. É a esse propósito, de colocar os diversos estudos em diálogo, que se dedica o projeto iniciado no primeiro semestre deste ano, denominado "*Modelos pedagógicos, formação docente e práticas escolares: o ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1947-1977)*", e já referenciado na introdução desta dissertação.

Ainda é importante frisar que o tema das Jornadas continuará sendo investigado. Novas perguntas subsidiarão a continuidade desse estudo, principalmente as que se referem à apropriação dos conhecimentos, práticas e impressos que circularam nesse contexto. Tornar-se-á necessário compreender os usos que foram feitos dos materiais disponibilizados, assim como dos “novos” e dos “atualizados métodos” da Educação Física “moderna”, difundidos nessa ocasião.

O nosso olhar também esteve voltado para os sujeitos envolvidos com essa trama. E no movimento de conhecer fragmentos de suas trajetórias individuais, pudemos conhecer um pouco mais sobre as pessoas que estiveram envolvidas no processo de legitimação da Educação Física em Minas Gerais e, assim, foi possível conhecer um pouco mais da história dos professores dessa disciplina.

Ressaltamos que não tivemos a pretensão de julgar o passado, tão pouco as atitudes tomadas por esses sujeitos. Nosso desejo foi o de conhecê-lo para compreender melhor o presente. Como bem advertiu Dominique Juliá (2002, p. 42), o historiador “deve cuidar para não se transformar em justiceiro...”. Baseados nesse preceito, buscamos compreender as Jornadas Internacionais de Educação Física como ações realizadas por sujeitos históricos e, cheios de histórias. E nesse movimento, foi possível perceber a vontade latente de “fazer dar certo”, de concretizar um “velho sonho”.<sup>266</sup> No percurso profissional de cada um deles, talvez seja possível identificar processos de apropriação cultural, dos saberes apresentados e praticados nas

---

<sup>266</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

Jornadas. Embora tal movimento investigativo escape aos propósitos desse estudo, as fontes mobilizadas nos permite indicar tal hipótese.

Nesse percurso, percebemos que, a esse conjunto de cursos de aperfeiçoamento foram sempre atribuídas características positivas, que elevaram a “moral”, sempre ressaltando o caráter “sadio” de tudo o que ali foi apresentado. Parece-nos que tudo o que vinha de fora, sobretudo o que era produzido em outros países, era bom, “moderno”, “evoluído”. Isso se torna mais complexo quando analisamos o discurso do professor austríaco Gerhard Schimidt, que afirma a importância da Educação Física na formação da juventude e ressalta que, no Brasil, isso era mais evidente, uma vez que “há uma raça em formação”.<sup>267</sup> Esse discurso pode guardar relação com a crença em um Brasil arcaico, atrasado e de um povo brasileiro frágil e inculto. Como aponta-nos Marcos Freitas (2010, p. 36), “um país sempre próximo da modernidade, mas nunca plenamente dentro dela”.

É evidente a preocupação em sistematizar processos de ensino/aprendizagem necessários à formação do professor de Educação Física. Uma forte aposta no aprendizado, construção e disseminação de “novos” e “modernos” métodos de ensino. Mobilizados por esse objetivo, os atores dessa trama envidaram esforços em fazer circular esses conhecimentos, assim como em trazer professores de outras localidades que estivessem engajados na consolidação de tais propósitos.

Procuramos também entender como se deu a construção de representações sobre esse campo pedagógico no âmbito das Jornadas Internacionais de Educação Física, ou seja, nos tempos e lugares delimitados pela ocorrência desses cursos. Por meio das fontes escritas e orais, podemos apontar que as Jornadas auxiliaram na constituição de um imaginário sobre a Educação Física, em Belo Horizonte, no final da década de 1950 e início da década de 60. A Educação Física foi representada como uma estratégia de educação moral, como um importante aliado na aproximação do sujeito à religião, como um componente curricular organizado e essencial na formação

---

<sup>267</sup> Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Série: Publicações da EEFMG – (Jornal Educação Física, ano I, nº I, out. 1957).

das crianças, entre outras. Nas Jornadas, o professor de Educação Física foi anunciado como um guia, como um exemplo, como um amigo, com um orientador e como um conselheiro.

As entrevistas concedidas pelos professores Fernando Campos Furtado, José Atayde Lacerda e Oswalder Rolim foram essenciais para a construção desta narrativa. Sabemos que nossos entrevistados não relataram o que de fato aconteceu, uma vez que esses sujeitos rememoraram fatos passados, no presente. Eles mesmos, protagonistas dessa trama, não são mais os mesmos, dessa forma a maneira como olham para o passado condiz com os ideais que acreditam no presente. Entretanto, o nosso intuito foi o de enfatizar o que escolheram perpetuar, o que de todas as experiências vividas escolheram compartilhar (BOSI, 2003).

Esperamos que este estudo tenha descortinado pistas sobre vários aspectos da história da Educação Física em Minas Gerais. E que o mesmo sirva de subsídio às novas pesquisas que tenham, como foco, as questões de gênero, o papel educativo dos espaços físicos, a permanência dos conteúdos ministrados nas Jornadas nas práticas educativas dos educandários mineiro e, até mesmo, que se dediquem ao conhecimento aprofundado da trajetória de alguns atores.

As relações entre Educação e Religião; Educação Física e Igreja em Minas Gerais foram abordadas, mas não suficientemente exploradas. Será esse encontro entre padres, freiras, educadores, técnicos esportivos e militares uma particularidade mineira? Sobre esses temas, as fontes mobilizadas para esse estudo e outras pertencentes ao Acervo do CEMEF apontam que alguns sujeitos, como os professores Barbosinha e Sylvio Raso, merecem um estudo mais detalhado. Como apontou Marcos Freitas (2010, p. 28)

... no âmbito da história da educação escolar da criança, não foram poucas as ocasiões nas quais foi possível identificar o homem religioso fazendo ciência também, inclusive da educação. Ou seja, o homem da religião compareceu a esse enredo como personagem complexa das tramas nas quais o *moderno* estava em construção ou, pelo menos, em disputa (grifo do autor).

Seria também interessante investigar as relações entre os cursos de aperfeiçoamento realizados entre os anos de 1951 e 1970, nas cidades de Santos (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Buenos Aires (Argentina). Algumas fontes acessadas evidenciam, nesses cursos, a presença de alguns dos professores que estiveram nas Jornadas.

Ressaltamos a relevância das Praças de Esportes para o estado de Minas Gerais, de onde vieram muitos dos alunos participantes das Jornadas. Apontamos, assim, a importância de se estudar a história das práticas relativas à educação do corpo, realizadas nessas Praças, desde os anos de 1930. Dessa forma, estamos cientes de que há muito a ser desvelado na história da Educação Física em Minas Gerais e esperamos ter contribuído um pouco para esse processo.

Acreditamos ser imprescindível deixar que as fontes mostrem-nos qual a melhor forma de lê-las, pois acreditamos que cada documento indica um caminho que melhor o problematize, o organize, o descreva. Essa preocupação orientou o esforço para que cada pista fosse valorizada como informação importante. Nosso intuito foi o de qualificar a descrição, análise e problematização das fontes, assim como a narrativa dessa história.

Todavia, estamos cientes de que, apesar de todo cuidado e por mais que nós, pesquisadores, empenhemo-nos em nos aproximar de uma verdade sobre o passado, “permanecem sempre fluidos e fugidios os pedaços de história que se quer reconstruir” (LOPES e GALVÃO, 2001, p.77).

Por fim, agradeço a todos os sujeitos que, por algum motivo, escolheram guardar e compartilhar vestígios das Jornadas, pois sem esse cuidado talvez não fosse possível a escrita dessa história sobre os “mais modernos conceitos e métodos” em circulação para o ensino e a formação de professores de Educação Física.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA CAMPOS, Marcos A. Presença da dança na Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1962). In: VAGO, T. M. e OLIVEIRA, B. J. *Histórias de Práticas Educativas*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2008.

ALMEIDA CAMPOS, Marcos A. Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG (1952-1977). Dissertação (Mestrado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte 2007.

AMBROSIO, Margareth de Paula. A Educação Física para meninos: o caso do Colégio Santo Agostinho de Belo Horizonte (1934-1974). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR, Betim-MG, 2008.

ARANTES, Gabriela V., PINTO, Joécio F. Memórias de práticas de Futebol de Salão em Belo Horizonte entre 1950 e 1970. In: VILHENA, Kellen N., LIMA, Cássia D. M. D. *Memórias de Esportes e Ruas de Recreio: Belo Horizonte, 1940 – 1980*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. No prelo.

ARANTES, Gabriela V. *A História do Handbol em Belo Horizonte (1960- 1980)*. Monografia de Graduação. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 2010.

ARANTES, Gabriela V. Construindo uma narrativa histórica: o Handebol em Minas Gerais (1950 – 1980). In: VILHENA, Kellen N., LIMA, Cássia D. M. D. *Memórias de Esportes e Ruas de Recreio: Belo Horizonte, 1940 – 1980*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. No prelo.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. *Enciclopédia Einaudi: Antropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985.

BENJAMIM, Walter. Experiência e Pobreza. Obras escolhidas. Vol.1. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.114-119.

BOSI, Eclèa. *O Tempo Vivo da Memória - Ensaios de Psicologia Social*. Ateliê Editorial, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. *Molde Nacional e Fôrma Cívica: Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. *A Escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista das Revistas. Estudos Avançados* Vol.5 n°11. São Paulo Jan./Abr.1991.

CONSORTE, Josildeth G. Culturalismo e educação nos anos 50: O desafio da diversidade. *Cad. CEDES* vol. 18 n. 43 Campinas Dec. 1997.

COSTA E SILVA, Marina Guedes. Uma história da Recreação (1952-1970): constituição inicial da disciplina na Escola de Educação Física de Minas Gerais. *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: percursos e desafios da pesquisa e do ensino da História da Educação*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p.4639-4650.

DE PAULA, João Antônio; MONTE-MÓR, Roberto Luis. Formação Histórica: Três momentos da História de Belo Horizonte. *In: LEMOS, Mauro Borges (et. al.) Projeto Belo Horizonte no século XXI*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2004.

DE PAULA, João Antônio de. Memória e esquecimento, Belo Horizonte e Canudos: encontros e estranhamentos. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 18, set/1997.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: Memória, tempo e identidades*. Autêntica, 2006.

DIAS, Márcia Hilsdorf. O Diário de São Paulo como fonte. *In: VIDAL, D.G. e SOUZA, M. C.C. A memória e a sombra – a escola brasileira entre Império e a República*. BH: Autêntica, 1999.

DUTRA, Claudia Pereira. A prenda no imaginário tradicionalista. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica o Rio Grande do Sul, 2002.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: Elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. *In: LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth (orgs). Disciplinas e Integração Curricular: História e políticas*, 2002.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Os processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de pesquisa. *In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e (orgs.). História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 77-97, 2003.

FEIX, Eneida. *Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: a institucionalização da recreação pública*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, 2003.

FERNANDES, Gyna de Ávila; MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. As apostilas de Recreação do professor Odilon Barbosa: a aposta em um dispositivo

didático (Escola de Educação Física de Minas Gerais, 1965-1979) In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011, Porto Alegre. Anais XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011.

FERRAZ, Arrisson de Souza. *A Educação Física e a Igreja*. S/ Editora. S/ data.

FONSECA, Thaís Nivia de Lima e. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive e FONSECA, Thaís Nivia de Lima e. *História e Historiografia da Educação no Brasil*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FREITAS, Marcos Cezar de. Os temas História e Religião na configuração dos debates sobre as reformas educacionais das décadas de 1950 e 1960: a singularidade de uma situação-pessoa. In: FARIA FILHO, L.M., NASCIMENTO, C. V., SANTOS, M. L. *Reformas Educacionais no Brasil: democratização e qualidade da escola pública*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física*. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143 -151, abr/jun, 2005.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro. A Biometria na Escola de Educação Física da UFMG (1950-1970): percursos de pesquisa . In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011, Porto Alegre. Anais XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro. Imagens de corpos normais na biotipologia brasileira durante a primeira metade do século XX. ANPUH, 2011b.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p. 62-77, 1993.

GOMES, Carmem. A Escola de Educação Física de Minas Gerais: um pouco de História. *Revista da Escola de Educação Física de Minas Gerais*. Ano 1, Nº 1. Abr/Jun. Belo Horizonte: 1968.

HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. *Teoria & Educação*, 1990, n.2, p. 65-109.

HORTA, José Silveiro B. *O hino, o sermão e a ordem do dia: a Educação no Brasil (1930 – 1945)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

JÚLIA, Dominique. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: LOPES, Alice C. e MACEDO, Elizabeth (orgs). *Disciplina e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KANITZ JUNIOR. Roberto Malcher. Escola de Educação Física de Minas Gerais: o começo de uma história. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, Belo Horizonte, 2003.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2ª Edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. Memória-História. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1997.

LE GOFF, Jacques. Documento-Monumento. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. I. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1997.

LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno. In: *Enciclopédia Einaud*, vol. I. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1997.

LE GOFF, Jacques. Passado/Presente. In: *Enciclopédia Einaud*, vol. I. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1997.

LEVI, Giovanni. A doença católica em particular. Disponível em: [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi17/topoi\\_17\\_-\\_artigo1\\_-\\_a\\_doen%C3%A7a,\\_cat%C3%B3lica\\_e.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi17/topoi_17_-_artigo1_-_a_doen%C3%A7a,_cat%C3%B3lica_e.pdf). Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

LIMA, Cassia Danielle M. D. A “Secção de Physica e Hygiene da Associação Brasileira de Educação Física: sujeitos envolvido e assuntos abordados (1927 – 1937). Trabalho de Conclusão de Curso, EEEFTO/UFMG, 2008.

LIMA, Cassia Danielle M. D. “Abre-se nova etapa no ensino da Educação Física em Minas”: A I Jornada de Estudos de Educação Física (Belo Horizonte – 1957). In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciência do Esporte, 2011, Porto Alegre. XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciência do Esporte, 2011.

LINHALES, Meily Assbú. *A escola, o esporte e a energização do caráter: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935)*. Tese (Doutorado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

LINHALES, Meily Assbú. LIMA, Cássia D. M. D., OLIVEIRA, Liliane T. Médicos e educadores na “Secção de Educação Physica e Hygiene” da Associação Brasileira de Educação: a construção de uma mentalidade médico-pedagógica para a Educação Física (1926-1937). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5, 2008. Aracajú. *Anais...*

LINHALES, Meily A.. BRETAS, Tarcila. LAGE, Luciana, LIMA, Cássia D. M. D. PEREIRA, Thiago M. Esporte e Lazer na Grande-BH: Por onde caminham as gestões públicas. In: ISAYMA, Helder. LINHALES, Meily. (orgs) *Avaliação de políticas e políticas de avaliação: questões para o Esporte e o Lazer*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2008.

LINHARES, Joaquim Nabuco; CASTRO, Maria Ceres Pimenta S. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte 1895-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995. 587 p. (Coleção Centenário).

LOPES, Eliane Marta T. GALVÃO, Ana Maria de O. Fontes e a História da Educação. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LOURDES, Luiz Fernando C. Antônio Boaventura da Silva – O professor e suas concepções sobre a Educação Física nas décadas de 1940 e 1970. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

MARTINEZ, Carlos H. M. Auguste Listello: uma contribuição para a educação física brasileira. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2002.

MAZO, Janice Zarpellon. Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF;UFRGS): um estudo do período de sua fundação até a federalização (1940-1969). *Movimento*, Porto Alegre, v.11, p.143-167, janeiro/abril, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã. Universidade de São Paulo, 2006.

MONARCHA, Carlos. *Brasil arcaico, Escola Nova. Ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930*. São Paulo. UNESP, 2009.

MORENO, Andrea., SEGANTINI, Verona C. *A Gymnastica e os exercícios físicos na formação de professoras e no ensino primário: elementos para compreender o enraizamento e afirmação da Educação Física Escolar (Belo Horizonte, 1906-1920)*. No prelo.

NASCIMENTO, Adalson de O. A nação em armas: o militarismo na educação republicano no Brasil e em Portugal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5, 2008. Aracajú. *Anais...*

PEIXOTO, Ana M. C. A imagem como fonte na pesquisa em História da Educação. In: FIGUEREDO, Betânia. G. VIDAL, Diana V. (Orgs). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: ARGUMENTVM, 2005.

PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. Belo Horizonte o estigma da cidade moderna. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 18, set/1997.

POSSAS, Helga C. G. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEREDO, Betânia. G. VIDAL, Diana V. (Orgs). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: ARGUMENTVM, 2005.

REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTOS, Fernanda C.. LINHALES, Meily A. Vínculo entre o Brasil e a Alemanha na formação dos professores de Educação Física para o ensino superior em Minas Gerais na década de 1970. In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciência do Esporte, 2011, Porto Alegre. XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciência do Esporte, 2011.

SILVA, Giovanna Camila da. A partir da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais (1927 – 1937): movimentos para a escolarização da Educação física no Estado. Dissertação (Mestrado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte 2009.

SILVA, Lorena V. R., LIMA, Cássia D. M. D. Vestígios de uma História: Memórias das Ruas de Recreio em Minas Gerais (1950-1960). ). In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciência do Esporte, 2011, Porto Alegre. XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciência do Esporte, 2011.

SOARES, Carmen Lúcia. Imagens do corpo “educado”: um olhar sobre a ginástica do século XIX. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física*. Vitória: 1997, v.2.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. São Paulo: Autores Associados, 2001.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra. A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*. Campinas: UNICAMP, Tese, 1994, 265p.

SOUZA, Rosa Fátima. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy. *Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Editora Cortez, 2007, pp. 163-189.

TAFFAREL, Celi Z.. ESCOBAR, Micheli O. Ginástica como conteúdo de ensino. Uma proposta de programa para a Educação Física (1º e 2º graus). Disponível em: <http://www.lepel.ufba.br>. Acesso em: 15 de setembro de 2010.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 05, junho de 2002.

THOMPSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. *Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 65 a 92.

TOURTIER-BONAZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

VAGO, Tarcísio M. *Cultura Escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906 – 1920)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VAGO, Tarcísio M. *Histórias de Educação Física na Escola*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

VAZ, Aline Choucair. Política, trabalho e intolerância: ensino primário e as práticas educativas em Minas Gerais (1930-1954). Tese (Doutorado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

VIDAL, Diana. G. “Por uma pedagogia do olhar”: os museus escolares no final do século XIX. In: VIDAL, D.G. e SOUZA, M. C.C. *A memória e a sombra – a escola brasileira entre Império e a República*. BH: Autêntica, 1999.

VILAR, Pierre. Entrevista. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (Orgs.). *Passados Recompuestos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ-Ed. FGV, 1998, p.271-297.

VILHENA, Kellen N., SILVA, Lorena V. R., FERNANDES, João C. Alinhavando retalhos: uma história das Ruas de Recreio em Minas Gerais (1950-1980). In: VILHENA, Kellen N., LIMA, Cássia D. M. D. *Memórias de Esportes e Ruas de Recreio: Belo Horizonte, 1940 – 1980*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. No prelo.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

XAVIER, Maria do Carmo. A tradição (re)visitada – A experiência do Centro Regional de Pesquisa Educacionais de Minas Gerais – CRPEMG (1956/1966). Tese (Doutorado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte 2007.

## FONTES

### No Acervo do CEMEF:

- **Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952 – 1969)**  
Jornal Educação Física (1ª – 4ª edição)
- **Coleção Iconográfica**  
Série nº 19 – Jornadas  
Série nº 4 – Eventos
- **Acervos Pessoais**  
Fundo Herbert de Almeida Dutra  
Fundo Odilon Barbosa  
Coleção Fernando Campos Furtado  
Coleção Nela Testa Taranto.
- **Coleção História Oral**  
DUTRA, Edelweiss. Entrevista concedida a João Carlos Fernandes, Kellen Nogueira Vilhena e Lorena Viggiano Rocha da Silva. Belo Horizonte, 12 jul, 2011. Coleção História Oral/Acervo CEMEF.  
  
RASO, Afonso Celso. Entrevista concedida a pesquisadora Gabriela Villela Arantes. Belo Horizonte, 06 de dezembro de 2010. Coleção História Oral/Acervo do CEMEF.  
  
BARBOSA, Marco Antonio. Entrevista concedida a Guilherme de Souza Lima Oliveira e João Carlos Fernandes. Belo Horizonte, 30 jun. 2009.
- **Coleção Audiovisual**  
Filme 16mm – III Jornada Internacional de Educação Física – julho de 1959.

### Na Hemeroteca Pública Estadual Luiz de Bessa

- Jornal Folha de Minas (1957 – 1962)
- Jornal Diário de Minas (1957 – 1962)
- Jornal Diário da Tarde (1957 -1958; 1960 – 1962)

### Fontes Orais

- FURTADO, Fernando Campos. Entrevista concedida a Cássia Danielle Monteiro Dias Lima. Belo Horizonte, 04 de maio de 2011.

- LACERDA, José Atayde. Entrevista concedida a Cássia Danielle Monteiro Dias Lima. Belo Horizonte, 13 de maio de 2011.
- ROLIM, Oswalder. Entrevista concedida a Cássia Danielle Monteiro Dias Lima. Belo Horizonte, 06 de junho 2011.

## APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Pós - Graduação  
Faculdade de Educação

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais vem, por meio deste, convidá-lo(la) a participar da pesquisa intitulada **“A Jornada Internacional de Educação Física e a formação de professores de Educação Física: Belo Horizonte, 1957 – 1962”** de autoria da pesquisadora Cássia Danielle Monteiro Dias Lima, aluna de mestrado desta instituição. Aceitando esse convite o senhor(a) participará em condição de colaborador(a) voluntário(a) da pesquisa. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Se o senhor(a), após ler esse termo, estiver de acordo solicitamos que o assine, por gentileza. Também, será entregue ao senhor(a) uma cópia desse Termo.

**APRESENTAÇÃO DA PESQUISA:** Esse estudo tem por objeto um evento acadêmico chamado Jornada Internacional de Educação Física. Ocorreram cinco edições, de 1957 a 1962. Essas Jornadas foram realizadas em conjunto, pela Diretoria de Esportes (DE-MG), pela Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEF-MG) e pela Associação de Ex-alunos da EEF – MG. Professores e alunos da EEF-MG, assim como, professores de renome internacional marcaram presença nesses encontros, proferindo palestras e mini-cursos. Sujeitos não oriundos da área, como padres e freiras também participaram efetivamente, inclusive de sua parte prática.

**OBJETIVO DA PESQUISA:** Pretendemos conhecer quais conteúdos e de que forma foram apresentados e entender se havia o intuito de propor modelos pedagógicos e científicos relativos à Educação Física. E, assim poder traçar o perfil do professor de Educação Física que se pretendia formar em Belo Horizonte nas décadas de 1950 e 1960.

**PROCEDIMENTOS DA PESQUISA:** Além da análise do *corpus* documental constituído de fontes de naturezas variadas: fotografias, reportagens, documentos institucionais, discursos, anais, também realizaremos entrevistas com quatro sujeitos que participaram do encontro como aluno ou professor. Dessa forma, convidamos o senhor(a) a compartilhar conosco suas lembranças, uma vez que você participou desse encontro. Se o senhor(a) estiver de acordo entraremos em contato para marcar o melhor dia e horário, de acordo com a sua disponibilidade, para que possamos conversar. Levaremos algumas fotografias, registros dessa história, para que possa auxiliá-lo a relembrar alguns momentos vividos durante as Jornadas. Ressaltamos que se trata de um convite e que o senhor(a) poderá a qualquer momento desistir de sua participação, sem com isso sofrer nenhum tipo de constrangimento. Se o senhor(a) autorizar gravaremos nossa conversa e posteriormente a transcreveremos e submeteremos à sua avaliação. Nesse segundo momento o senhor(a) poderá realizar qualquer modificação que considerar necessária. Essas modificações serão adotadas integralmente. Não armazenaremos esse material, que será utilizado exclusivamente para essa pesquisa.

**CUSTO/REEMBOLSO PARA O COLABORADOR:** Você não arcará com nenhum gasto decorrente da sua participação e também não receberá qualquer espécie de gratificação devido à sua participação na pesquisa. Se por ventura a participação nas entrevistas incorrer em algum gasto com transporte e alimentação, o mesmo deverá ser comunicado ao pesquisador que deverá fazer o devido ressarcimento.

**BENEFÍCIOS DA PESQUISA:** Comprometemo-nos com a preservação da memória, e acreditamos que por meio desse estudo desvelaremos mais um pouco da história da Educação Física em Belo Horizonte. Além disso, o senhor(a) poderá registrar a sua versão, o seu olhar sobre as Jornadas e nos auxiliar no nosso objetivo de preservação e divulgação demais essa história.

**RÍSCOS DA PESQUISA:** Ao rememorar algumas situações do passado pode ocorrer algum desconforto emocional, que deverá ser comunicado imediatamente ao pesquisador para que o mesmo interrompa o processo. Caso seja de seu interesse, a entrevista pode ser acompanhada por algum parente próximo.

**CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** Asseguramos sigilo e privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os dados construídos por meio das entrevistas só serão divulgados com o seu consentimento, bem como a sua identificação no texto da pesquisa.

**CONTATOS:** O senhor(a) poderá entrar em contato conosco em qualquer momento para esclarecer dúvidas ou para qualquer outra demanda:

- Cássia Danielle Monteiro Dias Lima

Endereço: Rua Custódio Carreira, nº 35/404. Prado / BH.

Telefones: 3332-0737/84458660

- Meily Assbú Linhales

Telefones: 3409-2396

- Comitê de Ética na Pesquisa da UFMG

Endereço: Av. Antônio Carlos, nº 6627. Pampulha/ BH. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Telefone: 3409 45 92

### **CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_ li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

---

(Assinatura)

## APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PROFESSOR ORGANIZADOR

- 1) O que vocês pretendiam alcançar com a realização da Jornada Internacional de Educação Física?
- 2) Havia ligação do curso que ocorreu em Belo Horizonte com outros que aconteceram em outras cidades mineiras? E em outros estados brasileiros (Santos)? E com o que foi realizado na Argentina?
- 3) Quais os critérios usados para seleção dos professores convidados?
- 4) Todos os professores da Escola de Educação Física de MG participaram ativamente do curso?
- 5) O evento fazia parte do calendário acadêmico da Escola?
- 6) Que relações havia entre as entidades organizadoras (EEF; DE; AEA-EEF)?
- 7) De qual forma os conteúdos foram escolhidos? Porque esses e não outros?
- 8) O que esse curso significou para você? O que ele significou, em sua opinião, para o professorado mineiro?
- 9) Que infra-estrutura as Jornadas demandava? Quais locais foram escolhidos para abrigar os encontros?
- 10) De onde provinham os recursos necessários a realização das Jornadas?
- 11) Porque não foram realizadas outras edições depois da V em 1952?
- 12) Sobre as Jornadas outras lembranças profissionais e/ou afetivas te ocorrem?

### **APÊNDICE III – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ALUNOS PARTICIPANTES**

- 1) Porque você optou por participar da Jornada Internacional de Educação Física?
- 2) Você se lembra de quantas edições participou?
- 3) Qual foi a repercussão desse curso entre os estudantes?
- 4) Quais foram os conteúdos que realmente interferiram na sua atuação docente?
- 5) Você acredita que esse curso foi importante para sua formação? Por quê?
- 6) Era comum a Escola de Educação Física de MG promover esse tipo de atividade?
- 7) O que você achava da participação de padres e freiras? Eles participavam de todo o curso, até da parte prática?
- 8) Os conteúdos ministrados eram inovadores? Eram bem diferentes dos que vocês aprendiam na graduação?
- 9) Onde os cursos ocorriam?

**APÊNDICE IV – RELAÇÃO DE PROFESSORES PARTICIPANTES  
NAS CINCO EDIÇÕES DAS JORNADAS**

<b>PROFESSOR</b>	<b>ORIGEM</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>EDIÇÃO</b>
Sylvio José Raso	Belo Horizonte –DEMG; EEF-MG	Organização Aula Inaugural	Todas 1ª Jornada
Antônio Rubem Mendes	Belo Horizonte –DEMG	Organização	Todas
Olavo Amaro da Silveira	Belo Horizonte –EEF-MG	Organização	Todas
Odilon Barbosa	Belo Horizonte – Associação de Ex-alunos da EEF-MG; DEMG	Organização Iniciação Esportiva: Futebol de Salão e Recreação Iniciação Esportiva: Futebol de Salão e de Recreação	Todas 2ª Edição 5ª Edição
Major Geraldo Pinto de Souza	Belo Horizonte –EEF-MG	Organização Metodologia do treinamento esportivo Orientação técnico pedagógica – objetivo da V Jornada	1ª Edição 5ª Edição
Herbert de Almeida Dutra	Belo Horizonte –EEF-MG	Organização Iniciação Esportiva Natação	Todas 2ª Edição 5ª Edição
Fernando Campos Furtado	Belo Horizonte –EEF-MG	Organização Organização e Ginástica Secundária Masculina	Todas 2ª Edição 5ª Edição
Guiomar Meireles Becker	Belo Horizonte –EEF-MG	Ginástica feminina moderna	1ª Edição 2ª Edição
Padre Carlos José Gonçalves	Belo Horizonte –EEF-MG	<i>Mens sana corpus sano</i>	1ª Edição
Heimar Matos	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização	1ª Edição
Jomar Cunha Malafaia	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização	1ª Edição

José Tavares de Souza	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização	1ª Edição
Ciro de Paula Mota	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização	1ª Edição
Pedro Nazaré	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização	1ª Edição
Pedro Rodrigues de Souza	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização Iniciação Esportiva Atletismo e Handebol	1ª Edição 5ª Edição
Nela Testa Taranto	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização	1ª Edição
Olga Meirelles Becker	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização	1ª Edição
Elos Pires de Carvalho	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização	1ª Edição
Pedro ad-Vincula Veado Filho	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização	1ª Edição
Sebastião Domingos	Belo Horizonte –EEF-MG	Auxiliar na organização	1ª Edição
Marta Miraglia	Belo Horizonte –EEF-MG		2ª Edição
Gerhard Schmidt	Áustria – União Austríaca de Ginástica	Método Natural Austríaco Ginástica Geral	1ª Edição 3ª Edição
Hanns Prochowinck	Rio de Janeiro –Escola Nacional de Educação Física e Desportos da U.B.	Ginástica de Solo	1ª Edição 3ª Edição 4ª Edição
Zaide Maciel de Castro	Rio de Janeiro (Estado da Guanabara) –Prefeitura do Distrito Federal  Serviço de Educação Física e Recreação do Estado da Guanabara	Atividades rítmicas, danças, jogos e rondas infantis	1ª Edição   4ª Edição
Augusto Listello	França –Instituto Nacional de Esportes	Atividades físicas generalizadas	1ª Edição
Alfonz Z. Renez	Hungria – Academia Real de Educação Física	Educação Física para crianças  Jogos e atividades com e sem aparelhos	1ª Edição
Antônio Boaventura da	São Paulo – Escola de Educação Física	Ginástica Sueca	1ª Edição

Silva			
Agenor Sant'Ana	Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura	Legislação Problemas da Educação Física na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	1ª Edição 5ª Edição
Moacyr Daiuto	São Paulo	Basquetebol	1ª Edição
Luiz Alves Mattos		Planejamento do ensino e aprendizagem	1ª Edição
Mauro Teixeira	São Paulo – Escola de Educação Física de São Carlos		1ª Edição
Júlio Mazzei	São Paulo – Escola de Educação Física de São Carlos		1ª Edição
Oswaldo Lisboa Niemeyer	Rio de Janeiro – Escola de Educação Física do Exército	Planejamento do ensino e aprendizagem	1ª Edição
Teodomiro Marcelos	Inspetor do Ministério da Educação		2ª Edição
Piera Manarim		Ginástica Moderna	2ª Edição
Pierre Well [sic]		Psicologia Aplicada a Educação Física Psicologia Aplicada a Educação Física	2ª Edição 3ª Edição
Henrique Becht	Hungria	Saltos e Acrobacias	2ª Edição
Raul Blanco	Uruguai		2ª Edição
Gino Poiani	Itália	Atletismo – Arremesso de peso	2ª Edição
Ivan Varga		Danças Folclóricas da Jugoslávia	2ª Edição
Juana Munizaga		Danças Folclóricas do Chile	2ª Edição
Hely Menegale	Diretor da Divisão Nacional do Ensino	Aula Inaugural	2ª Edição
Alfredo Colombo	Rio de Janeiro - Escola Nacional de Educação Física	Aula Inaugural	1ª Edição 2ª Edição
Helenita Sá Earp			2ª Edição

Glória Marcos Dias			2ª Edição
Myda Sala Pacheco		Dança Moderna	2ª Edição
Ingrid	Rio de Janeiro - Escola Nacional de Educação Física	Ginástica Rítmica	2ª Edição
Dorle Drewke Kuck	Alemanha	Ginástica Feminina	3ª Edição
Dr. Joaquim Lacaz de Moraes	São Paulo	Fisiologia Aplicada; Fisiologia da emoção; Fisiologia do músculo estriado; Controles nervosos do aparelho locomotor; Biotipologia da Educação Física.	3ª Edição
Antônio Boaventura da Silva	São Paulo		1ª Edição 3ª Edição
Dr. Ruy Gaspar Martins	Porto Alegre	Análise dos Movimentos	3ª Edição
Lia Bastian Meyer	Porto Alegre (RG) - Escola Superior de Educação Física de	Ginástica Rítmica	3ª Edição 4ª Edição
João Carlos Paixão Côrtes	Porto Alegre (RG) - Escola Superior de Educação Física de	Danças Regionais	3ª Edição
Pedro [palavra ilegível]	Belo Horizonte	Psicologia Aplicada	3ª Edição
Dr. [palavra ilegível] Tavares		Fisiologia Aplicada	3ª Edição
Dr. [palavra ilegível] Rocha		Treinamento Fracionado	3ª Edição
Deyse Neili Pinto		Recreação Aplicada	3ª Edição
Érica Saur	Rio de Janeiro	Ginástica Feminina	3ª Edição
Charles Astor	Rio de Janeiro -Escola da Aeronáutica, Clube Desportivo 1909 e R.S. Clube Ginástico	Cama Elástica	3ª Edição 4ª Edição

	Português.		
Dr. Maurício Rocha		Treinamento Fracionado	3ª Edição
Augusto Fiuza	Belo Horizonte	Psicologia Aplicada	3ª Edição
Dr. Luciano do Carmo	Belo Horizonte	Lideranças de reuniões	3ª Edição
Yesis Ilda y Amoedo Passarinho	Rio de Janeiro	Sociometria	3ª Edição 4ª Edição
Germano Bayer	Paraná - Escola de Educação Física	Filmes	3ª Edição
Dr. Waldemar Areno		Treinamento Fracionado	3ª Edição
Maria Marino de Grael	Chile - Instituto de Educação Física de Santiago	Ginástica Educativa Moderna	3ª Edição 4ª Edição
Senichi Asai	Japão - Universidade de Nara	Ginástica Olímpica	3ª Edição 4ª Edição
Albano Corrêa	EEF-MG	Judô	4ª Edição
Juan Carlos Cutrera (General Belgrano)	Argentina - Instituto Nacional de Educação Física		4ª Edição
Nely Gomes	Chile - Professora de Educação Física em Santiago		4ª Edição
Juan Antônio Seoane	Uruguai - Instituto Superior de Educação Física		4ª Edição
Carlos Black	Porto Alegre (RG) - Escola Superior de Educação Física de		4ª Edição
Hélcio Buck Silva	Paraná - Escola de Educação Física do Estado	Circuit Training	4ª Edição
Chyoe Matsumoto	Tóquio – Japão – Faculdade de Educação Física da Universidade de Educação		4ª Edição
Dora Pinto	Escola Nacional de Educação Física e		4ª Edição

	Desportos da U.B.		
Lênea Gaelzer	Porto Alegre (RG) - Escola Superior de Educação Física		4ª Edição
Consuelo Carvalho de Freitas Pinto	São Paulo - Escola de Educação Física	Ginástica primária e danças folclóricas	4ª Edição 5ª Edição
Dr. José Osvaldo Retz	São Paulo - Escola de Educação Física		4ª Edição
Fernanda Barroso Beltrão	Escola Nacional de Educação Física e Desportos da U.B.		4ª Edição
Illona Pueker	Rio de Janeiro (Estado da Guanabara) – Professora do Colégio Bennett		4ª Edição
General Jair Jordão Ramos	Estado da Guanabara - Grupo de Estudos da Divisão de Educação Física do MEC	Organização desportiva	4ª Edição 5ª Edição
Dr. Luiz da Silva Tavares	Estado da Guanabara - Grupo de Estudos da Divisão de Educação Física do MEC		4ª Edição
Dr. José Faria Tavares	Belo Horizonte – Secretário da Educação do Estado de MG		5ª Edição
Fernando Antônio Grosso	Belo Horizonte	Basquetebol Iniciação Esportiva de Basquetebol	4ª Edição 5ª Edição
Marluci Guimarães Gomes	Belo Horizonte	Ginástica secundária feminina	5ª Edição
Antônio Macêdo	Belo Horizonte – Minas Tênis Clube	Ginástica pré-primária	5ª Edição
Gilson Santana	EEF-MG – Belo Horizonte	Iniciação Esportiva: Futebol de Salão	5ª Edição
Adolfo Guilherme	EEF- MG – Belo Horizonte	Voleibol Iniciação Esportiva: Voleibol	4ª Edição 5ª Edição
Lincoln Raso	EEF- MG – Belo Horizonte	Iniciação Esportiva: Voleibol	5ª Edição